

Ter. 4/199

Rui Valdiviesso

**Contribuição para o Conhecimento da
Territorialidade Humana: o *Graffiti* e o Espaço
Territorial Urbano**



Departamento de Zoologia e Antropologia
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
Dezembro de 2006



FC

Biblioteca
Faculdade de Ciências
Universidade do Porto

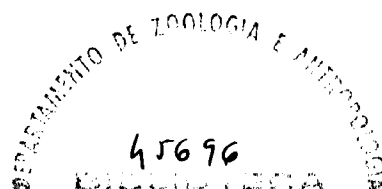


D000065189

Rui Valdiviesso

**Contribuição para o Conhecimento da
Territorialidade Humana: o *Graffiti* e o Espaço
Territorial Urbano**

*A presidente do júri
Leudovina dos Santos Eustáquio e Cunha
11/07/2007*



**Tese submetida à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
para obtenção do grau de Mestre em Biologia para o Ensino**

**Departamento de Zoologia e Antropologia
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
Dezembro de 2006**

AGRADECIMENTOS

Orientar uma investigação é um trabalho árduo, uma empresa que só pode ser tomada por alguém que acredite na Ciência como propulsor do Futuro. Como tal, as minhas primeiras palavras de apreço e admiração pertencem ao Professor Doutor Paulo Fontoura, por acreditar no pioneirismo deste estudo e por lhe ter dedicado o seu habitual rigor científico e técnico, sua experiência e sabedoria.

Aos meus pais, por serem a fundação primordial da minha existência e crescimento.

À Luísa pelo amor, carinho, apoio e estímulo constantes. Por acreditar em mim.

Aos amigos de sempre. Ao Fernando. Ao Cristiano. Por estarem sempre presentes. Ao Pedro Miranda por ser um exemplo de disciplina, rigor, arte e amizade. Ao Pedro Brito pelo crucial apoio logístico. À Francisca e seus parasitas... A todos os amigos.

Ao meu irmão, João Pedro, e cunhada, Cristina. À Preciosa, Fernando, João... À minha avó! A toda a minha família.

Aos amigos e colegas de Mestrado, por serem um grupo coeso e divertido, onde a monotonia nunca teve lugar cativo: à Célia e o essencial e precioso apoio mútuo e amizade; à Adriana, Isabel, Nuno, Patrícia, Tânia e Verónica.

Às Escolas que participaram na aplicação dos inquéritos, especialmente à D^{ra}. Dalila Sousa, que é agora colega, mas que será sempre a Professora Dalila, um exemplo de competência e dedicação à Profissão.

Aos *writers*, precursores de um mundo em evolução, onde uma forma de estar muito antiga e humana se encontra com a cidade e o presente.

«Nós, seres humanos, somos animais. Umas vezes somos monstruosos, outras imponentes, mas sempre animais. Preferimos pensar em nós próprios como anjos que caíram do céu, mas a verdade é que não passamos de macacos que se puseram de pé.»

Desmond Morris

(in O Animal Humano. Gradiva, 1996)

RESUMO

A territorialidade é um comportamento comum nas sociedades animais, das quais o Homem não é excepção. Os grupos de *Homo sapiens*, bem como os seus ancestrais directos, sempre defenderam os seus territórios vitais contra intrusos, sendo que os benefícios de um comportamento territorial são superiores aos custos na nossa espécie, contribuindo também para a grande expansão do Homem pela Terra. Na actualidade, a maior parte dos humanos vive em grandes cidades, nas quais o comportamento territorial se teve que adaptar a uma realidade radicalmente diferente daquela que assistiu à hominização. No entanto, a necessidade de definir, controlar e defender territórios permanece no ambiente urbano e pode-se reflectir em diversos aspectos, sendo o *graffiti* uma manifestação provável de comportamento territorial.

Os *graffiti* dos gangs das principais cidades norte-americanas são uma marcação territorial (MORRIS, 1996), assim como o *graffiti* dos surfistas na Austrália ou Havai (SOMMER & SOMMER, 1993). O tipo de *graffiti* que se encontra com mais frequência nas cidades actuais - o *graffiti* TTP (de Tags/Throw-ups/Pieces, JACOBSON, 1997), fruto de ter sido sempre conotado como um fenómeno sócio-cultural e artístico, nunca tinha sido estudado, até à data, no âmbito da Biologia do Comportamento nem associado claramente ao comportamento territorial. Este trabalho pretende estudar a relação desse tipo de *graffiti* que alastra nas nossas cidades, com o comportamento territorial de indivíduos ou grupos que a ele se dedicam.

Para o efeito, foram delineadas novas metodologias, no sentido de amostrar e caracterizar *graffiti*, bem como estudar as relações entre a sua distribuição e determinados locais e de relacionar grupos diferentes de *writers* entre si. Foi também empreendido um estudo sobre as motivações pessoais para o *graffiti*, baseado em inquéritos na área urbana em estudo e em áreas não urbanas como controlo.

Os extensivos trabalhos de campo levados a cabo, produziram resultados que apontam para uma inequívoca relação do *graffiti* com o espaço em que está

inserido, havendo uma muito maior frequência de marcações na proximidade de locais de agregação de jovens, como escolas ou espaços de jogo/recreio.

Os dados da caracterização morfológica apontam para a existência de uma morfologia de *graffiti* mais frequente, bem como da utilização de materiais e substratos, comuns a diversos *writers*.

Concluiu-se, também, que o *graffiti* realizado por grupos apresenta uma distribuição definida, com uma dinâmica própria, em que dois grupos diferentes se encontram separados no espaço, podendo considerar-se a existência de territórios de grupo, onde surge uma grande quantidade de *graffiti* do mesmo grupo feitas por elementos diferentes, e de zonas de deambulação individual, nas margens do território, onde surgem *graffiti* em menor quantidade e feitos apenas por um elemento do grupo.

Na componente do estudo que foca a motivação pessoal para o *graffiti*, a territorialidade assume uma grande importância em alunos da zona urbana em estudo, comparativamente a alunos das zonas não urbanas que serviram de controlo. Existe, assim, uma forte motivação territorial para o *graffiti* na zona urbana estudada.

Apesar das limitações inerentes a um estudo pioneiro e inovador, pode-se considerar que existe uma componente de marcação territorial no *graffiti*, que trabalhos posteriores poderão explorar de uma forma mais intensiva e específica.

ABSTRACT

Territoriality is a common behaviour on animal societies, from which humans don't stand exception. The groups of *Homo sapiens*, as well as their predecessors, have always defended their vital territory against intruders, whereas the benefits of that behaviour were superior to the costs, also contributing to the great expansion of men over the Earth. Nowadays, most of mankind live in great cities, where the territorial behaviour had to adapt to a radically diverse reality of that which assisted hominization. However, the need to define, control and defend territories is maintained in urban environments, and can be reflected in several aspects, such as *graffiti*.

Gang *graffiti* of the major North-American cities are territorial markings (MORRIS, 1996), as well as Australia and Hawaii surfer's *graffiti* (SOMMER & SOMMER, 1993). The kind of *graffiti* that can be most frequently found on cities nowadays, the TTP *graffiti* (stands for Tags/Throw-ups/Pieces, JACOBSON, 1997), due to its association with social, cultural and artistic aspects, has never been studied until now by the Biology of behaviour, nor properly associated to territoriality. This study is focused on the relation of that kind of *graffiti* that spreads over our cities, with territorial behaviour of individuals and groups that are responsible for it.

To achieve this purpose, new methods were developed in order to sample and characterize *graffiti*, as well as to study the relation between its distribution and some specific places and to interrelate different groups of *writers*. The motivational analysis on *graffiti* was studied as well, through the application of an inquiry on students of the urban area in which occurred the investigation, and in other students of non-urban environment, to serve as a control group.

The extensive groundwork that was made produced results that suggest an unquestionable relationship between *graffiti* and the space where it's inserted. There is a much bigger frequency of *graffiti* markings in places nearby schools or playgrounds.

The data on characterization of *graffiti* morphology kinds head towards the existence of a type of morphology that is more frequent in *graffiti*, as well as in the use of materials and places common to most of the *writers*.

One can conclude, also, that the *graffiti* made by different groups shows a well defined distribution, in which both groups are separated in space, having a dynamic way of distributing: in the centre of a group's turf, there's a large amount of group tags made by several elements, and in the margins of the territory, single member's markings are found, which can be associated with home ranges for single members.

In the motivational study, territoriality assumes great importance between urban students, comparatively with the non-urban ones. Unquestionably, territoriality drives an important aspect for those students that write *graffiti* in the urban area that was studied.

Although the inherent limitations of this being a pioneer and innovative study, there can be considered that *graffiti* of TTP kind has a territorial dimension, which further works can explore in a more intensive and specific way.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. O ESTUDO DO COMPORTAMENTO: O MODELO SOCIOBIOLÓGICO.....	10
1.2. A TERRITORIALIDADE.....	15
1.3. EVOLUÇÃO HUMANA E TERRITÓRIO.....	19
1.4. O <i>GRAFFITI</i>	25
1.4.1. DADOS HISTÓRICOS SOBRE O <i>GRAFFITI</i>	25
1.4.2. CLASSIFICAÇÃO DE <i>GRAFFITI</i>	29
1.4.2.1. A CLASSIFICAÇÃO TTP	30
1.4.2.2. EVOLUÇÃO DO TTP	33
1.4.3. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL DO <i>GRAFFITI</i>	35
1.5. OBJECTIVOS.....	41
2. METODOLOGIA.....	43
2.1. DEFINIÇÃO DE ÁREAS DE ESTUDO DE <i>GRAFFITI</i>	43
2.2. DEFINIÇÃO DE MÉTODOS DE AMOSTRAGEM DE <i>GRAFFITI</i>	46
2.3. DETERMINAÇÃO DE MEDIDAS DE DISTRIBUIÇÃO PREFERENCIAL DE <i>GRAFFITI</i>	52
2.4. CARACTERIZAÇÃO.....	54
2.5. ESTUDO DE TAGS E RELAÇÃO COM A TERRITORIALIDADE DE GRUPOS.....	60
2.5.1. OS TAGS GMB E CG	60
2.5.2. A MARCAÇÃO MF.....	61
2.6. ESTUDO DAS MOTIVAÇÕES PESSOAIS DO <i>GRAFFITI</i>	62
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	64
3.1. DETERMINAÇÃO DE MEDIDAS DE DISTRIBUIÇÃO PREFERENCIAL DE <i>GRAFFITI</i>	64
3.2. CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA DE <i>GRAFFITI</i>	70
3.3. ESTUDO DE TAGS E RELAÇÃO COM A TERRITORIALIDADE DE GRUPOS.....	78
3.3.1. O TAG GMB	78
3.3.2. O TAG CG.....	84
3.3.3. RELAÇÕES ENTRE OS TAGS GMB E CG	87
3.3.4. O GRUPO MF	92
3.4. ESTUDO DAS MOTIVAÇÕES PESSOAIS DO <i>GRAFFITI</i>	98
3.4.1. CARACTERIZAÇÃO DAS AMOSTRAS	98
3.4.2. ACTO OU INTENÇÃO DE FAZER <i>GRAFFITI</i>	100
3.4.3. COMPONENTE MOTIVACIONAL.....	104
4. CONCLUSÕES	110
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
6. BIBLIOGRAFIA.....	118
7. WEBGRAFIA.....	124
8. ANEXOS	125
9. GLOSSÁRIO DE TERMOS RELACIONADOS COM O <i>GRAFFITI</i>	130

1. | INTRODUÇÃO

1.1. | O ESTUDO DO COMPORTAMENTO: O MODELO SOCIOBIOLÓGICO

Segundo ALEXANDER (1975), nenhum campo científico é mais complexo do que o estudo do comportamento, e nenhum é mais central para os problemas e aspirações humanas.

Como todas as áreas científicas, a investigação em comportamento animal e humano evoluiu devido a diversas mudanças paradigmáticas, nomeadamente pelo confronto de perspectivas conceptuais diferentes. O estudo do comportamento tornou-se especialmente preponderante com os contributos de I. Pavlov sobre os reflexos condicionados, mais tarde incluídos na escola do pensamento behaviorista, que partia do princípio que o comportamento animal e humano era condicionado pela aprendizagem. Esta doutrina radicava fortemente na linha filosófica de John Locke e sua ideia de ser humano vindo ao mundo como uma tábua rasa. Apesar dos behavioristas terem contribuído de uma forma importante para o estabelecimento dos fundamentos do comportamento de aprendizagem, nunca consideraram e reduziram, até, a possibilidade de alguns aspectos comportamentais serem devidos a adaptações genéticas (EIBL-EIBSFELDT, 1989).

As teorias que afirmavam que o comportamento é apenas uma resposta a estímulos externos, foram refutadas experimentalmente a partir do estudo de biólogos, como Konrad Lorenz e Niko Tinbergen, demonstrando que as adaptações filogenéticas determinam o comportamento e fundando as bases da Etologia (EIBL-EIBSFELDT, 1989), que LORENZ (1960) define como a aplicação de métodos ortodoxos da Biologia aos problemas do comportamento.

A Etologia cedo se começa a interessar pelo comportamento humano, começando por compara-lo, numa primeira fase, ao comportamento animal, nomeadamente dos vertebrados superiores. Irenäus Eibl-Eiblsfeldt contribuiu, de sobremaneira, para estes estudos comparativos, de cujo desenvolvimento se viria a estabelecer a Etologia Humana, que se dedica à investigação de

sequências comportamentais complexas em indivíduos e da interação entre pessoas e grupos de pessoas. Actua, assim, num nível de integração mais vasto que a Psicologia Comparada, que se preocupa apenas com processos elementares da vida como a percepção de estímulos e a resposta a esses estímulos. Estas preocupações, se bem que essenciais para a compreensão dos comportamentos, não permitem uma dedução das leis que regem as interacções sociais. Os objectos da Etologia Humana são a elucidação sobre mecanismos fisiológicos do comportamento, a descoberta das funções realizadas pelos padrões comportamentais e a consequente relação com as pressões selectivas às quais os comportamentos devem a sua existência. Finalmente, investiga o desenvolvimento de um dado comportamento na ontogenia, filogenia e história cultural (EIBL-EIBSFELDT, 1989).

Contemporaneamente ao desenvolvimento da Etologia Humana, uma nova área de estudo do comportamento começou a ganhar importância: a Sociobiologia, principalmente a partir dos estudos de WILSON (1975).

A Sociobiologia é a ciência que estuda a adaptabilidade do comportamento social, animal e humano. O esforço de autoconservação e reprodução dos animais traduz-se, sempre, em determinadas formas de comportamento e em mais nenhuma outras, logo, o comportamento social está sujeito à força dos processos biológicos evolutivos (VOLAND, 1999).

Esta identidade de comportamentos sociais está bem patente nos humanos. Apesar de sermos uma espécie cosmopolita, multicultural, de nos dividirmos por diferentes ambientes, em diferentes raças e etnias, partilhamos a mesma herança genética. Apesar de falarmos dialectos diferentes, todos radicam na mesma base. Usamos as mesmas expressões faciais, os mesmos gestos... temos costumes matrimoniais diferentes, mas todos nos apaixonamos (MORRIS, 1996).

A força dos processos evolutivos pode ser explicada pelos princípios darwinistas da selecção natural, segundo a qual os indivíduos biologicamente mais bem sucedidos deixam uma maior descendência, logo, os seus genes aumentam na população. Em condições naturais, o crescimento de uma população é limitado pela escassez de recursos num dado ambiente (que se traduz por falta de território, alimentos, parceiros sexuais, cuidados parentais, etc.). Teoricamente, são sempre produzidos mais descendentes do que

aqueles que, por sua vez, conseguem reproduzir-se, o que conduz à competição entre indivíduos pelo acesso aos recursos disponíveis. A diversidade dos indivíduos leva a que alguns, pelas suas características, tenham mais capacidade de explorar os recursos do que outros, conseguindo, assim, reproduzir-se mais facilmente e aumentar a frequência dos seus genes na população. Assim, a evolução aponta no sentido de uma eficácia reprodutiva máxima, à qual se dá o nome de adaptação. O seu resultado é a adaptabilidade dos organismos às suas condições de vida, e isto é válido em termos do comportamento social (VOLAND, 1999).

Embora a selecção natural se centre nos fenótipos, dado que estes determinam os traços de um portador e, como tal, as suas vantagens adaptativas em relação a um determinado ambiente, os processos de adaptação biológica dão-se ao nível dos genes. É nestes que se encontra a informação filogeneticamente adquirida, cuja imortalidade assegura a continuidade da vida. Os indivíduos, as populações, a espécie, entidades tão importantes na perspectiva darwinista, não serão, assim, mais do que efémeros portadores, servindo para fornecer um meio para a replicação dos genes (DAWKINS, 2003).

Esta ideia trouxe uma nova luz ao entendimento de comportamentos considerados como manifestações de *altruismo fenotípico*, que pressupunham que, na selecção natural, podia haver lugar à autolimitação dos indivíduos, com desvantagens em relação às probabilidades da sua própria sobrevivência e reprodução, no sentido de favorecerem a propagação de outros indivíduos. No entanto, esta suposta *selecção de grupo* pode ser antes entendida como uma *selecção de parentesco*, na medida em que esse pretendo altruísmo poderá contribuir para a replicação e/ou conservação dos próprios genes.

Exemplos de selecção de parentesco podem ser encontrados nos estudos em himenópteros eussociais (ver TRIVERS & HARE, 1976; VOLAND, 1999), assim como em outros animais, inclusivamente mamíferos superiores (VOLAND, 1999), como os chimpanzés ou o Homem.

O ser humano é um animal. Somos produto da evolução biológica e devemos a nossa natureza, incluindo o intelecto, às mesmas leis e princípios biológicos que regeram a evolução de todas as outras espécies. Contudo, a Sociobiologia, quando se dedica ao estudo do comportamento social humano,

é afectada por um conjunto de interrogações que VOLAND (1999) identifica, a saber:

1) O que é, propriamente, adaptativo no comportamento humano?

Em oposição à maior parte dos animais, o homem evoluiu num meio sociocultural e ecológico diferente do actual. Como tal, podemos considerar duas perspectivas diversas: uma que defende que um comportamento é adaptativo quando a sua origem remonta à acção da selecção natural (no caso do homem, durante o Pleistoceno) e diz respeito à adaptabilidade, considerando, portanto, a adaptação no passado; outra, que advoga a continuidade das forças de selecção, referindo que o comportamento é adaptativo quando se encontra associado à máxima aptidão possível.

2) Qual o papel da cultura no processo evolutivo humano?

O racionalismo ocidental promoveu a separação entre os aspectos natural e cultural humanos, perspectivando a cultura como algo de carácter superior, independente da natureza. Esta ideia antropocentrista defende, assim, que a cultura humana não seria evolutiva da mesma forma que o são os aspectos morfológicos e fisiológicos. No entanto, sabemos que a capacidade para a cultura reconheceu uma evolução biológica, como se pode constatar nas razões que levaram ao crescimento do nosso cérebro e à necessidade da sua utilização. Além disso, a cultura contribui para solucionar problemas biológicos fundamentais de autoconservação e reprodução. A cultura, não é, como se pensa, exclusivamente humana, dado que, se considerada como um conjunto de tradições e de dados adquiridos que podem ser transmitidas por ensinamento de geração em geração, pode ser encontrada em muitos animais, em alguns deles com elevada complexidade (AVITAL & JABLONKA, 2000). Como exemplo, a luta simbólica nos cães é hereditária, inata. Contudo, quando uma cadela observa dois filhos a lutar entre si, separa-os quando um deles se mostra triunfante, ensinando-o a respeitar a derrota do seu irmão e

evitando que o magoe. Isto significa que parte do comportamento de luta é instintivo e parte é aprendido (FAST, 2001).

O comportamento humano será, assim, condicionado simultaneamente pela cultura e pela natureza, pois resulta tanto de informação genética como de instruções comportamentais transmitidas.

3) Como lidar com o prolongamento ideológico dos conhecimentos biológicos? Muitas ideologias, especialmente as mais obscuras e segregativas, têm sido aliciadas por uma interpretação conveniente e, por isso, dúbia, dos conhecimentos da biologia. Isto resulta, por exemplo, na falsa ideia de que a selecção natural privilegia os melhores, aqueles que terão características superiores aos demais, em oposição à ideia darwinista original e livre de preconceitos, de que a selecção natural favorece os mais aptos. A indistinção entre **os mais aptos** e **os melhores** não faz sentido em Biologia. A Sociobiologia, como ciência analítica e descritiva, pode interessar-se por problemas sobre a evolução biológica da desigualdade social ou da repressão, mas isto não significa que seja a sua causa.

1.2. | A TERRITORIALIDADE

A dispersão espaciotemporal das populações animais é influenciada por três séries de factores determinantes: organismos em interacção; tempo e espaço (GRUBB & JEWELL, 1966). É precisamente no conjunto de factores ligados ao espaço que se inserem os factores relacionados com o territorialismo, embora a diferentes níveis. Com efeito, um animal pode defender o seu espaço pericorporal e interpessoal face a um conspécifico - relação hierárquica - e também o seu domínio vital, locais de reprodução, etc., contra um grupo de competidores vizinhos - territorialismo. No que diz respeito ao espaço interpessoal, também é sabido que o maior ou menor gregarismo traz vantagens na obtenção de alimento e redução da pressão predatória (ORIENS, 1971; WATSON, 1970), podendo reconhecer-se espécies de contacto ou de distância que, notoriamente, apresentam diferentes padrões comportamentais, tais como posturas, vocalizações, cores, etc. (MORRIS, 1956). Os benefícios da associação, para os genes dos animais que vivem em grupo, devem ser maiores do que o investimento. A título de exemplo: as hienas podem caçar sozinhas, mas sem grande sucesso, e como tal, caçam em bando, mesmo que tenham que partilhar o alimento; os pinguins imperiais conservam o calor encostando-se uns aos outros; os cardumes de peixes têm uma vantagem hidrodinâmica relativamente a um peixe solitário, conseguindo assim percorrer maiores distâncias e encontrar mais alimento (DAWKINS, 2003).

A ideia de defesa do espaço, abordada acima, é central na compreensão da territorialidade: um **território** é um espaço delimitado, controlado e defendido, com algum dispêndio de energia, de forma a assegurar as possibilidades de exploração exclusivas. Desta forma, pode-se distinguir entre território e **campo de reconhecimento** (*home range*), que corresponde a qualquer área explorada por um animal do ponto de vista ecológico, mas que não é activamente defendida contra vizinhos e invasores (VOLAND, 1999). Outro espaço referenciado nos estudos sobre territorialidade é a **área nuclear** (*core area*), que corresponde ao espaço onde a maior parte da actividade dos

animais está concentrada. Este local situa-se geralmente na vizinhança dos ninhos ou em áreas de alimentação (GOODENOUGH *et al.*, 1993).

O valor adaptativo do comportamento territorial na reprodução e sobrevivência é por demais evidente (ver exemplos nas revisões de ALCOCK, 1998; GOODENOUGH *et al.*, 1993; GUYOMARC'H, 1980), e assim sendo, os animais que apresentam comportamento territorial encontraram, ao longo da sua filogenia, mais benefícios que custos na posse de um território. Este sistema de benefícios/custos, muito grato ao pensamento sociobiológico, é enquadrado por GOODENOUGH *et al.* (1993), na Teoria da Optimização, que se baseia no seguinte: um determinado traço comportamental evolui no sentido da optimização, entendida como a melhor forma possível de comportamento dadas as condições do meio. A selecção natural mede os custos e benefícios de uma dada alternativa de comportamento em unidades de aptidão, escolhendo a alternativa que maximiza a diferença entre custos e benefícios, ou seja, maximiza a aptidão.

Assim, para o comportamento territorial, os principais benefícios são (GOODENOUGH *et al.*, 1993; VOLAND, 1999):

1. diminuição da pressão predatória;
2. aquisição de alimentos garantida e mais eficiente;
3. aumento da atracção reprodutiva;
4. protecção das crias e/ou parceiros reprodutores;
5. defesa mais eficaz de recursos limitados;
6. evitação de mais altos custos de dispersão.

E os custos:

1. maior dispêndio de energia;
2. risco de lesões;
3. maior visibilidade para os predadores.

Admite-se, geralmente, que os custos e benefícios aumentem ambos com o tamanho do território. Por exemplo, um território maior providencia mais alimentos, mas o animal gastará mais energia para o patrulhar. É de esperar, como tal, que os animais adoptem um dado tamanho territorial que lhes dê o

maior lucro possível em aptidão, ou seja, uma optimização da dimensão do território. Esta dimensão varia com as espécies e com os ambientes. Continuando com o exemplo da alimentação, os estudos que aplicam a Teoria da Optimização para o tamanho do território, apontam para duas estratégias: gastar o mínimo de tempo possível para recolher o mínimo de energia necessária, ou maximizar a energia por via de uma alimentação mais completa (GOODENOUGH et al., 1993).

Existem espécies territoriais que, dadas as condições do meio, assumem comportamento territorial apenas em determinadas alturas do ano ou em determinados habitats, mas que noutras alturas ou locais, comportam-se de uma forma não territorial, sendo que a explicação desta variação comportamental espaciotemporal, reside no facto de que, nem sempre as condições do meio permitem uma maximização dos benefícios do comportamento em relação aos custos. Assim, quando os custos do comportamento territorial superam os seus benefícios, os animais abandonam o territorialismo (VOLAND, 1999).

Como se sabe, o controlo de um território passa por um conjunto de comportamentos que têm o objectivo de marcar a posse desse território - **marcações territoriais** - havendo diversas formas de o fazer. Por exemplo, a geneta, *Genetta genetta*, um pequeno mamífero carnívoro que habita montados, usa as suas fezes como marcadores olfactivos, que deposita em locais específicos denominados latrinas, e que funcionam como pontos de marcação territorial (COSTA, 2000).

Na generalidade, a marcação territorial exige um patrulhamento constante do território, com subsequente dispêndio de energia e tempo. Logo, os benefícios do controlo do território a partir das marcações devem superar os custos. As marcações servem para assinalar aos intrusos a existência de um território e os seus limites, que são geralmente respeitados: classicamente, admite-se que no espaço territorial, o intruso é fraco e o proprietário é forte (PITÉ & AVELAR, 1996; VOLAND, 1999; GOODENOUGH et al., 1993). No entanto, quando um território é invadido, ou seja, quando o invasor do território está disposto a correr os riscos desse acto, o seu detentor defende-o, recorrendo a comportamentos agonísticos (GOODENOUGH et al. 1993). O risco de lesões na defesa territorial é considerado um dos maiores custos da

territorialidade. No entanto, os confrontos agonísticos entre animais que resultem em agressão física são, na generalidade, muitíssimo raros. A agressão, na maior parte dos casos, resume-se a um conjunto de exibições simbólicas de força e vigor. Os animais, assim, recorrem mais facilmente a estes comportamentos de agressão simbólica do que a um confronto físico agonizante, que iria trazer mais riscos do que benefícios a qualquer um dos intervenientes (MORRIS, 1996; DAWKINS, 2003).

O estabelecimento de territórios é, assim, uma forma de reduzir a agressão, pois proporciona uma zona de domínio ao seu proprietário, que ao mesmo tempo respeita o território alheio. Cada qual possui a sua quota-parte, o que resulta numa distribuição adaptada à extensão e condições do habitat (regras de dispersão de Horn - WATSON, 1970).

1.3. | EVOLUÇÃO HUMANA E TERRITÓRIO

Tal como nos restantes animais, ao longo da filogenia de *Homo sapiens*, os nossos ancestrais terão encontrado vantagens em preservar territórios, que se traduziram por uma supremacia dos benefícios em relação aos custos de aquisição e defesa dos espaços.

EIBL-EIBLSFELDT (1989) refere que o comportamento territorial ocorre tanto em *Homo sapiens* como nos primatas que nos são mais relacionados, como os chimpanzés ou os gorilas, e, portanto, que o territorialismo é um traço comportamental humano adquirido filogeneticamente. Este autor dá exemplos de vários povos que seguem um estilo de vida tribal com comportamento territorial, como os Esquimós árticos, os Pigmeus e Bosquímanos africanos e os Aborígenes australianos.

O estudo do territorialismo em *Homo sapiens*, fulcro deste trabalho, não pode ser entendido sem o conhecimento de alguns aspectos prováveis da sua evolução. Esta, segundo um ponto de vista mais tradicional, parece apontar para uma passagem de um modo de vida recolector, de floresta, para a savana e para a caça. Importa referir que qualquer teoria sobre a evolução humana está extremamente restringida devido à inexistência de registos fósseis, que se prolonga durante cerca de 3 milhões de anos, na chamada *lacuna pliocénica*, uma descontinuidade estratigráfica que terá apagado registos desde há 7 até 4 milhões de anos atrás. Os registos fósseis dos nossos ancestrais antropóides que conhecemos, são posteriores a essa lacuna. Antes, não se conhecem fósseis de homínídeos. Logo, a nossa evolução de macacos para humanos reconhece um imenso lapso, do qual todas as hipóteses não passam de meras conjecturas. Admite-se que a hominização se deu pela passagem directa de ambientes florestais para a savana, tendo os nossos ancestrais passado de um modo de vida recolector e arborícola, para uma ocupação de savanas com ervas altas e árvores escassas, onde tiveram que recorrer à caça (MORRIS, 1996; HAVILAND, 2003).

A transição para um *modus operandi* de caçadores cooperativos parece explicar muitas das nossas características actuais, tais como a comunicação, a cooperação, o altruísmo (nepotista), a marcha bípede ou a postura erecta.

Existem outras teorias evolutivas, com destaque para a Teoria do Macaco Aquático (Aquatic Ape Theory), originalmente proposta por Sir Allistar Hardy e que assenta no pressuposto que essa transição de um modo de vida recolector e arborícola para a caça não foi directa, tendo os ancestrais dos primeiros homínídeos passando por uma fase aquática em ambientes junto a lagoas e praias (MORRIS, 1996; VERHAEGEN, 1987; MONTGOMERY, 2005; OPPENHEIMER, 2003). A teoria aquática, apesar de muito criticada, não entra em confronto com a teoria tradicional. Aliás, as duas parecem complementar-se, sugerindo como primeiro patamar da evolução uma passagem pelo meio aquático, que terá favorecido o desenvolvimento de características que possibilitaram a colonização de ambientes terrestres, onde nos tornámos caçadores com clara vantagem sobre outros predadores (MORRIS, 1996).

Assim, os nossos ancestrais passaram a ser caçadores e a ter que competir com outros predadores numa acção arriscada e difícil de caça cooperativa, tendo, por isso que dividir as tarefas. A caça tornou-se exclusiva dos machos, enquanto que as fêmeas, as crianças e os velhos eram deixados em segurança. Para tal, surgiram os primeiros povoados, com as primeiras cabanas, como protecção.

Nos seres humanos, a partilha do espaço encaixa no estilo de vida de uma tribo cooperativa, sendo provável que tenham existido unidades familiares privadas desde fases muito recuadas da evolução humana. Nos povoados existiria um aglomerado de pequenas cabanas. Deste modo, indivíduos de baixo estatuto podiam usufruir dum estatuto elevado, pelo menos, nas suas unidades domésticas, impedindo-os de serem esmagados pela competição social e reduzindo as probabilidades de vingança violenta (MORRIS, 1996).

Primitivamente, este padrão de povoado proporcionava dois tipos de território: o pessoal, manifestado através das relações de proximidade e afastamento, e o tribal (que é actualmente o espaço social). Cada cabana pertencia a um indivíduo ou unidade familiar e cada aldeia pertencia a uma tribo.

O tipo de povoado tribal, com não mais de 100 indivíduos por aldeia (MORRIS, 1996) ou entre 100 e 300 (EIBL-EIBLSFELDT, 1989, referindo-se aos povoados europeus do Paleolítico), manteve-se durante um longo período da pré-história.

Os exemplos mais antigos de povoados humanos surgem na Tanzânia e datam de há 1.900.000 anos, sendo, por isso, anteriores ao aparecimento de *Homo sapiens*. Tratava-se de pequenas cabanas de formato redondo, formato este que se manteve durante o subsequente processo de hominização.

Apenas há cerca de 10.000 anos, com o advento da agricultura e os excedentes que daí resultaram, foi possível assistir a um maior crescimento populacional, de tal forma que as aldeias se viram forçadas a aumentar de tamanho, dando lugar às vilas, ainda com cabanas circulares ou ovais mas já com cerca de um milhar de habitantes, de que é exemplo a povoação neolítica de Khirokitia, no Chipre, e posteriormente, às cidades, cujas primeiras conhecidas se localizavam na Mesopotâmia, há cerca de 8.000 anos. O formato circular era, contudo, um entrave ao crescimento, pois não permitia a subdivisão das casas ou a adição de andares. A invenção do tijolo veio alterar o formato, a divisão e a dimensão das habitações. Em Çatal Hüyük, na Turquia, foi descoberto um povoado com cerca de 8.500 anos, formado por casas rectangulares construídas com tijolos de lama e aglomeradas em torno de pátios interiores comunais. A entrada para estes aglomerados era feita por uma escada exterior que era retirada, por razões de segurança. A divisão das casas em compartimentos permitiu a privacidade dos indivíduos, e uma nova organização das tarefas e do tempo surgiu com esta concepção de casa e de povoação, que se mantém nas cidades actuais.

O crescimento das cidades marcou um novo estilo de vida para a espécie humana. De caçadores/recolectores, passámos ao desempenho de outras tarefas, como a agricultura, a indústria, o comércio e serviços. Na actualidade, uma enorme fatia da população habita em cidades, em condições completamente diversas do meio onde evoluiu. Segundo o jornal PÚBLICO de 14 de Setembro de 2004, referindo-se a uma fonte da ONU, mais de 40% da população mundial se encontra nesta situação. O mesmo artigo refere que, até 2030, mais de cinco mil milhões de pessoas (60% da população mundial naquela altura) viverão nas cidades, onde, entre outras consequências, se destaca o crescimento dos bairros de lata, que acolherão, até 2020, cerca de dois mil milhões de pessoas. CLARKE (1989), alerta para os problemas demográficos que estão a atingir o Planeta, nomeadamente no sentido do conflito entre os jovens do dito Terceiro Mundo e a população envelhecida dos

países industrializados, cujo futuro parece indissociável do contributo da mão-de-obra imigrada. Esta, segundo o PÚBLICO (2004), tem experimentado uma tendência de crescimento, havendo já cerca de 175 milhões de imigrantes documentados em todo o Mundo, com a maior fatia vivendo nas cidades dos países industrializados.

Ao contrário das aldeias tribais, o processo de urbanização actual contribui para o desaparecimento de formas de vida comunitárias significativas. Ocorre, assim, um desaparecimento gradual da comunidade residencial como forma de sociabilidade, pois os indivíduos não ganham raízes no local, construindo relações seleccionadas com base nas suas afinidades (VERÍSSIMO, 2006), e constituindo, assim, nas cidades, tribos de pequena dimensão, que compreendem o círculo de amigos e familiares, espalhadas pelo tecido urbano (MORRIS, 1996).

Uma das consequências directas, em termos de dinâmica social, foi a passagem de um meio pequeno em que todos se conheciam mutuamente, para um meio densamente povoado, onde todos são estranhos. Estima-se que cada homem primitivo usufruísse de um espaço cem mil vezes superior ao do actual cidadão! (MORRIS, 1996).

O «estranho» é perspectivado por MORRIS (1996), como sendo o factor mais importante de diferenciação entre as tribos primordiais e as sociedades urbanas. Do estranho, nunca se sabe o que se pode esperar. Como consequência, assiste-se à diluição da entreaajuda e solidariedade próprias da espécie humana com os seus congéneres. Como resposta a esta mudança, surgiram novas necessidades de territorialidade consoante o grupo ou grupos de pessoas que interagem entre si. Dentro das nossas casas, o território estabelece-se como a necessidade básica de domínio de espaço, com o estabelecimento de espaços pessoais e hierarquias familiares. Uma vez na rua, deixámos o território pessoal ou familiar e transformamo-nos em membros duma nova unidade social, cheia de estranhos, onde temos de cooperar e partilhar: a zona tribal. É assim que muitas pessoas ainda vivem com um sentimento de segurança quando entram na sua casa.

De um modo geral, os limites destes territórios são respeitados. Não há necessidade de transformar as casas em fortalezas, apesar dos portões e outros sistemas de vigilância. Contudo, isto também actua como uma forma de

atração para as marginais "tribos criminosas". Estas possuem territórios próprios mas, frequentemente, não são pessoais, são territórios de bando.

Segundo MORRIS, (1969) o processo humano de civilização tem-se feito, inteiramente, através da aprendizagem e condicionamento, dado que as mudanças radicais da civilização tribal ocorreram num espaço de tempo relativamente tão curto que não houve lugar para o aparecimento de uma nova espécie civilizada, geneticamente adaptada às condições de vida nas cidades. Assim, o ser humano ainda será um caçador tribal primitivo, tentando enfrentar os obstáculos e as dificuldades da vida urbana e sendo obrigado a lidar com as constantes tensões da artificialidade citadina. Estas tensões são, muitas vezes, geradoras de comportamentos desajustados. O autor compara estes comportamentos aos de animais em cativeiro, nomeadamente nos jardins zoológicos do sec. XIX, de grande influência da cultura vitoriana, em que os animais vivem confinados em jaulas de dimensões reduzidas, solitários ou em grupos demasiado numerosos para o espaço disponível. O desajuste no comportamento destes animais pode ir desde a automutilação aos acasalamentos homossexuais, passando pela masturbação e por acessos de violência. Assim, MORRIS (1969), propõe o termo "Zoo Humano" para descrever as grandes cidades, em contraste com a expressão corrente "Selva de Betão", que se revela, como vimos, um termo incorrecto. Uma das condicionantes mais fortes do comportamento humano relaciona-se com o instinto natural de caça, geneticamente impresso durante os milhões de anos da hominização. Como somos caçadores tribais não realizados a habitar um ambiente que não nos permite satisfazer esse instinto básico na sua forma directa, sofreremos as tensões de não dar largas à nossa necessidade da caça. Essas tensões, quando não resolvidas, materializam-se, geralmente, em comportamentos desajustados e, mesmo, em doenças do foro psiquiátrico. A violência das grandes cidades, protagonizada essencialmente pelas tribos marginais, é uma das consequências desses desajustes. O caçador primitivo que existe em nós consegue descobrir alternativas simbólicas e criativas à caça, como por exemplo, a prática de desporto, os jogos e passatempos, as viagens, o coleccionismo e até mesmo empregos que exijam do trabalhador tarefas sem monotonia. Quando estes instintos de caça não são substituídos

por actividades estimulantes, geram pressões internas que podem levar à violência (MORRIS, 1996).

É interessante constatar que a maior parte dos criminosos e delinquentes são jovens sem ocupação, que a sociedade marginalizou ou não atribuiu tarefas e que, fruto da sua inércia e ociosidade, se dedicam a actos que podem chegar à violência.

Nos animais não humanos, a violência é rara e só acontece quando a agressão não atinge os seus propósitos de resolução de conflitos. A violência é, então, o fracasso da agressão (MORRIS, 1996). Para os humanos, além da violência ser o fracasso da agressão, é também motivada e potenciada pela grande insatisfação dos nossos instintos evolutivos, algo que não acontece nos animais que vivem no ambiente natural.

Esta investigação parte do princípio que as cidades são, especulativamente, meios artificiais nos quais a noção de território se encontra pervertida e, como tal, passível de gerar tensões ambientais. Essas tensões relacionadas com a perversão do território, ou seja, com a enorme diferença que separa os espaços onde se deu a hominização daqueles onde o homem vive actualmente, podem levar a comportamentos territoriais diferentes na forma e conteúdo dos primitivos, mas que radicam na mesma necessidade evolutiva e hereditária que define o ser humano como animal territorial. Um destes comportamentos poderá ser a marcação territorial, e um dos seus efeitos, o *graffiti*.

1.4. | O GRAFFITI

O estudo do *graffiti*, segundo SOMMER & SOMMER (1997), enquadra-se em métodos de estudo de medição de pistas¹. As pistas deixadas pelos seres vivos podem ser classificadas em dois tipos gerais: pistas de incremento, que consistem na produção de um qualquer resíduo da actividade; e pistas de erosão, que se baseiam na remoção ou desgaste de algo do meio. Neste sentido, os *graffiti* são, claramente, pistas de incremento.

Existem diversas definições de *graffiti* e várias classificações, consoante o contexto sócio-cultural e espaço-temporal em que são feitos. Como tal, a abordagem ao *graffiti* inicia-se pelo enquadramento histórico necessário para distinguir entre todos os sub-tipos de *graffiti*, isolando aqueles que são objecto desta investigação.

Gostaria, antes de mais, de chamar a atenção para o facto de os vocábulos e expressões utilizados neste capítulo para designar os *graffiti* e outros objectos e acções relacionados, não se encontrarem na Língua Portuguesa. São expressões próprias de grupos com uma identidade específica e com uma aplicação cosmopolita e devidamente instituída, que ultrapassaram já as realidades locais de onde provieram. Assim sendo, muitas dessas expressões são explicitadas no texto ou em nota de rodapé e, para posterior referência, encontra-se disponível um glossário no Capítulo 9.

1.4.1. | DADOS HISTÓRICOS SOBRE O GRAFFITI

O primeiro *graffiti* foi feito, provavelmente, há 3500 anos por um arcaico turista perto das pirâmides de Sakkara, no Egipto, e constava: “*Estou muito impressionado pelas pirâmides do faraó Djosers*” (JACOBSON, 2001). Alguns autores, como BACELAR (2004) sugerem que, especulativamente, se podem considerar *graffiti* as pinturas rupestres das cavernas pré-históricas, ou as gravuras de que Foz Côa é exemplo, sendo interessante constatar que este tipo de expressão gráfica surge com o aparecimento da espécie *Homo sapiens*.

¹ N.A.: A expressão “medições de pistas” é uma tradução de “trace measures” na obra referida.

Sobre isto, MONTGOMERY (2005) refere que as primeiras representações simbólicas que surgem nas cavernas se devem ao Homem de Cro-Magnon e que os Neandertais, embora tivessem capacidade de abstracção e representação simbólica, não a utilizavam, pelo que se conhece, na forma gráfica.

Outras formas primitivas de *graffiti* podem ser atribuídas aos Romanos, que os faziam nas catacumbas de Roma (JACOBSON, 2001) e em grande quantidade nas paredes de Pompeia (JACOBSON, 2001; SOMMER & SOMMER, 1997), vestígios estes que se encontravam perfeitamente preservados pelas cinzas da erupção do Monte Vesúvio, em 79 D.C. (SOMMER & SOMMER, 1997). Os romanos tinham, de facto, como hábito, escrever a carvão nas paredes públicas, em manifestações de protesto, palavras de ordem, profecias e divulgação de leis e acontecimentos (BACELAR, 2004). A própria palavra "*graffiti*" é italiana e é plural de "*graffito*", que significa, em latim e italiano, "escritas feitas a carvão" (ELEMENT, 1996).

O termo *graffiti* foi introduzido na investigação, provavelmente em 1856, pelo arqueólogo Raphael Garucchi, na sua pesquisa sobre Pompeia (JACOBSON, 2001).

Durante os séculos XVIII e XIX, os *graffiti* tornaram-se comuns, como expressão política da Revolução Francesa e da Comuna de Paris (*idem*).

Já nos anos 30 do séc. XX, surge outra forma de *graffiti*, utilizada pelos *gangsters* de New York e Los Angeles para marcar territórios. Essa forma reapareceu por volta dos anos 60 e ainda subsiste nos bairros marginalizados das principais cidades norte-americanas (JACOBSON, 2001; MORRIS, 1996).

Durante a Segunda Guerra Mundial, começaram a surgir inscrições por toda a Europa que consistiam num boneco rudimentar espreitando sobre um muro, lendo-se por baixo "*Kilroy Was Here*" (Kilroy Esteve Aqui), e que se julga terem sido feitas por soldados norte-americanos em comissão (JACOBSON, 2001). Esta inscrição, que se pode considerar um *graffiti*, foi sujeita a inúmeras especulações sobre a sua origem e significado².

O *graffiti* actual, que se pode encontrar um pouco por todas as ruas das grandes cidades, teve a sua génese no final dos anos 60, em Philadelphia

² Para mais informações sobre este interessante fenómeno, consultar o sítio da Internet: <http://www.kilroywashere.org/001-Pages/01-0KilroyLegends.html>.

(JACOBSON, 1997; www.at149st.com; www.graffiti.org), com práticas de *Bombing*, que consiste na realização compulsiva de *tags*³ e *throw-ups*⁴ numa pequena área. Este facto está registado num artigo de uma revista de Philadelphia de 1971, por PADWE (1971), em entrevista a um *writer*⁵ de alcunha CORNBREAD e aos seus amigos, que são considerados os primeiros *writers* da história. Na altura em que CORNBREAD começou a escrever a sua alcunha em Philadelphia, por volta de 1967, imperava já a cultura dos *gangs* nas principais cidades norte-americanas. No entanto, as grandes diferenças entre o *graffiti* de CORNBREAD e dos seus seguidores dos *gangs* é que estes fazem *graffiti* em grupo, especificamente para marcar e controlar os seus territórios e, quando CORNBREAD começou, fazia-o solitariamente com a intenção de deixar a sua marca por todo o lado (GASTMAN *et al.*, 2006), não se tratando assim de uma atitude conscientemente territorial.

No início dos anos 70, o *graffiti* floresce de uma forma extremamente prolífica em New York, principalmente nas estações de comboio e metro, não se sabendo se esse facto teve influências do movimento de Philadelphia, ou se os dois se desenvolveram espontaneamente (www.at149st.com; JACOBSON, 2001; ELEMENT, 1996).

A apropriação da palavra "*graffiti*" para designar este neófito fenómeno é atribuída àquele que é considerado o primeiro artigo de grande divulgação sobre *graffiti*, publicado no New York Times de 21 de Julho de 1971, sobre um adolescente que escrevia TAKI 183 por todos os sítios onde passasse. A palavra TAKI corresponde ao diminutivo grego do nome próprio deste jovem, Demetrius, e 183 à rua onde vivia. TAKI referiu que não foi o primeiro a deixar a sua marca por toda a parte, mas que começou por imitar outro *writer*, JULIO 204, que já o fazia há um par de anos. TAKI tirou partido de estar desempregado para tornar a sua actividade mais prolífica que a dos seus antecessores, granjeando, assim, a sua própria legião de seguidores e a atenção da comunicação social. Na entrevista, TAKI 183 refere pormenores interessantes sobre a sua motivação para o *graffiti*: "...é algo que tenho que

³ *Tag* - forma mais rudimentar de *graffiti*, que consiste numa assinatura estilizada do *writer*, com um traço fino e numa única cor.

⁴ *Throw-up* - *graffiti* grande mas rudimentar, com letras redondas de uma cor, contornadas por uma linha de outra cor, utilizando uma única camada de tinta.

⁵ *Writer* - aquele que faz *graffiti*.

fazer (...) e fazia-o por onde quer que fosse (...) Tu não o fazes pelas raparigas, elas parecem não ligar a isto. Tu faze-lo para ti próprio." (CHARLES, 1971). Este artigo inspirou, por sua vez, muitos mais jovens a tornarem-se *writers*, uma vez que constataram a credibilidade e a fama que o *graffiti* trouxe a TAKI 183 (GASTMAN *et al.*, 2006).

A partir daqui, este tipo de *graffiti* não mais parou de crescer, e em meados dos anos 70, foi instituído como parte integrante da cultura Hip Hop, correspondendo à sua expressão gráfica. Outras dimensões desta cultura são o Rap (ou Hip Hop propriamente dito), que diz respeito à música, e o Breakdance, que designa generalizadamente as formas de dança associadas ao Rap (BREWER & MILLER, 1990; CUNHA, 2003; COSTA, 2001).

A cultura Hip Hop surgiu nos bairros estigmatizados de New York, inspirada pelo movimento Zulu Nation, criado por Afrika Bambaata após a morte de um amigo em confrontos com a polícia, facto que lhe despertou a consciência para a anti-violência, o anti-racismo, o respeito pelo próximo, a tolerância e a criatividade. Estas ideias apelaram para a união das minorias étnicas em torno da cultura Hip Hop (CUNHA, 2003).

O tipo de *graffiti* que se iniciou nos EUA terá, então, chegado à Europa em meados dos anos 80, reconhecendo uma grande expansão por todo o Velho Continente até à actualidade. Havia mesmo digressões de *writers* norteamericanos a convite de artistas europeus que viam no *graffiti* uma forma de arte num estado extremamente interessante de pureza e autenticidade (www.at149st.com).

Já nos anos 90 o *graffiti* conhece uma enorme disseminação, com o advento da Internet, nomeadamente com a criação de *sites* como o Art Crimes (www.graffiti.org), considerado um *site* de referência sobre o *graffiti*, com artigos, testemunhos, notícias e mais de 3000 imagens de *graffitis* de todo o Mundo (GASTMAN *et al.*, 2006).

1.4.2. | CLASSIFICAÇÃO DE *GRAFFITI*

Os tipos de *graffiti* que se podem encontrar actualmente no ambiente, têm sido sujeitos a diversas classificações, que variam principalmente na perspectiva sob a qual são conceptualizados e estudados. Assim, é comum encontrar na bibliografia da especialidade, diversos pontos de vista transversalmente diferentes, dependendo do prisma histórico, cultural, artístico ou social. Como tal, urge, nesta secção, diferenciar os diversos tipos de marcações classificadas como *graffiti*, isolando aquelas que, pela sua natureza, possam constituir uma marcação territorial.

COSTA (2001) identifica um tipo de *graffiti* Político e Social como sendo aquele que explicita palavras de ordem e reivindicações socio-políticas. Exemplos deste tipo de *graffiti* são os murais da Revolução Soviética de 1917, que se estenderam por todo o Mundo como bandeira dos ideias socialistas. Em Portugal, são conhecidas manifestações deste tipo nos tempos do PREC⁶. Ainda antes, com a Revolução Francesa, apareciam marcações do género, se bem que menos elaboradas, resumindo-se a palavras de ordem. Muitos autores não consideram esta forma de expressão como *graffiti*. As motivações deste tipo de marcação não parecem ter uma componente territorial, pelo que não são consideradas neste estudo.

O *graffiti* de Gang é amplamente conhecido e veiculado, por exemplo, pela indústria cinematográfica para ilustrar a dinâmica de ostracismo e marginalidade dos grandes meios urbanos dos Estados Unidos. Surgiu em Los Angeles e New York e tem grande expressão territorial, como defende MORRIS (1996); além dos *graffiti*, os gangs utilizam outras marcas de identificação, como assessorios, tatuagens, cores de roupa, e que identificam práticas sociais e económicas ilegítimas. Não são conhecidas manifestações deste tipo de *graffiti* tal qual ele é definido, quer na área em estudo, quer na Cidade do Porto, dado que este fenómeno reporta-se quase exclusivamente às realidades das cidades norte-americanas anteriormente referidas. É importante e conveniente referir que esta subcultura de *gang* está associada a inúmeros preconceitos sobre o *graffiti*, dado que muitas vezes é difícil para o cidadão

⁶ PREC - Processo Revolucionário Em Curso; fase da História de Portugal que teve início com a Revolução do 25 de Abril de 1974.

comum, distinguir um *graffiti* de *gang* de outros tipos de marcação. Essa confusão parece estar na origem do estudo de LEY & CYBRIVSKY (1974), sobre a territorialidade do *graffiti*, que se refere a uma fase de transição da história do *graffiti* durante a qual, nas cidades norte-americanas, era quase impossível distinguir uma marcação territorial de um *gang* de uma outra qualquer marcação de parede.

Um outro tipo de *graffiti*, com muito menor representatividade, é o que é feito por grupos de surfistas da Austrália, Havai e Califórnia. A motivação deste tipo de marcas parece estar relacionada com a defesa territorial das praias e das ondas. Muitas vezes, os surfistas locais chegam a agredir os forasteiros ou a vandalizar as suas viaturas (SOMMER & SOMMER, 1997).

Pode-se considerar ainda outro género, denominado *latrinalia*, que diz respeito aos escritos nas paredes e portas das casas de banho públicas, e que, geralmente, têm um conteúdo socialmente reprovável, mostrando preocupações relacionadas com conteúdos sexuais, insultos e escárnios, escatologia e hostilidade étnica ou política (SOMMER & SOMMER, 1997).

1.4.2.1. | A CLASSIFICAÇÃO TTP

A classificação adoptada para esta investigação e que considero ser mais objectiva e adequada à realidade do terreno, é a classificação TTP, que constitui a sigla de *Tags/Throw-ups/Pices*, sendo que estas três formas de *graffiti* resumem e englobam praticamente todos os processos utilizados pelos *graffiters*. Esta classificação foi introduzida por JACOBSON, (1997), que defende que, dentro da estrutura social e hierárquica dos jovens que fazem *graffiti*, há todo um processo de aprendizagem que segue a lógica TTP, ou seja, qualquer *writer* inicia-se no *Tag*, que é a forma mais simples e menos pictórica e, à medida que aperfeiçoa a sua técnica e que vai aprendendo com *writers* mais conceituados, avança para o *Throw-up* e, finalmente, para a *Piece*.

O *graffiti* do tipo TTP diz respeito, unicamente, às formas que tiveram início no princípio dos anos 70 em New York e Philadelphia (ver CHARLES, 1971; PADWE, 1971; JACOBSON, 2001) e às formas que evoluíram a partir

daí, sendo que as marcas que surgiram originalmente com TAKI 183, JULIO 204 e CORNBREAD são consideradas *tags*.

Estas formas perduraram até à actualidade e mantiveram-se com poucas alterações e evoluções de fundo, podendo ser encontradas por todo o Mundo. Constituem a esmagadora maioria ou mesmo a quase exclusividade das marcações encontradas nas áreas estudadas nesta investigação.

Nas figuras seguintes, pode-se observar cada um destes tipos de *graffiti*: o *tag* (Figura 1.4.1.); o *throw-up* (Figura 1.4.2.) e a *piece* (Figura 1.4.3.).

Este tipo de *graffiti* baseia-se, principalmente, em letras. Os *tags*, *throw-ups* e *pieces* não são mais que a assinatura estilizada dos seus autores ou grupos de autores, surgindo na forma de iniciais ou de alcunhas (GASTMAN *et al.*, 2006; CUNHA, 2003).

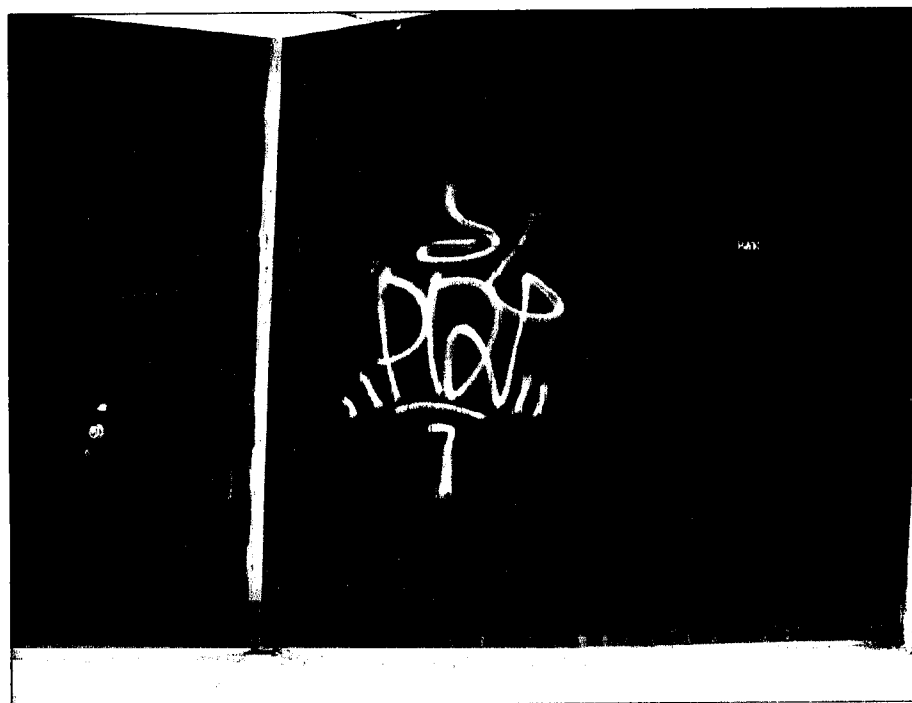


Figura 1.4.1. Tag PDI, Rua de Justino Teixeira, Porto.



Figura 1.4.2. *Throw-up*, rodeado de *Tags*, Rua Fernandes Tomás, Porto.



Figura 1.4.3. *Piece*, Rua Júlio Diniz, Porto.

JACOBSON (1997) admite que as outras tipologias gráficas, como por exemplo as inscrições de Pompeia, dos Vikings, da Revolução Francesa ou do Maio de 1968, podem ser consideradas *graffiti*, mas refere-se a elas como pré-TTP.

Uma outra classificação dos *graffiti*, em tudo similar à TTP por englobar as mesmas formas (*tag*, *throw-up*, *piece*) é o HHG (Hip Hop *Graffiti*) de BREWER (1992). Esta classificação é, nesta investigação, preterida em relação à TTP de JACOBSON (1997) pois parte do princípio que todo este tipo de *graffiti* está ligado à cultura Hip Hop, pressuposto que não é obrigatório observar para o desenvolvimento desta investigação. Acresce o facto que as ligações do *graffiti* ao Hip Hop não são assim tão claras, uma vez que não se desenvolveram em uníssono. Ambas as culturas podem ter-se ajudado mutuamente, aumentando o círculo de influência uma da outra, mas muitos dos membros de uma cultura não possuíam qualquer tipo de identificação com a outra. Mesmo em termos estéticos, o *graffiti* progrediu independentemente de qualquer influência do Hip Hop: os *tags* que surgiram originalmente, no princípio dos anos 70, antes do aparecimento do Hip Hop, são em tudo semelhantes aos que se podem encontrar na actualidade, espalhados por todo o Mundo (GASTMAN *et. al.*, 2006).

1.4.2.2. | EVOLUÇÃO DO TTP

O *tag*, acção individual de escrever uma assinatura estilizada a marcador nos espaços públicos, e que ainda hoje se realiza a larga escala, experimentou um enorme crescimento com o elevado numero de *writers*, sucessores e/ou imitadores de outros como TAKI 183. A competição entre os *writers* levou, por sua vez, à procura de formas de cada um evidenciar cada vez mais o seu *tag*. Este teria que ser maior, mais visível. Assim, o marcador que era usado inicialmente, deu origem à lata de *spray* (aerossol), que permitiu preencher áreas maiores e utilizar mais cores. A inventividade dos *writers* contribuiu ainda para encontrar soluções para traços maiores, ao trocarem os aspersores (*caps*) das latas de tinta por outros com uma maior capacidade, permitindo pintar traços mais grossos. Daqui surgiu o *throw-up*, com as suas

grandes letras contornadas por cores diferentes. Por sua vez, os *writers* começaram a agrupar-se em grupos - *crews* - para pintar melhor, maior e mais rápido, partilhando estilos, técnicas e experiências pessoais. Começam assim, a surgir, em meados dos anos 70, as primeiras *pieces*, que são *graffiti* grandes, coloridos, bastante elaborados em estilo e em técnica. Estas são pintadas em muros de grandes dimensões que, uma vez os pares aproveem a qualidade do trabalho, passam a constituir *walls of fame*. Os melhores *writers* granjeiam respeito dentro da comunidade e passam a ser designados *kings*. Muitos pintam mesmo coroas sobre os seus *tags*, que neste caso constituem mais assinaturas dos seus trabalhos do que marcações avulsas. Surgem também outros elementos pictóricos que adornam as *pieces*, na maior parte dos casos figuras humanas, que se designam por *bebs* ou *characters* (BREWER & MILLER, 1990; BREWER, 1992; BACELAR, 2004).

A transição entre *tag*, *throw-up* e *piece* não é, contudo, linear atendendo ao aspecto de evolução e aprendizagem pessoal. Muitos *writers* seguem este método de aprendizagem (JACOBSON, 1997), mas uma grande maioria nunca chega a aprimorar o seu sentido estético, ou não terá uma motivação artística, ficando apenas pelo *tag* ou, pontualmente executando um *throw-up* rudimentar. Muitos destes indivíduos são designados pelos *writers* experientes como *toys* (BACELAR, 2004), e são geralmente identificados pelos pingos de tinta de *spray* que escorrem do *graffiti*, o que constitui um sinal de pouca perícia (CHALFANT, 1987). Pese embora a sua parca perícia, estes indivíduos continuam a fazer *graffiti*, podendo assim a motivação desta actividade residir no comportamento territorial.

1.4.3. | ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL DO GRAFFITI

O *graffiti*, tal como todos os produtos das sociedades humanas, não constitui um fenómeno isolado. Há todo um conjunto de factores culturais, sociais, políticos e até mesmo económicos que convém explorar para uma melhor compreensão do *graffiti*, para empreender o necessário enquadramento sociobiológico deste comportamento em si.

A passagem do *graffiti* para as galerias de arte, que começou a ser feita em princípios dos anos 80, especialmente na Europa (GASTMAN *et al.*, 2006), viria a ser o princípio da consideração do *graffiti* como forma de arte. Exemplo máximo foi a colaboração, com exposições conjuntas, entre um *writer* nova-iorquino, J.M. Basquiat e o conceituado artista plástico Andy Warhol (DIEGO, 1997). Esta concepção artística do *graffiti* faz sentido para as *pieces*, extremamente complexas e estilizadas. Susan Phillips, investigadora da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), referenciada por COSTA (2005), não tem dúvidas em considerar o *graffiti* como arte: “[o *graffiti* é] *uma forma de arte pelo facto de possuir cargas simbólicas e formas estéticas baseadas num código de grupo que ultrapassam temporalmente a existência do próprio grupo ou dos indivíduos a ele ligados*”. A este respeito, COSTA (2005), cita igualmente o escultor Cândido Coutinho, que, referindo-se ao *graffiti*, afirma: “*um mural seria um bom pretexto para, no âmbito da arte pública, que agrupa diversas correntes e expressões, valorizar o património e a paisagem*”. Mais à frente, o mesmo afirma, a propósito dos *tags*: “*os rabiscos que se vêm pela cidade são tudo menos isso*”. Esta opinião parece ser transversal aos diversos especialistas em arte, valorizando os aspectos estéticos, culturais e simbólicos das *pieces* e relegando os *tags* e *throw-ups* para o campo do vandalismo. Também Bernardino GUIMARÃES (2005), alerta para a falta de sentido estético da maior parte dos *graffiti*, e busca as razões da sua intencionalidade, que para o autor, “*parece ser mais ocupar terreno, inquietar pela falta de decoro e de estética, do que expressar o que quer que seja ao cidadão passante*”. Refere também que “[o *graffiti*] *contribui para um sentimento generalizado de insegurança, de abandono e desmazelo*”, e sugere que seria importante alguém estudar este fenómeno.

MORRIS (1996), considera que a arte se situa entre as várias actividades humanas que estão “*para lá da sobrevivência*”, ou seja, que resultam da evolução da capacidade de sobrevivência dos humanos e do subsequente excesso de tempo que o homem primitivo teve para se dedicar a tarefas que envolvessem o uso do seu cérebro desenvolvido e que não fossem essenciais à sobrevivência. Se assim é, as *pieces*, como obra de arte, são actividades que não estarão relacionadas directamente com a sobrevivência e a reprodução. Exigem tempo, dedicação, experiência, aprendizagem constante e consciência estética e simbólica. Por outro lado, os *tags*, não sendo uma forma de arte mas exigindo bastante dedicação e um esforço continuado na sua proliferação pelo espaço, poderão, hipoteticamente, estar ligados ao esforço biológico de sobrevivência e reprodução. Da mesma forma, os *throw-ups*, que são *graffitis* rudimentares, à semelhança dos *tags*, apenas diferindo destes pelas maiores dimensões e no uso de duas cores, se podem inserir nesta categoria.

Esta investigação pretende analisar as relações entre o acto de fazer *tags* e/ou *throw-ups*, ou seja, marcações, com o esforço biológico de sobrevivência e reprodução dos indivíduos, especificamente com um dos comportamentos essenciais desse esforço em *Homo sapiens*: a territorialidade. Neste sentido, as acções de marcar um espaço desta forma, deverão trazer mais vantagens adaptativas que custos para quem o faz.

O tipo de *graffiti* TTP, fruto de cedo ter sido identificado como fenómeno artístico e cultural, nunca tinha sido estudado do ponto de vista da adaptabilidade do comportamento social humano, especificamente no que diz respeito à territorialidade. Outros tipos de *graffiti*, como o *graffiti* de *gang* ou o dos surfistas (SOMMER & SOMMER, 1999) estão devidamente considerados como *graffiti* territorial, e estudos anteriores como o de LEY & CYBRIVSKY (1974) lidavam com uma realidade em que o *graffiti* TTP começou a coexistir com o *graffiti* de *gang*, não havendo ainda uma grande capacidade de definição entre os dois. Nestes *graffitis* de *gang*, a destruição ou substituição de um *graffiti* de um *gang* pelo *gang* rival pode levar a confrontos violentos (MORRIS, 1996).

Nestas interpretações sobre a territorialidade do *graffiti*, algumas indicações parecem assentar no papel dos sexos. A subcultura do *graffiti* é

extremamente sexista e masculinizada. SOEIRO & LOPES (2003) apontam como explicação para a quase inexistência de mulheres no *graffiti*, o perigo inerente à actividade, como por exemplo, as constantes fugas à polícia, mas também a influência do Hip-Hop norte-americano, no que concerne ao papel das mulheres e à forma como a elas se referem os subprodutos do hip-hop, onde, por exemplo, “*bitch*” é um termo comum. A predominância masculina pode encontrar aqui explicações evolutivas. Se há evidências territoriais nestas tribos urbanas que se dedicam ao *graffiti*, é de esperar que elas reflectam o papel do caçador tribal, que depende vitalmente de um território para exercer a sua actividade. São por demais evidentes as diferenças entre géneros no estilo de vida tribal que fundou as regras sociais pelas quais nos regemos actualmente: a caça é primazia dos homens, sendo eles que definem o território de caça e a sua comunicação é orientada para a coordenação desta actividade, enquanto as mulheres se dedicam à gestão do território pessoal (a casa) e tribal (a aldeia) (MORRIS, 1996).

RIDLEY (2004) encontra nestas actividades diferenciais entre os géneros da população tribal, a explicação para a diferença de estilos de comunicação entre homens e mulheres. Ainda na actualidade, os homens comunicam pouco dentro das paredes do seu domicílio, fazendo-o mais facilmente em grupos alargados, enquanto que as conversas das mulheres são privadas e em pequenos grupos domésticos.

É interessante constatar que a generalidade dos grupos que se dedicam ao *graffiti* não são delinquentes nem criminosos, tendo uma organização bastante cuidadosa e completa e códigos próprios de conduta, como refere COSTA (2001), relatando uma experiência em que acompanhou um grupo de *writers* do Porto, com cerca de 20 pessoas que se uniram para chamar a atenção para a degradação do património cultural arquitectónico. Metade dos indivíduos ficou atribuído da função de vigiar o espaço circundante por forma a alertar para o aparecimento da polícia, via telemóvel, coordenados por um outro indivíduo que percorria de mota todos os postos de vigia. Os outros elementos que se dedicaram à pintura, fizeram-no de uma forma perfeitamente coordenada, cada qual com a sua função. Outros ainda, encarregaram-se de registar a acção com câmaras de filmar.

BACELAR (2004), refere que a cultura do *graffiti* parece ser provida de um sentido ético, no respeito de monumentos históricos e trabalhos de outros *writers*. Por muito tentadoras que sejam estas superfícies, os *graffiters* respeitam-nas e regem-se por um código de conduta próprio em relação aos locais onde pintam. Certo que existem iconoclastas dentro do meio, mas estes, em geral, são ostracizados pela comunidade. Os *writers* mais experientes são, aliás, peremptórios na condenação dos *taggers* e da sua actividade, como refere o lisboeta Coleman, entrevistado por GLOCK (2004): *“existem pessoas que se dedicam ao vandalismo e à falta de maior inspiração e talento procuram deixar as suas marcas em forma de tags, como são denominadas as assinaturas, nos lugares mais absurdos. Isto polui e mancha a reputação dos verdadeiros writers que fazem do seu trabalho uma arte”*.

O habitante comum das cidades Europeias parece estar bastante incomodado pelos *graffiti*, como mostra um artigo da revista das Selecções do Reader's Digest de Julho de 2005, efectuada em 17 países europeus, nos quais se incluem Portugal, e que visava dar a conhecer as principais “irritações quotidianas que mais afligem os europeus”. Da lista das 20 acções mais comuns, a que foi considerada mais irritante foi “atirar lixo para o chão”, escolhida por 86% dos europeus. Os “grafitos” surgem em 16º lugar, com 51% dos inquiridos considerando-o um acto irritante. No caso de Portugal, a “gente que desrespeita as filas”, os actos de “cuspir para o chão” e “atirar lixo para o chão” forma considerados os aspectos quotidianos mais irritantes para 97% dos portugueses inquiridos. Os “grafitos” parecem irritar mais os portugueses do que a generalidade dos europeus, surgindo em 14º lugar com 65% das escolhas. São também os *graffiti* que, nesta sondagem, apresentam maiores diferenças etárias na escolha, irritando 69% dos europeus mais velhos contra 36% dos indivíduos mais jovens, entre os 18 e os 35 anos (MOLLER, 2005).

Politicamente, os sectores colocados nos extremos do espectro ideológico, quer à esquerda, quer à direita, sempre tenderam a generalizar o *graffiti*, sendo que esta generalização é altamente contraproducente para esta investigação, pois serve apenas as reivindicações ideológicas desses sectores sócio-políticos. Por um lado, os mais conservadores tendem a combater o *graffiti* por admitirem que este se trata unicamente de um acto de vandalismo, não distinguindo, por exemplo, entre *graffiti* de gang do *graffiti* TTP. RAE (2004),

é desta opinião, referindo que o combate ao *graffiti* é essencial para preservar os valores da sociedade, e até, mesmo, que os pais devem estar atentos aos seus filhos, nomeadamente no seu vestuário ou existência de latas de tinta ou de vestígios de tinta nas suas mãos, para evitar que os adolescentes se tornem membros de um *gang* de delinquentes.

A preocupação com o *graffiti* como sinal de delinquência e desorganização social está patente já desde a administração do Mayor de New York, Rudolph Giuliani, que empreendeu uma enorme batalha aos *writers* daquela cidade, delegando no seu chefe de polícia a autoridade para levar a cabo métodos bastante radicais para acabar com o *graffiti*, tais como prisões arbitrárias. Em Portugal, há o exemplo de acções de campanha e propostas de decretos empreendidas pelo Partido Popular no sentido de criminalizar o *graffiti* (SOEIRO & LOPES, 2003).

Por outro lado, os sectores políticos situados mais à esquerda tendem a considerar o *graffiti* como forma de arte ou expressão social, e que, por isso, deve ser valorizado e enquadrado numa determinada cultura, mas nunca combatido ou marginalizado. Esta generalização não admite, por exemplo, a existência de tipos de *graffiti* que não constituem formas de arte ou reivindicação cultural, como os *tags*. LUNA (2005) refere, mesmo, que o *graffiti* é um atentado à ideologia capitalista, pois compete por espaço com os *outdoors* publicitários nas cidades.

Resumindo, para a direita todo o *graffiti* é mau pois é vandalismo, e para a esquerda, todo o *graffiti* é bom porque é arte ou expressão de ideias. Obviamente, quer um pressuposto, quer outro estão errados pois partem de generalizações inocentes e infundamentadas que apenas servem reivindicações ideológicas, que devem obviamente ser postas de parte quando se pretende estudar o comportamento de um ponto de vista sociobiológico.

As implicações económicas do *graffiti* são outro aspecto interessante deste fenómeno. Se, por um lado, surgiram inúmeros produtos e empresas, principalmente nos últimos anos, apostadas em apoiar o *graffiti* pela produção de marcadores, tintas específicas e *caps* de diversos tamanhos, facilitando a acção aos *writers*, bem como todo um manancial de produtos que se baseiam esteticamente no *graffiti*, como vestuários e acessórios de moda, por outro lado, as autoridades de muitos locais têm gasto grandes quantias na prevenção e

remoção dos *graffiti*. Em 1970, segundo o artigo do New York times de 21 de Julho de 1971 (CHARLES, 1971), as autoridades nova-iorquinas estimaram que a remoção do *graffiti* das estações de comboio custaram cerca de 300 000 dólares, traduzidos em cerca de 80 000 horas de trabalho e materiais de limpeza. Já em 1989, a remoção e prevenção do *graffiti* custou ao Governo dos Estados Unidos da América para cima de 4 mil milhões de dólares (cerca de 3200 milhões de euros), sendo que este número reflectiu uma tendência para aumentar no ano seguinte (BEATTY & GRAY, 1990). Assiste-se, também, ao surgimento de empresas especializadas em remoção de *graffiti* das mais variadas superfícies, assim como indústrias que desenvolveram químicos capazes de revestir substratos que tornam a ulterior limpeza mais fácil.

Assim, as actividades económicas parecem seguir a tendência crescente do *graffiti*, quer no seu apoio, quer no seu combate. Um exemplo é dado por um *writer* do Porto, entrevistado por COSTA (2001), referindo que, no princípio da sua actividade, era quase impossível comprar latas de *spray* próprias para o *graffiti*, e que a solução de recurso era utilizar os aerossóis para pintura automóvel comprados num supermercado, mas que a partir de meados dos anos 90, o mercado para latas de *spray* e *caps* para *graffiti* começou a vulgarizar-se e é hoje um negócio em ascensão. O embelezamento e decoração, por encomenda, de superfícies comerciais por *writers* conceituados em Portugal é também, segundo aquele autor, uma actividade extremamente lucrativa.

Todos estes aspectos aqui introduzidos tornam clara a importância que o *graffiti* possui, na actualidade, no quotidiano das nossas cidades, e do efeito extremamente amplo em termos de mobilização de diversos sectores sociais, quaisquer que sejam as suas perspectivas sobre o assunto.

1.5. | OBJECTIVOS

O objectivo geral desta investigação é o estudo da territorialidade humana em ambiente urbano, através das pistas de incremento – *graffiti* – nomeadamente dos *tags* e *throw-ups*, e da sua possível relação com a afirmação de um comportamento territorial. Para empreender este estudo, torna-se necessário testar a hipótese que os *graffiti* estão relacionados com comportamentos territoriais em *Homo sapiens*. Como tal, os objectivos específicos para os quais a metodologia descrita no capítulo seguinte é delineada, são os seguintes:

1. Desenvolvimento de processos metodológicos para o estudo de *graffiti*

Pretende-se conceptualizar e desenvolver uma abordagem metodológica baseada em procedimentos objectivos, no sentido de racionalizar o estudo do *graffiti*. A inexistência de estudos anteriores do género confere à abordagem metodológica um carácter pioneiro, portanto, a maior parte dos métodos desenvolvidos são inovadores e específicos para este estudo.

2. Caracterização de *graffiti*

2.1. Determinação de medidas de distribuição preferencial de *graffiti*

A base metodológica desenvolvida torna-se, aqui, preponderante, no sentido de estudar a relação do *graffiti* com o espaço e de encontrar padrões de distribuição de *graffiti* e sua ulterior relação com locais específicos, nomeadamente aqueles que, pela sua componente morfológica ou proximidade a sítios de maior agregação de jovens, possam constituir locais de maior interesse.

2.2. Caracterização morfológica de *graffiti*:

Os diferentes tipos de *graffiti* devem ser entendidos em termos qualitativos, no que concerne, principalmente, ao tipo específico de *graffiti*, morfologia, material em que é feito, dimensão e localização e substrato em que é pintado. Quantitativamente, a amostragem de pontos aleatórios que se utiliza será útil para dar uma perspectiva geral da distribuição do *graffiti* na área de estudo.

3. Estudo de *graffiti* reconhecidamente relacionados com grupos e com a sua territorialidade;

Do estudo generalizado dos *graffiti* realizados anteriormente, passa-se, aqui, para o estudo do *graffiti* comprovadamente relacionado com grupos de indivíduos, tornando pertinente a análise do comportamento social, especificamente do comportamento territorial. Esta componente da investigação assenta no estudo de dois grupos distintos e da dinâmica que reciprocamente se estabeleça entre eles.

4. Estudo das motivações territoriais do *graffiti*;

A população escolar de diferentes locais da área em estudo constitui amostra para inquéritos, no sentido de caracterizar os indivíduos que se dedicam ao *graffiti* e, principalmente, de estudar a componente motivacional do acto de *graffitar*. Outra população em zonas não urbanas é estudada como controlo.

2. | METODOLOGIA

Em contraste com os ambientes naturais, como os prados, florestas, montanhas, nos quais os inúmeros estudos analíticos, cujo objecto são os animais, assentam em metodologias reconhecidas e comprovadas, não se conhecem investigações da área da Biologia, sobre o *graffiti* em ambientes urbanos. Por conseguinte, praticamente todos os métodos utilizados nesta investigação, tiveram que ser desenvolvidos de raiz, e entrando em consideração com as especificidades do espaço a estudar.

Aos espaços físicos da cidade, incluindo ruas, praças, travessas, avenidas, etc., convencionei designar como **elementos urbanos**⁷.

2.1. | DEFINIÇÃO DE ÁREAS DE ESTUDO DE GRAFFITIS

A primeira acção a tomar foi a escolha de uma zona de estudo. Essa escolha esteve dependente de critérios que teriam que ser tidos em conta para investigar os objectivos delineados. Um deles foi, obviamente, a existência de marcas. Numa primeira observação de uma possível área, teria de haver marcas visíveis e distribuídas por diversos locais. De acordo com este critério, quase toda a cidade do Porto serviria para escolher e delimitar uma área ao acaso.

Outro critério foi a existência de escolas na zona em estudo, dado que isso permitiu inferir até que ponto a presença de estabelecimentos de ensino num dado local específico da área a investigar, pode influenciar as marcações.

A existência de uma dada linearidade dos elementos urbanos também foi considerada facilitadora do estudo. Zonas com ruas muito estreitas, curtas, curvas e anastemosadas, como as do Centro Histórico, constituiriam um grande entrave à investigação.

⁷ Não confundir elemento urbano, que diz respeito aos vários locais de circulação de uma cidade (ruas, praças, etc.), com mobiliário urbano ou equipamento urbano (cestos de papéis, paragens de autocarro, sinais, etc.).

Assim, a zona escolhida, por preencher mais critérios para um estudo desta natureza, foi a parte oriental da cidade, na envolvência das Escolas Secundária Alexandre Herculano e EB2,3 Augusto César Pires de Lima.

Esta zona compreende parte das freguesias do Bonfim, Campanhã e Sto. Ildefonso. Engloba ainda outros estabelecimentos de ensino, como a Escola EB2,3 Ramalho Ortigão, o Externato D. Dinis, o Colégio dos Salesianos e o Colégio de N.^a S.^a da Esperança. É uma parte da cidade bastante heterogénea em termos sociais, compreendendo desde ruas calmas, arborizadas, com vivendas, às chamadas "ilhas", que são pequenos aglomerados habitacionais, escondidos numa rua, com uma entrada comum e habitações exíguas, resquícios da revolução industrial no Porto. É uma zona com bastantes equipamentos públicos, como a piscina de Campanhã, a Estação, os Cemitérios do Prado do Repouso e do Bonfim, Centros de Saúde, a Igreja do Bonfim, estações de Metro, alguns centros comerciais, etc.

Escolhida a zona, foi, então, necessário definir, dentro desta, uma dada área delimitada, que teria que possuir um número fixo e suficiente de elementos urbanos que permitissem o estudo. A área não poderia ser demasiado extensa, sob pena de tornar a investigação inexecutável a médio prazo, nem demasiado restrita para não se correr o risco de retratar e estudar fenómenos isolados, relacionados apenas com as especificidades de um pequeno espaço.

O próprio conceito de **área**, numa investigação com estas características, tem um sentido algo subjectivo, uma vez que a maior parte da área de uma cidade é ocupada por construções, que formam agregados – **quarteirões** – e não pelos seus elementos urbanos, não se podendo, portanto, inferir, por exemplo, uma medida de densidade por unidade de área. Assim, o conceito mais adequado à delimitação de um local com estas características é a **extensão**, entendida aqui como comprimento.

Num trabalho desta natureza, onde não se conhecem estudos anteriores com os mesmos ou semelhantes objectivos, há que tomar opções que são, elas próprias, experimentais, e muitas vezes resultado quer de ensaios prévios, quer de impressões pessoais. Da minha análise do local, quer *in situ*, quer na cartografia, achei razoável definir uma extensão de 1500 m, e como tal, se esta extensão é tomada em todas as direcções, forma uma circunferência com raio

de 750 m (Figura 2.1.1.). O centro da circunferência foi definido como sendo a porta de entrada principal da Escola Secundária Alexandre Herculano.

O local de estudo ficou, então, com as seguintes dimensões:

Raio r da circunferência: 750 m
Diâmetro d da circunferência: 1500 m
Perímetro p da circunferência: $p = 2\pi r = 4712,39$ m
Área total a da circunferência: $a = \pi r^2 = 1,77$ Km²

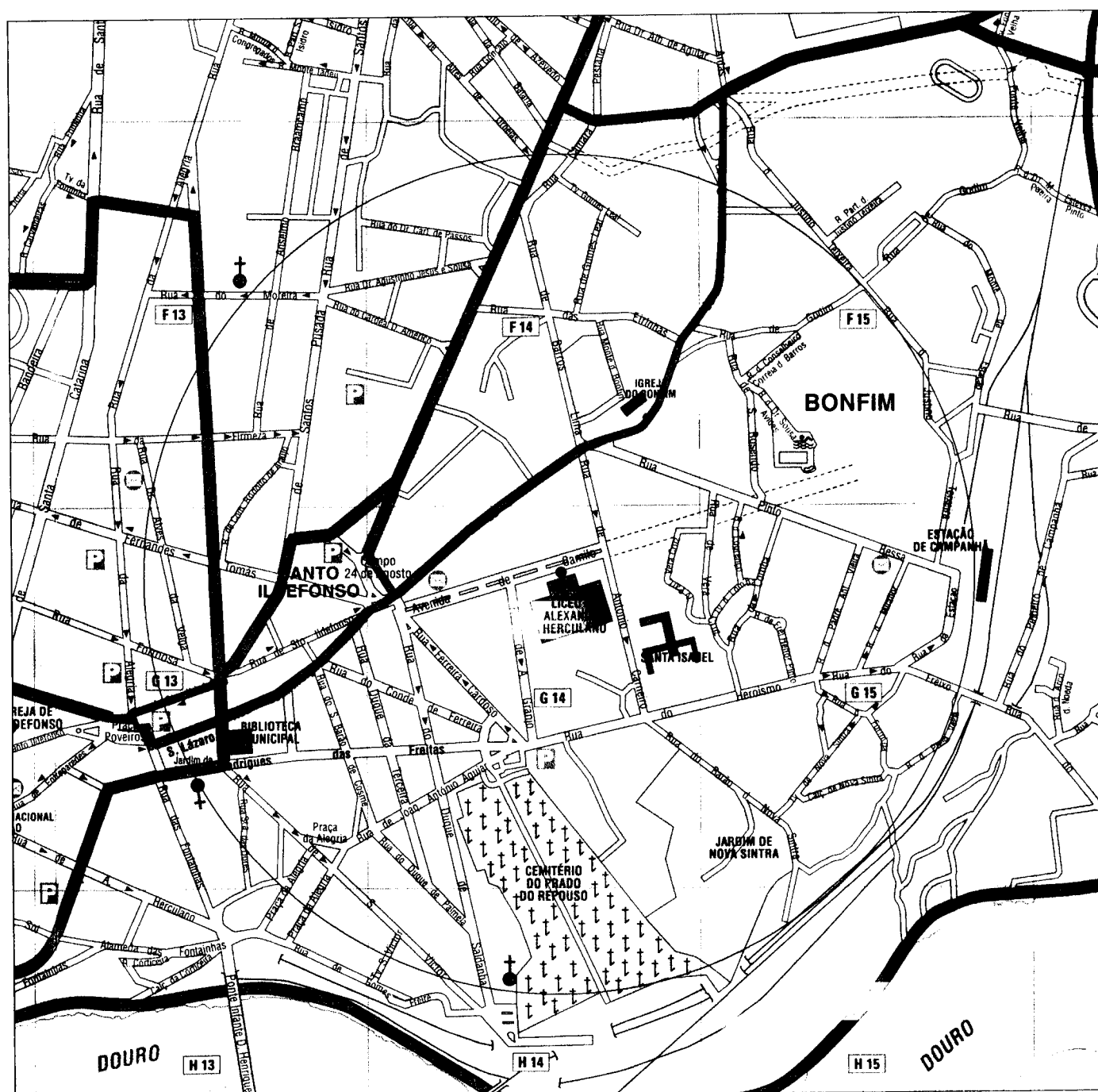


Figura 2.1.1. Mapa da área em estudo, à escala 1:11260. A circunferência vermelha traduz o limite da área e o ponto azul, o seu centro (Mapa adaptado de Michelin – 85 – Porto, Planta e Índice, escala 1:11000, edição 2003).

Todas as imagens cartográficas utilizadas são digitalizações do mapa Michelin n.º 85 – Porto – Planta e Índice, à escala 1:11000, edição 2003, tendo sido as digitalizações reduzidas ou ampliadas conforme conveniência, e a sua escala, quando apresentada, foi calculada com base em impressões de digitalizações.

2.2. | DEFINIÇÃO DE MÉTODOS DE AMOSTRAGEM DE GRAFFITI

A investigação pressupôs amostragens das marcações no terreno. A definição de um método de amostragem levantou inúmeras dificuldades metodológicas nesta investigação, dado que o ambiente urbano é extremamente complexo em termos de distribuição das suas unidades espaciais. A sua tipologia é extremamente heterogénea, englobando praças, ruas, jardins e outros elementos com dimensões diferentes e relacionados entre si de forma desigual.

A sistematização da amostragem foi levada a cabo da seguinte forma: cada um dos elementos urbanos circunscritos na área, foi numerado e dividido em sectores.

Os sectores permitiram diferenciar extensões diferentes e, assim, contribuir para uma maior homogeneidade nos processos de tratamento da informação obtida através de toda a extensão do terreno. O comprimento de cada sector não poderia ser uma distância ao acaso, mas sim definida por via de critérios sistematizados.

Um desses critérios foi a exequibilidade do estudo, no que concerne ao tratamento cartográfico dos sectores. Num mapa com dimensões que permitam o seu enquadramento numa folha de papel A4 e que abranja a área definida para o estudo (como por exemplo, o mapa da **Figura 2.1.1.**), sectores com 20 ou menos metros seriam extremamente difíceis de cartografar à escala, dado que o comprimento de cada sector no mapa seria da ordem dos 1,7 mm, aproximadamente. As soluções lógicas seriam a diminuição da escala por ampliação do mapa, ou o aumento do comprimento do sector.

Uma das regras básicas da recolha de amostras é a definição de uma área mínima de amostragem, que corresponde à área sobre a qual um aumento de dimensão não corresponde a um aumento na variabilidade de amostras recolhidas (ODUM, 2001). Este princípio é utilizado, geralmente, na amostragem para determinação da diversidade específica de uma dada área, nomeadamente em estudos de Fitossociologia e Ecologia Vegetal, e foi aqui aplicado com as devidas adaptações, tais como o facto de não se lidar com áreas, mas sim com uma extensão de um determinado espaço, assim como não se pretender estudar seres vivos mas sim marcações. Como tal, foram utilizadas marcações grupais ou individuais que surgem com uma certa repetição numa dada extensão, para ensaiar o comprimento mínimo do sector, dado que dessas marcações se pode inferir variabilidade ao longo de um espaço. As marcações escolhidas foram CG, GMB (GMBK), MF, INDIOS (IDF), MSP, PDI (PDIK), GN (GNK), NS (NSK) e SDA. Cada uma das marcações corresponde, assim, a um grupo, ou, se quisermos, a uma espécie que encontramos no campo e, conseqüentemente, pode ser submetida a uma contagem. Dos elementos urbanos escolhidos, cada um tinha pelo menos quatro dos tipos de marcações acima evidenciadas. A **Tabela 2.2.1.** traduz o ensaio do comprimento dos sectores para os três elementos urbanos analisados.

Tabela 2.2.1. Ensaio do comprimento de sectores em 3 elementos urbanos, para determinação extensão mínima de amostragem.

Comprimento do sector analisado	n.º de grupos contados		
	Elemento urbano #1	Elemento urbano #2	Elemento urbano #3
10	0	1	2
20	1	1	3
30	3	3	4
40	4	4	5
50	4	4	5
60	4	4	5
70	4	4	6
80	5	4	6

Os ensaios levados a cabo no campo mostraram que o aumento de um sector de 10 para 20 metros, corresponde a um aumento do número de marcações variadas, ou seja, o aumento do comprimento de um sector corresponde a um aumento significativo da probabilidade de encontrar marcações diferentes. De 20 para 40 metros, há um aumento do número de marcações diferentes. A partir de 40 metros, para 50, 60 ou 80, não há, no geral, um aumento na variabilidade de marcações.

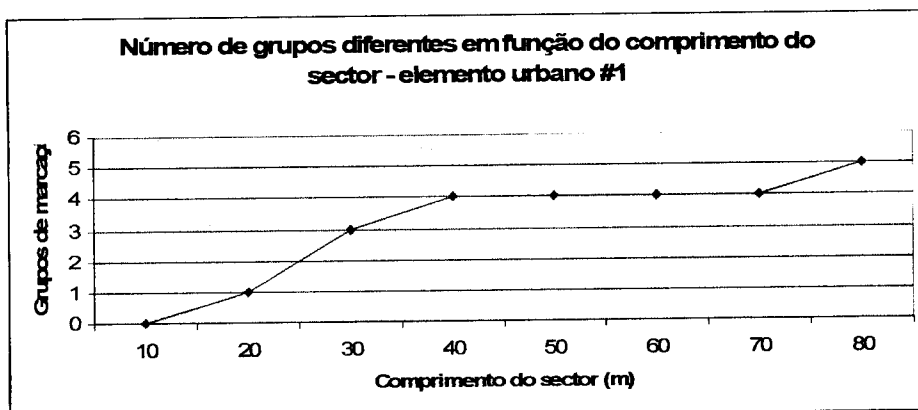


Gráfico 2.2.2. Número de grupos diferentes em função do comprimento do sector, para o elemento urbano #1.

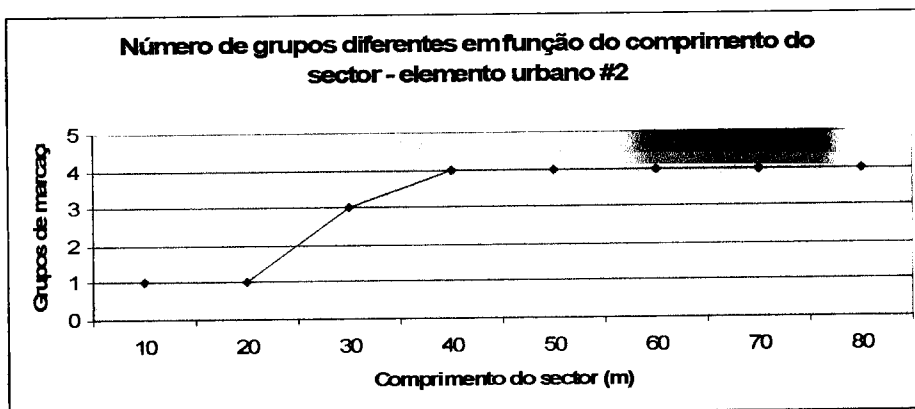


Gráfico 2.2.3. Número de grupos diferentes em função do comprimento do sector, para o elemento urbano #2.

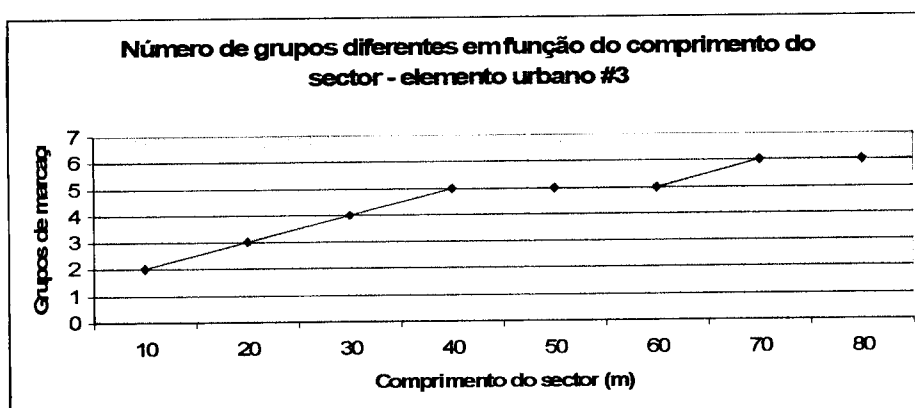


Gráfico 2.2.4. Número de grupos diferentes em função do comprimento do sector, para o elemento urbano #3.

O comprimento mínimo do sector foi determinado visualmente pela análise do ponto de inflexão do gráfico que relaciona o número de grupos diferentes em função do comprimento do sector, e que se situa, nos três ensaios realizados, nos 40 metros.

Assim, o comprimento do sector foi fixado em 40 m, que é uma distância que, além de corresponder a uma boa extensão mínima de amostragem, é cómoda de trabalhar cartograficamente e tem a grande vantagem de, no terreno, e no caso concreto da área em estudo, cobrir vários tipos de edifícios diferentes, ou seja, em 40 m, a probabilidade de ocorrer um único tipo de edifício preferencial para a ocorrência de marcações era baixa.

Os sectores são designados por letras, sendo que **A** corresponde aos primeiros 40 m de um elemento urbano, **B** dos 40 aos 80 m, e assim sucessivamente. O sentido que os sectores apresentam num determinado elemento urbano, segue, em termos de localização cartográfica, a direcção preferencial de N->S em elementos urbanos com essa disposição ou aproximada. Em elementos urbanos aproximadamente a 90° em relação à direcção N->S, a preferência será pela direcção E->W. Nos restantes elementos urbanos com diferentes direcções, o sector **A** é colocado no topo mais a Norte do elemento urbano. Para uma melhor compreensão desta distribuição de sectores, a **Figura 2.2.5.** ilustra um conjunto fictício de elementos urbanos onde estão marcados os sectores **A**.

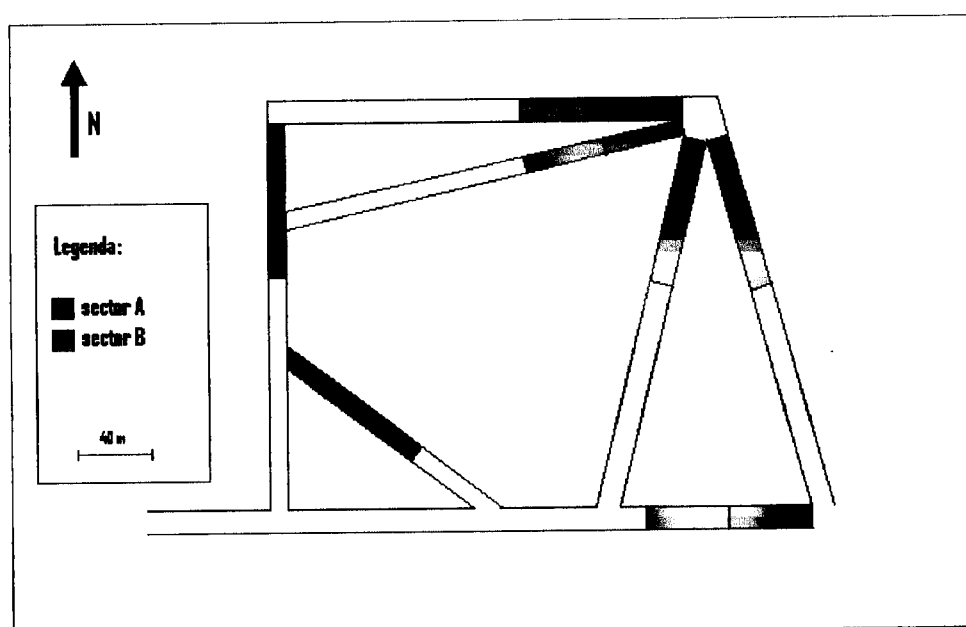


Figura 2.2.5. Ilustração da marcação de sectores segundo uma preferência orientadora.

Como se pode observar, o primeiro sector é marcado a Norte nos elementos que não tenham orientação E->W, e a Este nos elementos com esta orientação.

Esta opção não teve outro significado senão o da sistematização da marcação dos sectores.

Cada sector englobava os dois lados de um elemento urbano, por exemplo, aos dois lados de uma rua, logo, contabilizam marcas que surjam dos dois lados. Assim, os 40m de cada sector diziam respeito a ambos os lados do elemento urbano em questão. Em termos de ruas, avenidas, alamedas, travessas, ou seja, elementos urbanos com configuração longitudinal, as divisões sectoriais ficaram definidas. Para outros elementos urbanos, como praças ou largos, quando as partes centrais respectivas não apresentaram edifícios ou outros elementos que constituíssem áreas relevantes para marcação, o seu número de sectores foi calculado pelo comprimento correspondente à metade do seu perímetro. Assim, uma praça foi convertida conceptualmente numa rua.

As marcas que foram amostradas podem surgir em várias superfícies. Assim, consideraram-se relevantes para o estudo, todas as marcas que surjam em edifícios contíguos ao elemento urbano em que se encontrem (habitações, estabelecimentos comerciais, escolas, igrejas, muros, etc.), assim como em sinais de trânsito, semáforos, contentores de lixo, cestos de papéis, cabines telefónicas, paragens de autocarros, "outdoors", etc.

Foram excluídas à amostragem, marcas que surgiram em locais onde não se tivesse a certeza que foram realizadas naquele lugar, como por exemplo, em automóveis que não aparentassem um estado de abandono duradouro.

A **Tabela 2.2.7.** resume a sistematização de toda a área de estudo, incluindo os nomes dos respectivos elementos urbanos e a sua numeração, as suas dimensões e o número de sectores que os compõem.

Tabela 2.2.6. Lista de abreviaturas utilizadas para os elementos urbanos.

Tipo	Rua	Avenida	Praça	Largo	Travessa	Calçada	Campo	Passeio	Alameda	Praceta
Abrev.	R	A	P	L	T	Cal.	CMP.	Pás.	Alm.	Pta.

Tabela 2.2.7. Resumo dos elementos urbanos da área em estudo (incluindo número, nome,, comprimento, número de sectores e localização no mapa Michelin)

n.º	Nome	Tipo	Dimensão (m)	Número de Sectores	Localização no mapa
1	24 de Agosto	Cmp.	174	4	G13, G14
2	Alegria	P	116	3	G13, H13
3	Alves da Veiga	R	302	8	G13
4	Anselmo Brancaamp	R	302	8	F13
5	António Carneiro	R	285	7	F14, G14
6	António Granjo	R	279	7	G14
7	Barão de S. Cosme	R	279	7	G13
8	Barão Nova Sintra	R	372	9	G14, G15
9	Barros Lima	R	430	11	F14
10	Bom Retiro	T	93	2	G14
11	Bonfim	R	999	25	G14, F14, F15
12	Câmara Pestana	R	116	3	F14
13	Camarão	L	35	1	G13
14	Camilo	A	366	9	G14
15	Cardeal D. Américo	R	232	6	F13, F14
16	Com. Rodolfo de Araújo	R	244	6	F13, G13
17	Conde Ferreira	R	302	8	G13, G14
18	Conselheiro Correia de Barros	R	122	3	F13, F14
19	D. João IV	R	732	18	F13, G13
20	Dr. Agostinho Jesus e Sousa	R	291	7	F13, F14
21	Dr. Carlos de Passos	R	221	6	F14
22	Dr. Sousa Avides	R	151	4	F15
23	Duque de Palmela	R	232	6	G14, H14
24	Duque de Saldanha	R	732	18	G14, H14
25	Duque Terceira	R	453	11	G13, G14
26	Eirinhas	R	360	9	F14
27	Estação	R	174	4	G15
28	Fernandes Tomás	R	418	10	G13
29	Fernão Magalhães	A	779	19	F14, G14
30	Ferreira Cardoso	R	221	6	G14
31	Firmeza	R	244	6	F13
32	Formiga	R	198	5	G15
33	Formosa	R	116	3	G13
34	Frei Heitor Pinto	R	151	4	G15
35	Freixo	R	232	6	G15
36	Godim	R	302	8	F15
37	Gomes Leal	R	186	5	F14
38	Gomes Leal	T	232	6	F14
39	Heroísmo	R	523	13	G14, G15
40	Joaquim António Aguiar	R	291	7	G13, G14
41	Justino Teixeira	R	349	9	G15
42	Lomba	T	331	8	G15
43	Lourenço	R	139	3	G15
44	Miraflor	R	198	5	G15
45	Monte do Bonfim	R	151	4	F14
46	Moreira	R	128	3	G13
47	Morgado Mateus	R	314	8	G13
48	Nova Sintra	T	232	6	G15
49	Nova Sintra	Cal.	163	4	G15
50	Padre António Vieira	R	244	6	G15
51	Pinto Bessa	R	674	17	F14, F15, G15
52	Presa Velha	R	70	2	G15
53	Rodrigues de Freitas	A	523	13	G13, G14
54	S. Lázaro	Pas.	81	2	G13
55	S. Rosendo	R	291	7	F15
56	S. Victor	R	535	13	G13, H14
57	S. Victor	T	46	1	H14
58	Santo ildefonso	R	372	9	G13
59	Santos Pousada	R	837	21	G13, F13, E13
60	Soares dos Reis	L	87	2	G14
61	Sra. Das Dores	R	105	3	G13
62	Vera Cruz	R	279	7	G15

2.3. | DETERMINAÇÃO DE MEDIDAS DE DISTRIBUIÇÃO PREFERENCIAL DE *GRAFFITI*

Os métodos de amostragem descritos foram usados para quantificar marcações que existiam em cada sector da área em estudo. Essa contabilização permitiu definir locais com maior ou menor número de marcações e a sua relação eventual com determinados espaços sociais presentes na área. Trata-se de analisar a quantidade relativa de *graffiti* que existe num determinado elemento urbano e deduzir se essa quantidade estará relacionada com a proximidade de espaços de agregação de jovens, como as escolas.

O número de marcações foi contabilizado na **Tabela 2.3.1.**, que contrapõe o número de cada elemento urbano da área em estudo com cada um dos sectores de cada elemento urbano.

A recolha das amostras, ou seja, a contagem das marcações, seguiu um método de uniformização que consistiu no seguinte: todo o trabalho foi realizado nos dias úteis, de Segunda-feira a Sábado, entre as 9:00 e as 19:00. A razão de se ter procedido a análises durante este período prende-se com o facto de, em muitas ruas, haver estabelecimentos comerciais com gradeamentos que, de noite, costumam estar fechados e constituem uma superfície preferencial para o *graffiti*, tendo-se decidido não contabilizar essas marcações, que estão ocultas durante o dia. Dado que o fenómeno do *graffiti* pressupõe uma marcação constante do território, cada elemento urbano foi percorrido apenas uma vez e contabilizadas as marcações existentes naquela altura.

Tabela 2.3.1. Número de marcações por elemento urbano e por sector.

[illegible]

2.4. | CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA DE *GRAFFITI*

É importante saber como as marcações foram feitas, onde foram feitas, com que material e em que substrato, entre outras características. Para tal, utilizou-se a Ficha de Caracterização de *Graffiti*, que se encontra em anexo (Anexo I). As características específicas dos *graffiti* que foram estudados são as seguintes:

- Substrato onde o *graffiti* se encontrava: o material que constitui o substrato ou suporte do *graffiti*, a sua cor e, se for pertinente, o tipo de edifício ou equipamento;
- Altura ao solo a que o *graffiti* se encontrava;
- Material com que o *graffiti* foi feito, cor e largura do traço.

A escolha das marcações a caracterizar, foi feita por amostragem aleatória sobre os elementos urbanos da amostra.

Para a geração aleatória dos números dos elementos urbanos a amostrar, foi utilizado o Research Randomizer, que consiste numa ferramenta *on-line* que permite gerar séries ao acaso de números, com limites superior e inferior e com ou sem repetição de números em cada série.

Segundo o *site*, <http://www.randomizer.org>, esta ferramenta destina-se a ser usada por investigadores que necessitem de gerar números aleatórios, e a sua fiabilidade é garantida pelo Social Psychology Network, <http://www.socialpsychology.org>.

A sua utilização é muito simples: como se pode ver na **Figura 2.4.1**, a página apresenta um formulário onde se podem definir quantas séries de números são pretendidas, e quantos números por série são necessários.

Para o caso, considerei suficiente uma amostra de 45 números, divididos por 3 séries de 15 números cada. Isso permitiu atribuir a cada uma das séries 1, 2 e 3, um sector A, B e C, respectivamente, e, assim, amostrar 15 elementos urbanos para cada um dos sectores. O facto de ter contado apenas com os três primeiros sectores está relacionado com a existência de elementos

urbanos com muito poucos sectores, como se pode ver na **Tabela 2.2.6.**, logo, não fazia sentido amostrar, aleatoriamente, sectores que podiam não existir na realidade.

Figura 2.4.1. Captura do site do Research Randomizer, página de formulário
(<http://www.randomizer.org/form.htm> , consultado em 8-07-2005).

O passo seguinte do formulário foi a escolha da amplitude dos números a seriar, que é de 1 a 62, ou seja, o número total de elementos urbanos da área em investigação.

De seguida, no formulário, optou-se para que cada número não se repetisse dentro da mesma série. Também não fazia sentido amostrar o mesmo local duas ou mais vezes.

Uma vez o formulário preenchido, deu-se início à geração aleatória de números. O *site* passa para uma página de resultados (**Figura 2.4.2.**) que apresenta o resumo da tiragem e os números que foram gerados aleatoriamente, divididos nas três séries pretendidas.

Esta página permitiu, ainda, descarregar os resultados para uma folha em Microsoft Excel, como se pode ver na **Figura 2.4.3.**, o que o que se traduz numa maior facilidade de trabalho.

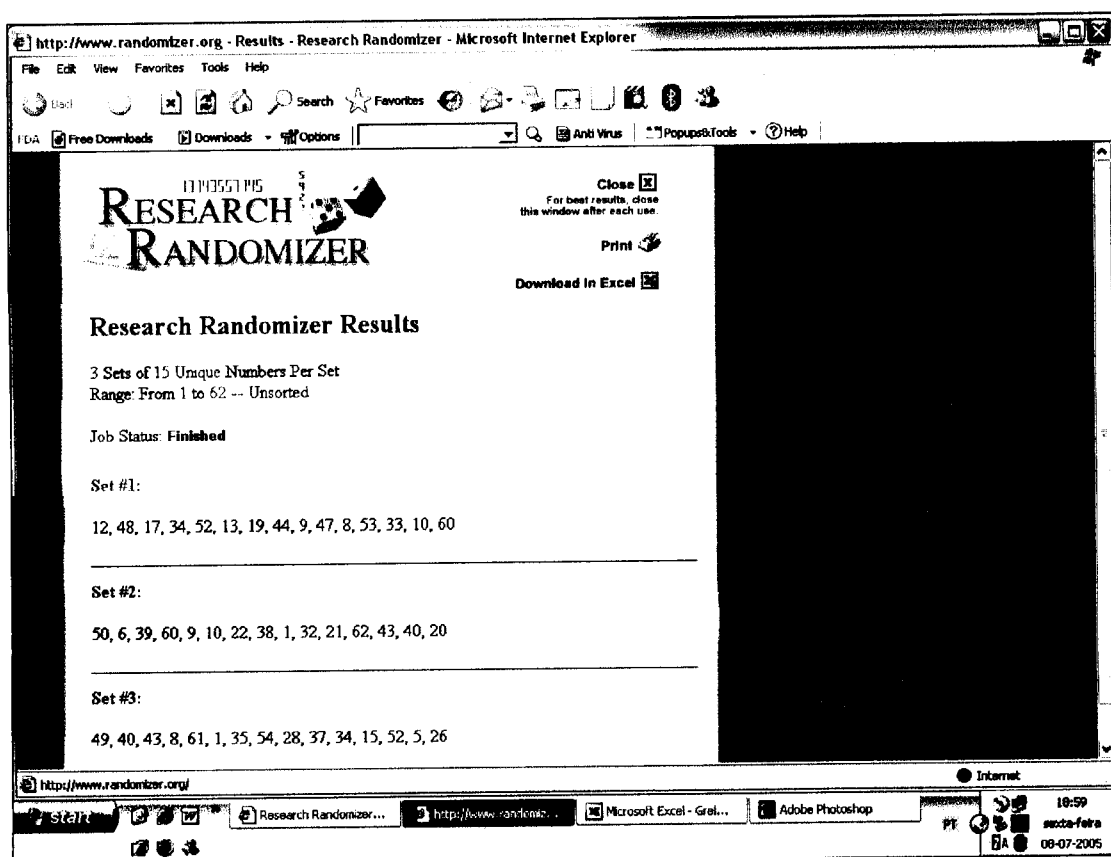


Figura 2.4.2. Captura do site do Research Randomizer, página de resultados (<http://www.randomizer.org> , consultado em 8-07-2005).

	Set-01	Set-02	Set-03
1	12	50	49
2	48	6	40
3	17	39	43
4	34	60	8
5	52	9	61
6	13	10	1
7	19	22	35
8	44	38	54
9	9	1	28
10	47	32	37
11	8	21	34
12	53	62	15
13	33	43	52
14	10	40	5
15	60	20	26

Figura 2.4.3. Captura de uma folha do Microsoft Excel, com resultados descarregados directamente do Research Randomizer (<http://www.randomizer.org> , consultado em 8-07-2005).

Esta forma de obter números aleatórios é extremamente rápida, simples e fiável, tendo enormes vantagens em relação a métodos mais tradicionais, como por exemplo o recurso a tabelas de números aleatórios, como a **Tabela 2.4.4.**, que se encontra em SOMMER & SOMMER (1997), dado que, entre as principais dificuldades, as tabelas tradicionais, em comparação com a ferramenta *online*, não permitem estabelecer limites inferior e superior para os números a seriar, nem controlar o facto de haver ou não repetições de números, além de serem de uso lento e complexo.

Tabela 2.4.4. Números aleatórios sortidos (adaptado de SOMMER & SOMMER, 1997).

73	17	86	15	27	10	42	72
64	46	07	88	76	45	61	55
19	09	22	09	35	99	76	34
08	72	60	22	84	17	81	39
90	09	97	61	90	37	23	52
34	43	09	17	30	20	59	61
02	48	34	21	18	03	99	61
45	90	33	88	89	70	04	80
03	61	05	61	77	70	17	47
05	56	83	78	26	48	35	06
15	86	60	14	49	10	51	17
38	07	45	88	06	06	29	92
60	22	86	92	52	31	00	47
81	94	25	53	73	89	42	62
87	97	01	09	03	40	86	12
17	35	11	60	12	23	83	26
71	27	96	45	07	60	71	82
66	38	80	72	74	42	21	53
94	84	69	37	69	35	59	32
03	26	07	66	93	88	48	54

A **Tabela 2.4.5.** mostra os resultados obtidos com a seriação, juntamente com o nome dos elementos urbanos respectivos.

Tabela 2.4.5. Resultados da geração aleatória de números com o Research Randomizer (<http://www.randomizer.org>) e respectivos nomes dos elementos urbanos.

Research Randomizer Results: 3 Sets of 15 Unique Numbers Per Set Range: From 1 to 62 – Unsorted					
Set-01	Sector A	Set-02	Sector B	Set-03	Sector C
12	Câmara Pestana	50	Padre António Vieira	49	Nova Sintra
48	Nova Sintra	6	António Granjo	40	Joaquim António Aguiar
17	Conde Ferreira	39	Heroísmo	43	Lourenço
34	Frei Heitor Pinto	60	Soares dos Reis	8	Barão Nova Sintra
52	Presa Velha	9	Barros Lima	61	Sra. Das Dores
13	Camarão	10	Bom Retiro	1	24 de Agosto
19	D. João IV	22	Dr. Sousa Avides	35	Freixo
44	Miraflor	38	Gomes Leal	54	S. Lázaro
9	Barros Lima	1	24 de Agosto	28	Fernandes Tomás
47	Morgado Mateus	32	Formiga	37	Gomes Leal
8	Barão Nova Sintra	21	Dr. Carlos de Passos	34	Frei Heitor Pinto
53	Rodrigues de Freitas	62	Vera Cruz	15	Cardeal D. Américo
33	Formosa	43	Lourenço	52	Presa Velha
10	Bom Retiro	40	Joaquim António Aguiar	5	António Carneiro
60	Soares dos Reis	20	Dr. Agostinho Jesus e Sousa	26	Eirinhas

O passo seguinte foi a marcação dos pontos de amostragem obtidos aleatoriamente, num mapa (**Figura 2.4.6.**) de acordo com as regras estabelecidas para a definição dos sectores.

Posteriormente, cada um dos pontos de amostragem foi visitado e fotografado, e as marcações encontradas foram caracterizadas na respectiva Ficha de Caracterização (Anexo I). Esta actividade decorreu desde Julho de 2005 a Julho de 2006 e todas as marcações foram analisadas de Segunda-feira a Sábado entre as 9:00 e as 19:00.

Este método permitiu, ainda, inferir a probabilidade de, num dado local ao acaso, ser encontrada ou não uma marcação. A extrapolação desta acção pode, ainda, dar uma ideia aproximada da área total da zona em estudo que se encontra marcada. Por exemplo, se em 40% dos sectores escolhidos ao acaso, se encontrarem marcações, aproximadamente 40% dos sectores de toda a área em investigação estarão marcados. Isto, por si só, pode dar uma ideia muito aproximada da extensão do fenómeno do *graffiti* na cidade do Porto.

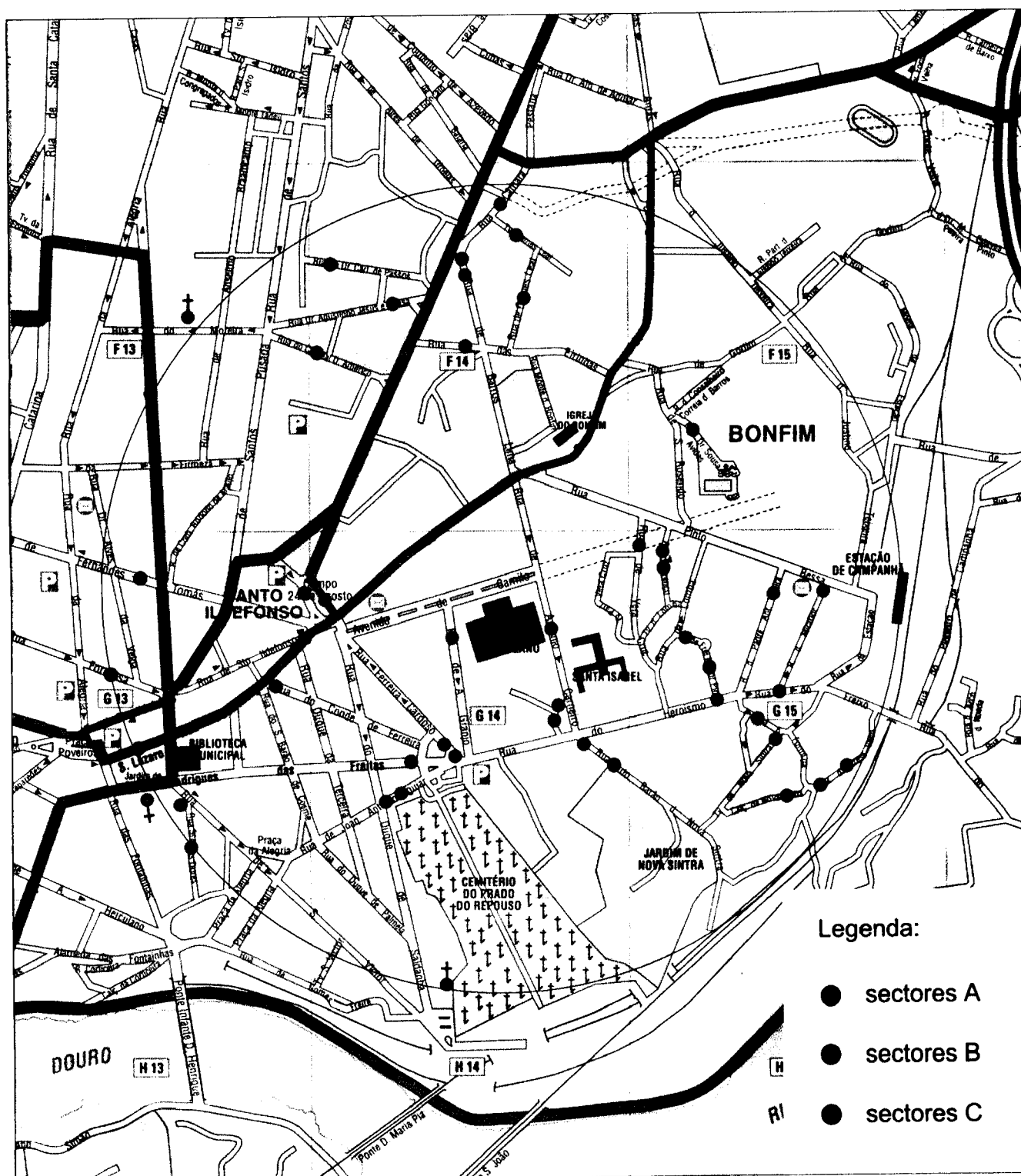


Figura 2.4.6. Mapa de marcação dos pontos de amostragem aleatória (Mapa adaptado de Michelin – 85 – Porto, Planta e Índice, escala 1:11000, edição 2003).

2.5. | ESTUDO DE TAGS E RELAÇÃO COM A TERRITORIALIDADE DE GRUPOS

2.5.1. | OS TAGS GMB E CG

Para estudar a dinâmica dos *tags* de grupo, foram escolhidos dois *tags* que surgem em muitas zonas da Cidade do Porto, identificados como pertencentes a dois grupos distintos, e que são o *tag* **GMB** e o *tag* **CG**.

Este estudo em particular, não se limitou à área de estudo definida no Sub-capítulo 2.1., mas sim a toda a Cidade do Porto.

Estes *tags* foram sujeitos a cartografia onde foi explicitada a densidade para cada unidade espacial considerada. Para o efeito, numa primeira fase foram apontadas num mapa todas as marcações CG e GMB encontradas no Porto durante o período de Abril de 2005 a Maio de 2006. As marcações foram analisadas de Segunda-feira a Sábado das 9:00 às 19:00. As marcações para cada um dos grupos foram, então, contabilizadas e tabeladas de forma a serem dispostas em termos de intervalos de quantidade para cada uma das quadrículas do mapa original, surgindo neste a cores diferentes, o que dá uma ideia da densidade de cada marcação no espaço. Este procedimento foi repetido para cada um dos grupos e os mapas de densidade das marcações grupais encontram-se dispostos no Sub-capítulo 3.3.3.. Isto permitiu estudar a área de influência de cada um dos grupos e observar a possível existência de uma relação entre a actividade dos dois grupos em conjunto.

A cartografia serviu, também, para relacionar a densidade relativa das marcações com locais preferenciais para elementos dos grupos, quer sejam locais de encontro, actividade grupal, locais de passagem (*motion tags*) e locais onde, eventualmente, vivem elementos do grupo ou onde exercem actividades individualmente.

Algumas marcações foram fotografadas e analisadas relativamente às suas características, segundo a Ficha de Caracterização de *Graffiti* (Anexo I), o que permitiu expor as diferenças entre as diversas marcações encontradas, possibilitando deduzir que se tratam de marcações realizadas por indivíduos

diferentes, dado que cada indivíduo possui uma forma específica de escrever (QUEIRÓZ, 1999).

2.5.2. | A MARCAÇÃO MF

Na zona de estudo, durante o tempo em que a investigação estava numa fase final, foi-se notando o aparecimento de uma outra marcação grupal, designada **MF**. Esta marcação tem características diferentes das marcações anteriores, não se podendo enquadrar na tipologia TTP (JACOBSON, 1997). Por este motivo e por não ter havido tempo para aplicar os métodos desenvolvidos, esta marcação foi analisada de uma forma mais sucinta, descritiva e à parte das outras, encontrando-se algumas considerações no Sub-capítulo 3.3.4.. Esta marcação suscitou interesse pois tudo sugere que seja uma marcação assumidamente territorial relacionada com um *gang* marginal, algo que ainda não tinha sido observado na zona em estudo.

2.6. | ESTUDO DAS MOTIVAÇÕES PESSOAIS DO GRAFFITI

Na continuidade dos estudos sobre marcações, foi realizado um inquérito (Anexo II) à população escolar de diversos locais, de modo a facilitar a compreensão da tendência para as marcações e da motivação de as fazer, de acordo com o sexo, a idade e o local de estudo. A escolha das escolas para a realização dos inquéritos teve várias razões: acredita-se que sejam jovens que integram a população escolar aqueles que fazem *graffiti* mais frequentemente, logo as escolas, como agregados de jovens, darão uma maior probabilidade de encontrar pessoas que se dedicam ao *graffiti*; outra razão prendeu-se com a natureza do Mestrado em que se insere esta investigação, sendo de todo útil e óbvio que se estude a escola e os seus alunos como figuras centrais do processo educativo, dado que os seus interesses, conhecimentos, preocupações e ambiente social devem constituir pontos de partida para a construção de todo o processo educativo (CACHAPUZ, 2001).

A diferenciação das escolas em zonas urbanas e não urbanas prendeu-se com o facto de este estudo assentar no pressuposto de que o *graffiti* é uma marcação territorial motivada pelo ambiente urbano e sua influência no comportamento, logo, fazia todo o sentido distinguir os indivíduos de acordo com o meio de onde são originários.

Os inquéritos, em número de 480, foram distribuídos de acordo com a seguinte tabela:

Tabela 2.6.1. Número de inquéritos distribuídos por localização.

Zonas	Localidades	Escolas	N.º de inquéritos distribuídos
Urbanas	Porto	E.S./3 Alexandre Herculano	102
		E.B. 2,3 Pires de Lima	73
		E.B. 2,3 Ramalho Ortigão	77
Não Urbanas	Beiriz (Póvoa do Varzim)	E.B. 2,3 de Beiriz	93
	Gafanha da Encarnação	E.B. 2,3 da Gaf. da Enmcarnação	43
	Mira	E.S./3 Dr.ª Maria Cândida	39
	Outras	Outras	53
Total			480

A distribuição dos inquéritos pressupôs a devida autorização dos órgãos responsáveis das Escolas. Nos casos em que estas não se consideraram as últimas responsáveis pela autorização da aplicação de um inquérito, foi pedida autorização à Direcção Regional de Educação do Norte (DREN), a qual foi concedida, tal como se comprova pelo pedido de autorização enviado e a cópia do parecer, em anexo (Anexos III e IV).

Os inquéritos foram elaborados para que a sua aplicação fosse fácil e rápida, interferindo o menos possível na dinâmica da sala de aula onde foram aplicados. Como tal, tratam-se de inquéritos curtos e sucintos, visando questões essenciais: idade; sexo; acto de pintar ou escrever paredes; intenção de pintar ou escrever paredes e motivação do acto ou intenção de pintar ou escrever paredes.

Outra preocupação visava a que as questões não encaminhassem os inquiridos para respostas de conveniência ou facilitismo. Como tal, na indagação sobre as motivações para os indivíduos escreverem ou pintarem paredes, optou-se pela inclusão de onze opções das quais os inquiridos teriam que escolher três. Estas opções, na análise, são agregadas em três categorias motivacionais (*vide* 3.4.).

Os inquéritos foram aplicados nas escolas no período compreendido entre Outubro de 2004 e Junho de 2005.

Os resultados foram submetidos a um tratamento estatístico sumário e, quando considerado oportuno, comprovados através do teste do χ^2 (FOWLER & COHEN, 1986).

3. | RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. | DETERMINAÇÃO DE MEDIDAS DE DISTRIBUIÇÃO PREFERENCIAL DE GRAFFITIS

Todas as marcações da área em estudo foram contabilizadas por sector e encontram-se dispostas na tabela seguinte, que apresenta também o total de marcações para cada elemento urbano, o total absoluto de marcações na área definida (3675 marcações) e a média de marcações por sector.

Tabela 3.1.1. Número de marcações por elemento urbano e por sector.

	Sector																										
Elementos	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Total	Média/sec.
1	5	8	10	7																						30	7,50
2	7	4	8																							19	6,33
3	2	2	4	3	5	0	4	6																		26	3,25
4	4	1	2	3	0	3	5	2																		20	2,50
5	35	27	22	29	31	10	7																			161	23,00
6	24	26	17	13	9	6	5																			100	14,29
7	4	6	5	0	7	3	2																			27	3,86
8	7	5	0	4	0	5	7	6	4																	38	4,22
9	11	9	7	6	8	10	4	12	9	9	5															90	8,18
10	4	7																								11	5,50
11	3	5	0	4	7	9	8	7	10	12	13	9	11	12	9	8	14	12	10	13	11	14	9	8	9	227	9,08
12	9	7	5																							21	7,00
13	7																									7	7,00
14	25	17	16	15	12	29	20	15	39																	188	20,89
15	0	3	5	0	3	0																				11	1,83
16	12	11	9	7	16	9																				64	10,67
17	11	13	9	24	12	7	8	11																		95	11,88
18	7	6	5																							18	6,00
19	3	2	7	4	8	3	4	0	7	7	9	10	6	8	11	7	3	7								106	5,89
20	2	0	2	0	1	0	0																			5	0,25
21	0	0	0	0	0	0	0																			0	0,00
22	17	12	13	16																						58	14,50
23	1	3	1	2	1	0																				8	1,33
24	10	8	15	4	8	1	2	18	1	0	0	3	4	6	3	1	2	4								90	5,00
25	3	2	5	4	7	3	0	2	4	2	3															35	3,18
26	4	10	12	9	8	11	12	9	8																	83	9,22
27	2	7	12	7																						28	7,00
28	8	6	11	7	5	10	12	3	9	10																81	8,10
29	4	7	3	5	6	8	12	9	7	6	11	13	8	7	9	10	12	11	8							156	8,21
30	6	3	4	0	6	6																				25	4,17

[illegible]

Relativamente à densidade de marcações na área em estudo, pode-se referir que existem 0,0021 marcações por m², resultando este valor da divisão do total de marcações pelos 1,77x10⁶ m² da área definida. Esta medida não reflecte, no entanto, uma utilidade efectiva na caracterização da área, visto que a maior parte desta é composta por espaços que não representam superfícies marcáveis de elementos urbanos. Uma medida mais realista é a de 0,2 marcações por metro, resultante da divisão do número total de marcações pelos 18436 m que correspondem à extensão total dos elementos urbanos analisados.

superior a 10 por sector em média. A **Tabela 3.1.2.** e a **Figura 3.1.3.** que se apresentam a seguir reflectem a distribuição dos elementos urbanos que possuem mais que 10 marcações por sector em média, número este que arbitrariamente se considerou como um bom indicador da importância da densidade de *graffiti* para os locais estudados.

Tabela 3.1.2. Lista de elementos urbanos com mais que 10 graffiti por sector e média.

Elemento urbano		N.º de sectores	N.º de marcações	Média de marcações por metro	Média de marcações por sector
N.º	Nome				
5	R. António Carneiro	7	161	0,575	
6	R. António Granjo	7	100	0,357	14,29
14	Av. Camilo	9	188	0,522	20,89
16	R. Com. Rodolfo de Araújo	6	64	0,267	10,67
17	R. Conde Ferreira	8	95	0,297	11,88
22	R. Dr. Sousa Avides	4	58	0,363	14,50
34	R. Frei Heitor Pinto	4	51	0,319	12,75
42	T. Lomba	8	214	0,669	20,57
43	R. Lourenço	3	57	0,475	19,00
44	R. Mirafior	5	51	0,255	10,20
55	R. S. Rosendo	7	129	0,461	18,43
62	R. Vera Cruz	7	172	0,614	24,57

As cores da **Tabela 3.1.2.** dizem respeito aos intervalos escolhidos para diferenciar os elementos urbanos mais significativos, que se encontram representados no mapa da **Figura 3.1.3.**. Assim, elementos urbanos com uma média de marcações por sector entre 10 e 15 estão representados a amarelo. A laranja, os elementos com média entre 15 e 20 e a vermelho os elementos com média superior a 20 marcações por sector.

Pires de Lima e Externato D. Dinis, ou dos elementos 22 e 55, na proximidade da Escola EB 2/3 Ramalho Ortigão (representados no mapa com a letra A);

- B. Elementos urbanos do Bairro da Lomba - 34, 42, 43 e 62 - que constituem um pequeno bairro operário do início do Sec. XX, de ruas estreitas por onde não circulam, regra geral, automóveis e com condições de vida algo precárias. Este bairro possui, no seu núcleo, uma área de recreio relativamente recente, com um campo de jogos (**Figura 3.1.4.**) onde se reúne pontualmente um grupo de jovens (local representado no mapa com a letra B).
- C. Elementos urbanos sem relação significativa com espaços de agregação de jovens - 16, 17 e 44 - mas que têm em comum um trânsito automóvel e de peões escasso e que apresentam alguma privacidade e segurança para a prática de *graffiti*. Estes elementos são os que se aproximam mais do valor de 10 marcações por sector, podendo ser, assim, considerados pouco significativos dentro do estudo das relações de proximidade de locais de agregação de jovens com a prática de *graffiti* (representados no mapa com a letra C).

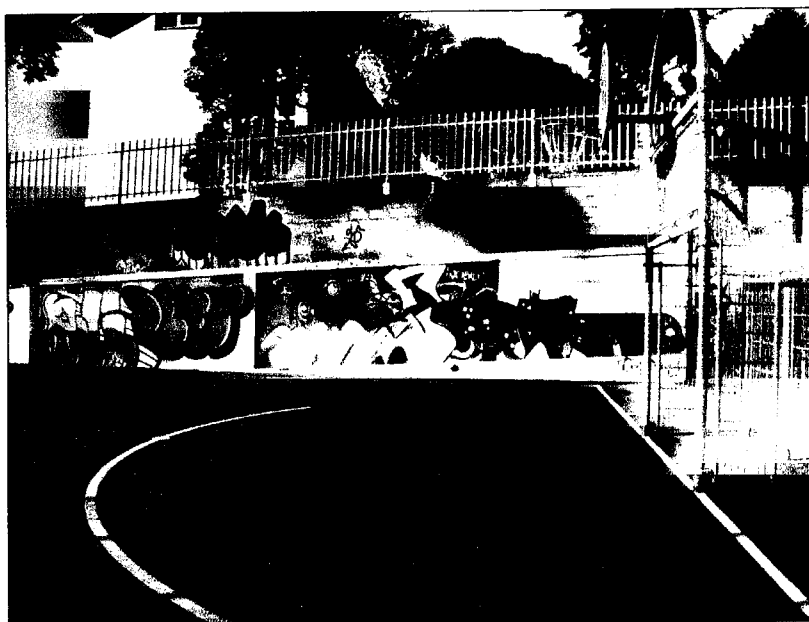


Figura 3.1.4. Campo de jogos do Bairro da Lomba.

Em termos gerais, a distribuição espacial dos *graffiti* aponta para uma inequívoca preferência dos *writers* que se dedicam aos *tags* e *throw-ups*, por zonas que se caracterizam por uma grande agregação de jovens, como as escolas e outros locais que estes frequentam. Nestes locais, a densidade de *graffiti* é muito maior relativamente aos demais sítios da zona estudada. Como tal, poderão ser entendidos como territórios comunitários, onde os elementos da tribo urbana de *graffiters* deixam a sua marca. Como são locais extremamente visíveis e como o ser humano é um animal predominantemente visual no seu entendimento do ambiente (MORRIS, 1996), a frequência com que as marcações surgem nas paredes é uma disputa de espaço por visibilidade. Podemos estar, também, perante o efeito de repetição que os *graffiti* provocam, ou seja, um *tag* num dado local atrai outro *tag* de um indivíduo diferente (RAE, 2004), e como estas zonas agregam, pela sua natureza funcional, uma grande quantidade de jovens, este efeito de repetição é ampliado no sentido de uma enorme profusão de *tags*. Mas isto não é mais que um comportamento de origem evolutiva que se verifica entre seres vivos da mesma espécie confinados a um determinado espaço: competição intraespecífica. E como uma competição é levada a cabo por um recurso limitante, este só poderá ser o território. Como tal, é provável que a capacidade de fazer *graffiti* confira aptidão biológica aos indivíduos que exploram aqueles locais.

Resumindo, os resultados demonstram que a distribuição dos *graffiti* no espaço não é casual, ocorrendo preferencialmente em locais onde existe pontualmente uma grande quantidade de jovens.

Devido a não existirem trabalhos anteriores sobre este aspecto, não há dados que possam ser utilizados para comparação.

3.2. | CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA DE *GRAFFITI*

Os *graffiti* a caracterizar foram escolhidos por amostragem aleatória, sendo que os pontos gerados aleatoriamente e dispostos no espaço, estão representados no mapa da **Figura 3.2.1..**

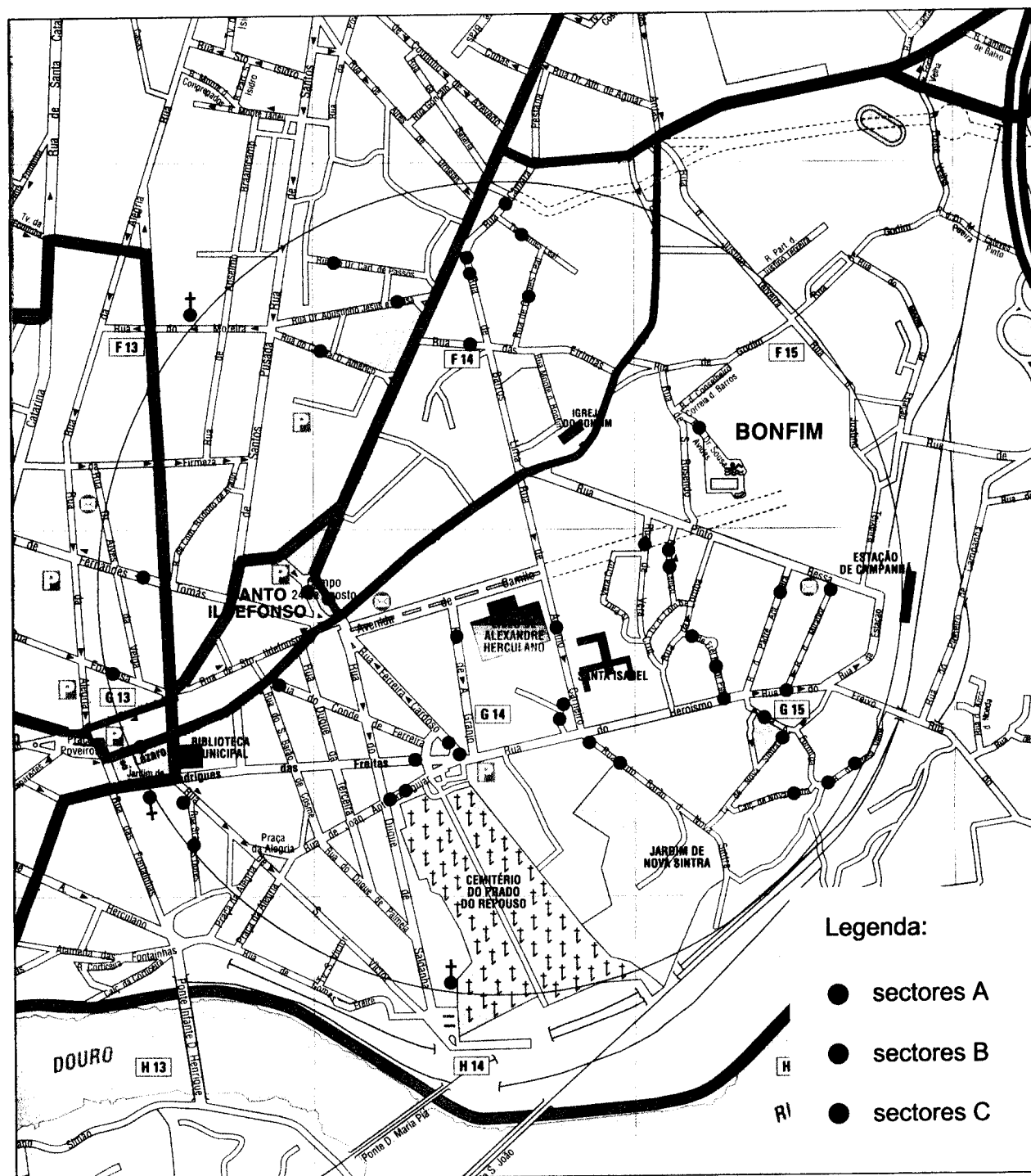


Figura 3.2.1. Mapa de marcação dos pontos de amostragem aleatória (Mapa adaptado de Michelin – 85 – Porto, Planta e Índice, escala 1:11000, edição 2003).

Cada um dos *graffiti* encontrados foi analisado e a **Tabela 3.2.2.** resume as características dos *graffiti*, com valores de percentagem para cada característica, apresentados também em gráficos nas páginas seguintes.

Tabela 3.2.2. Resumo das características dos *graffiti* analisados.

Características	Especificação	Percentagem
Substrato	Parede/muro pintado	32
	Parede/muro de pedra	17
	Azulejo	12
	Pedra polida	21
	Vidro	12
	Madeira	4
	Outros	2
Cor do Substrato	Preto	5
	Branco	32
	Azul	9
	Amarelo	19
	Verde	6
	Vermelho	7
	Outras	22
Altura ao solo (cm)	[0, 50[	18
	[50, 100[	28
	[100, 150[	37
	[150, 200[	11
	Outra	6
Material	Spray	66
	Marcador	23
	Pincel	4
	Outro	7
Largura do Traço	[0, 2[	23
	[2, 4[	49
	[4, 6[	21
	[6, 8[	4
	[8, 10[	2
	>10	1
Cor do Traço	Preto	32
	Branco	16
	Azul	9
	Amarelo	6
	Verde	9
	Vermelho	8
	Outras	20

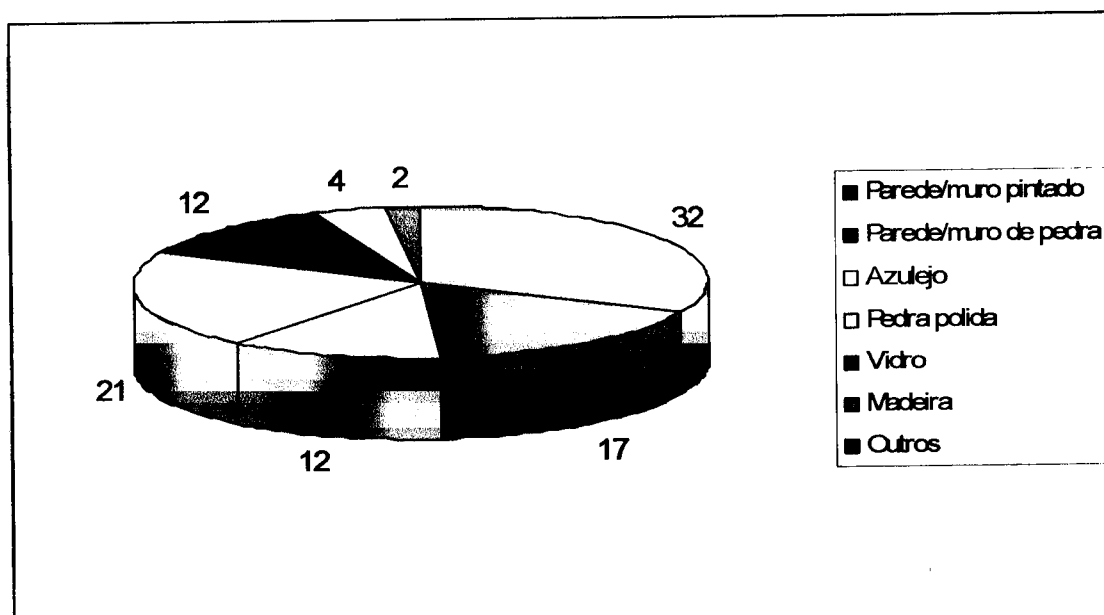


Gráfico 3.2.3. Percentagens de cada tipo de substrato onde são realizados *graffiti*.

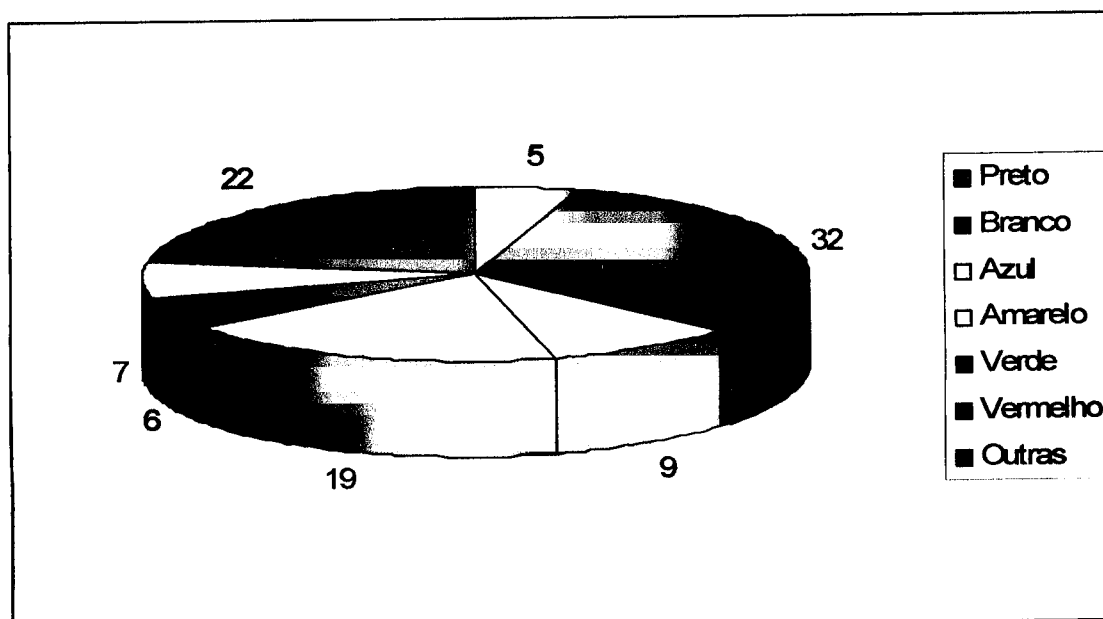


Gráfico 3.2.4. Percentagens de cada cor do substrato onde são realizados *graffiti*.

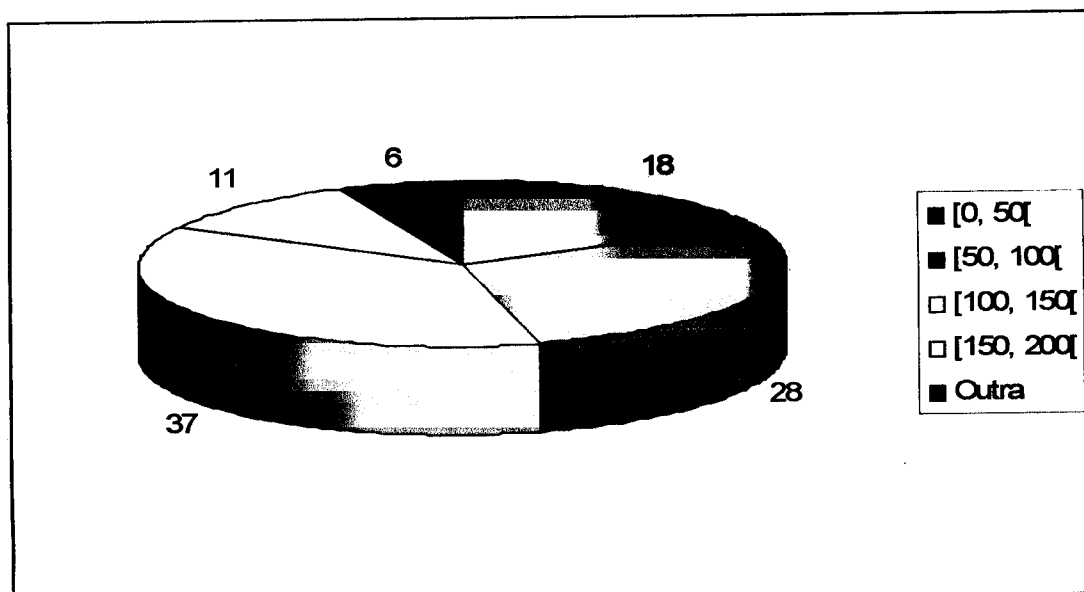


Gráfico 3.2.5. Percentagens da altura ao solo dos *graffiti*.

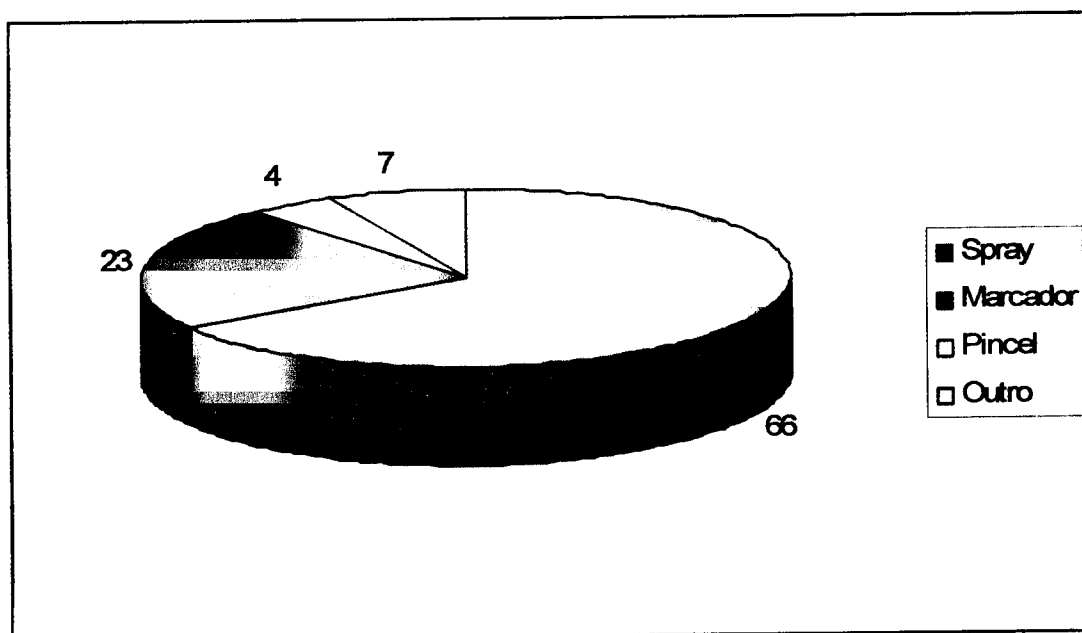


Gráfico 3.2.6. Percentagens de cada material com que são realizados *graffiti*.

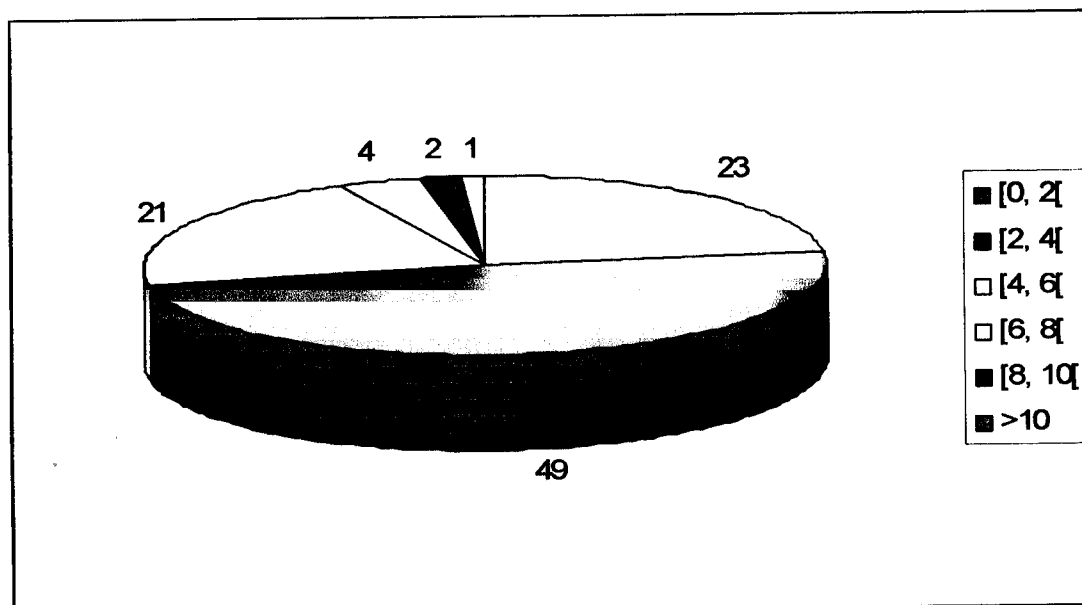


Gráfico 3.2.7. Percentagens de largura de traço de *graffiti*.

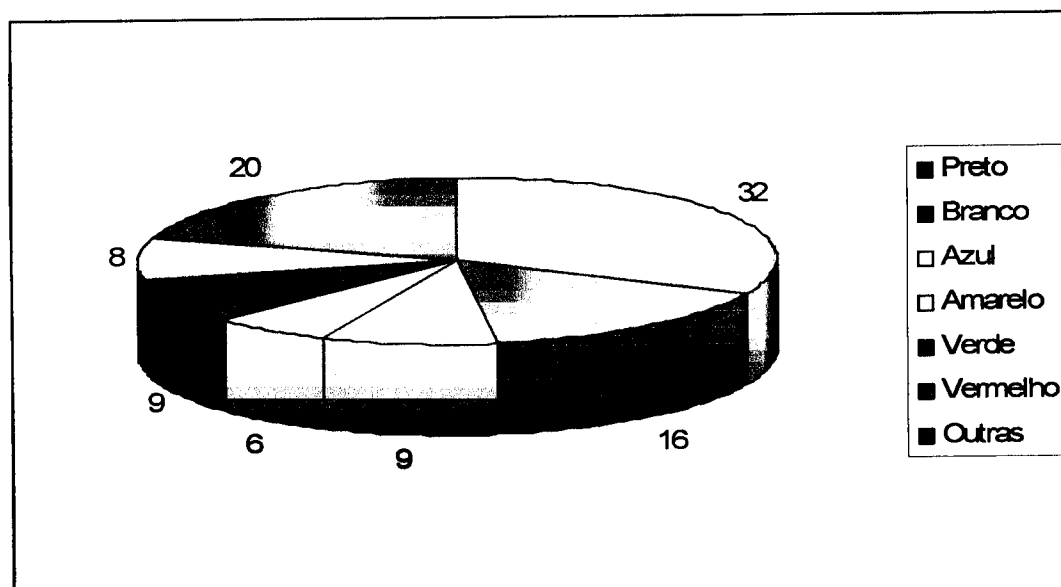


Gráfico 3.2.8. Percentagens da cor de *graffiti*.

Ao todo, nos 45 sectores escolhidos aleatoriamente, foram amostrados e caracterizados 344 *graffiti*. Apenas em 8 sectores não se encontrou nenhum *graffiti*, o que significa que, se extrapolarmos este estudo baseado em amostragens aleatórias para toda a zona, escolhendo um sector ao acaso da zona em estudo, a probabilidade de encontrar *graffiti* é de 82,2%.

A aleatoriedade da amostragem neste procedimento é corroborada pela média de 7,64 *graffiti* por sector dos 45 sectores amostrados, semelhante à média de 7,73 *graffiti* por sector de toda a área em estudo.

Das amostras analisadas, acresce dizer que a maior parte, 97%, são *tags*, sendo os restantes 3% *throw-ups*. Não foram encontradas *pieces*.

Relativamente à morfologia, o *graffiti* mais típico é aquele que reúne as seguintes características: é um *tag*, feito numa parede pintada de branco, a uma altura entre 1 e 1,5 m do solo, com *spray* preto de aspersor de traço fino (entre 2 e 4 cm), e um exemplo deste *graffiti* pode encontrar-se representado na **Figura 3.2.3.**



Figura 3.2.9.: *Tag* PDI, Rua Justino Teixeira, Porto.

A morfologia do *graffiti* segue, regra geral, padrões definidos. As superfícies mais lisas são preferidas em detrimento das mais ásperas ou rugosas, e as cores são conjugadas no sentido de se obter um bom contraste. Os *tags* surgem, predominantemente, feitos em cores escuras, sobre

superfícies claras, ou em alternativa, em cores claras sobre superfícies escuras. Os *sprays* dourados ou prateados são também muito comuns.

Não é de todo estranho constatar que os *tags* são feitos de uma forma que potencia ao máximo a sua percepção. Sobre isto, EIBL-EIBSFELDT (1989), refere que a percepção de um objecto é essencial para a nossa orientação num dado ambiente e também para respondermos aos objectos de uma forma adaptativa. No caso da percepção visual, o objecto deve estar separado em contraste do seu fundo.

Além do conjunto de dados morfológicos ligados à percepção visual, de onde se destaca principalmente o contraste, existe outro conjunto de factores relacionados com a rapidez com que um *tag* tem que ser executado, dados os riscos inerentes à actividade de *tagger*, nomeadamente a fuga às autoridades. Assim, o *tag* tem que ser suficientemente pequeno para ser feito rapidamente, mas suficientemente grande para ser visto.

A grande profusão de *tags* espalhados no espaço parece significar que existe um significado territorial da sua existência. Assim, para um *tagger*, os benefícios do *tag* são os da sinalização de um território, que levam ao controlo mais eficaz desse território através do seu reconhecimento por parte dos intrusos. Quando se fala em "intrusos" neste contexto, pretende-se falar em qualquer pessoa que passe e veja o *tag* e que este lhe provoque uma qualquer reacção. Os benefícios serão, assim, não só os da marcação do território mas também do reconhecimento dos seus pares. Já em 1971, no artigo do New York Times sobre TAKI 183 era referido que a notoriedade de um *writer* granjeia a admiração e o respeito dos outros (CHARLES, 1971). Ou seja, a proliferação de um *tag* e a sua visibilidade são a forma mais directa de subir na cadeia hierárquica dos *taggers*, com todas as implicações em termos de aptidão que isso acarreta.

Relativamente aos riscos, a necessidade de fuga às autoridades leva a que haja uma economia no tamanho do *tag* e na altura a partir do solo a que este é feito. Assim, os *tags* são geralmente pequenos (a maioria anda à volta de 30 cm) e situam-se preferencialmente entre 1m e 1,50m, que corresponde à altura a que uma pessoa de estatura média segura uma lata de aerossol contra uma parede. Além disso, os *tags* encontrados no terreno são, na sua esmagadora maioria, feitos com um único traço contínuo, o que aliás é comum

ao próprio conceito de *tag* (GASTMAN *et al.*, 2006). Esse facto potencia ainda mais a rapidez com que um *tag* é realizado. A actividade de um *tagger* é, assim, extremamente optimizada em termos de aptidão, resultando num compromisso estável entre a dimensão e a rapidez.

O facto de existir uma probabilidade superior a 80% de se encontrar um *tag* num sector escolhido ao acaso na área em estudo, ilustra de sobremaneira a importância que os *tags* têm em termos de marcação. Aliás, a cidade está cravejada de marcações, que se tornam já impossíveis de ignorar e, como tal, não se podem estranhar os resultados do inquérito realizado por MOLLER (2005), que afirma que os *graffiti* irritam cerca de 65% dos portugueses.

3.3. | ESTUDO DE TAGS E RELAÇÃO COM A TERRITORIALIDADE DE GRUPOS

Os *tags* estudados e analisados nesta actividade procedimental foram os *tags* CG (Figura 3.3.1.) e GMB (Figura 3.3.2.).



Figura 3.3.1.: Tag CG, Rua do Bonfim, Porto.



Figura 3.3.2. Tag GMB, Rua do Morgado Mateus, Porto.

3.3.1. | O TAG GMB

O *tag* GMB tem uma distribuição geográfica bastante extensa dentro da área estudada. Aliás, os seus autores não se restringem à Cidade do Porto. Durante a minha investigação identifiquei a mesma marcação, em deslocações a várias localidades do Litoral Norte/Centro do País, como em Espinho, Aveiro, Figueira da Foz ou Coimbra e até mesmo no Algarve. Há relatos da existência deste *tag* na Alemanha. Parece, assim, haver grandes motivações para a realização deste *tag*. Na área estudada para este tipo de marcação, que consiste na totalidade do Concelho do Porto, este *tag* tem uma distribuição preferencial na zona central da cidade.

A marcação GMB surge, também, pontualmente, na forma de *throw-up* (Figura 3.3.3.), em alguns casos já com algum cuidado principalmente no uso de mais que duas cores, mas na generalidade, bastante rudimentares. Foram detectadas nas áreas em estudo algumas *pieces* rudimentares associadas a este grupo.



Figura 3.3.3. *Throw-up* GMB, Rua Câmara Pestana, Porto.

Na Cidade do Porto, durante o tempo em que decorreram as contagens das marcações, ou seja, entre Abril de 2005 e Maio de 2006, foram contabilizadas 356 marcações GMB. Da caracterização das marcações GMB, pode-se dizer que a maioria, cerca de 90%, são feitas em spray, geralmente de cor preta e de espessura relativamente fina (2-4 cm), sendo que as restantes

são feitas com marcadores de ponta biselada, também geralmente de cor preta. A dimensão das marcações varia entre os 10 cm, aproximadamente, e 1,70 (Figura 3.3.3.) e os substratos onde são pintadas as marcações também são extremamente variados, não sendo possível estabelecer um padrão para esta componente de caracterização. Contudo, parece haver uma preferência para sítios bem visíveis em ruas movimentadas, havendo, como tal, uma maior probabilidade de estas marcações serem feitas à noite (Figura 3.3.4.).



Figura 3.3.4. Tag GMB, de grandes dimensões. Rua Júlio Dinis, Porto.

A manifestação de uma forte componente grupal nas marcações GMB está bem patente em dois pontos particulares: o facto de surgir frequentemente o tag GMBK, sendo que o K significa *Krew* (corruptela de *crew*) (Figura 3.3.5.) e o facto de surgirem inúmeras marcações com caligrafias diferentes (Figuras 3.3.6., 3.3.7., 3.3.8., 3.3.9., 3.3.10.).

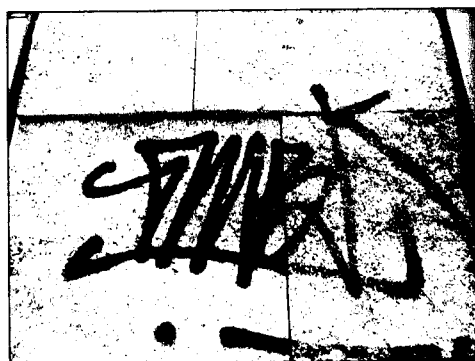


Figura 3.3.5. Tag GMBK. Rua Câmara Pestana, Porto.

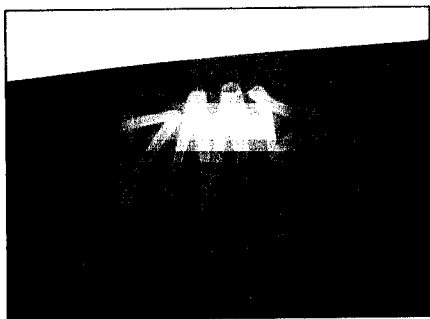


Figura 3.3.6. *Tag* GMB. Rua Câmara Pestana, Porto.



Figura 3.3.7. *Tag* GMB. Rua Júlio Dinís, Porto.



Figura 3.3.8. *Tag* GMB. Rua do Morgado Mateus , Porto.

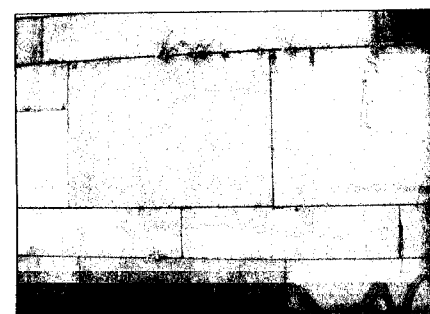


Figura 3.3.9. *Tag* GMB. Rua Câmara Pestana, Porto.

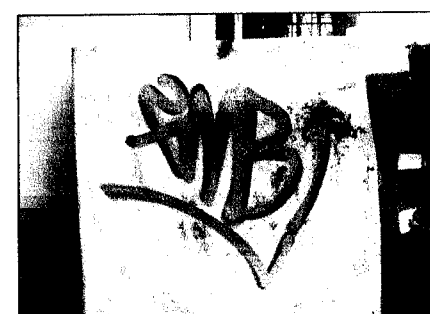


Figura 3.3.10. *Tag* GMB. Rua Júlio Dinis, Porto.

Este *tag* surge em grande quantidade na Cidade de Aveiro (**Figura 3.3.11.**), onde foram encontradas *pieces* realizadas por este grupo (**Figuras 3.3.12. e 3.3.13.**). Desconhecem-se as razões do facto de este grupo ser mais prolífico em *pieces* em Aveiro do que no Porto. Especulando, poderá ser devido a uma menor pressão policial em Aveiro ou à existência de muros ainda bastante limpos, dado que as *pieces* requerem mais tempo na sua realização e um substrato de maiores dimensões, mais regular e de cor homogénea.



Figura 3.3.11. *Tag* GMBK. À Praça do Peixe, Aveiro.

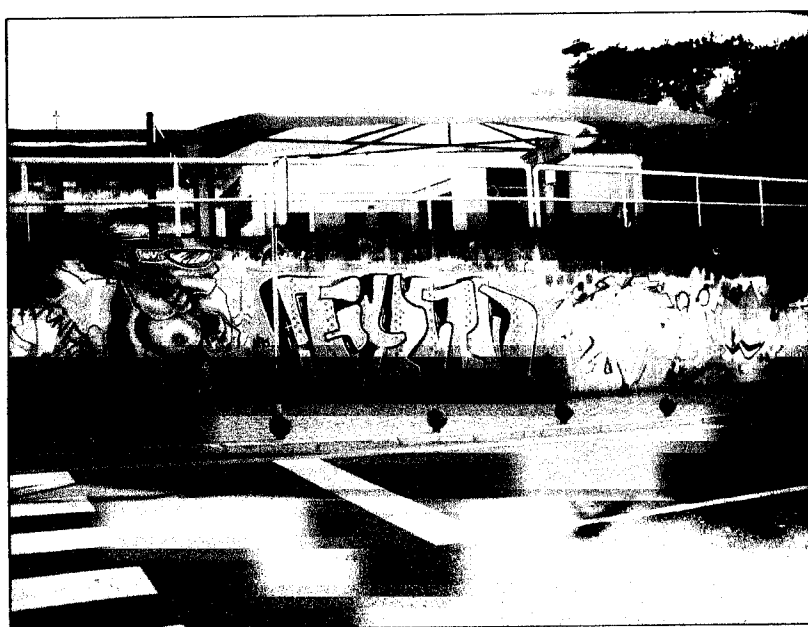


Figura 3.3.12. *Pieces*, Aveiro.



Figura 3.3.13. Pormenor de um *character* da fotografia anterior, com assinatura GMB, Aveiro.

A distribuição das marcações GMB pela Cidade do Porto e a sua densidade são analisadas no sub-capítulo 3.3.3., onde esta marcação e a CG são comparadas.

3.3.2. | O TAG CG

O *tag* CG distribui-se preferencialmente na zona Oriental da Cidade do Porto, tendo sido contabilizadas 208 marcações. O menor número de marcações, a distribuição menos expansiva no terreno e a ausência de marcações conhecidas fora da zona do Porto tornam este grupo menos prolífico que o grupo GMB, mas não menos interessante em termos dinâmicos.

Caracterizando, estes *tags* surgem pintados preferencialmente a *spray* de aspensor fino, com traço de grossura entre os 4 a 6 cm, ou a marcador de ponta biselada com traço de espessura de cerca de 2 cm. As composições são, na maioria (+/- 90%), pequenas, com cerca de 30 cm de altura e encontram-se entre 100 cm e 1,50 m de altura do piso, em paredes pintadas (70%) ou em alvenaria, azulejo ou portões chapeados (restantes 30%). As cores escolhidas são, maioritariamente, o preto, o branco e o prateado (> 60%), sendo que o verde, o amarelo e o azul são também frequentes (**Figuras 3.3.14. e 3.3.15.**).



Figura 3.3.14. *Tag CG*, Rua Sto. Ildefonso, ao Campo 24 de Agosto, Porto.



Figura 3.3.14. *Tag CG*, Av. Fernão Magalhães, Porto.

Não foram encontradas marcações identificadas com o K de *Krew*, mas as diversas caligrafias utilizadas apontam inequivocamente para um grupo com quatro ou mais elementos (**Figuras 3.3.16., 3.3.17., 3.3.18 e 3.3.19.**).

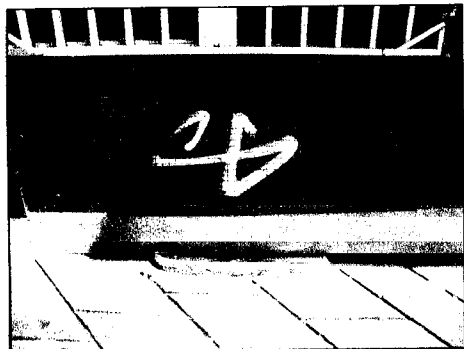


Figura 3.3.16. Tag CG, Rua do Bonfim, Porto.



Figura 3.3.17. Tag CG, Rua do Bonfim, Porto.

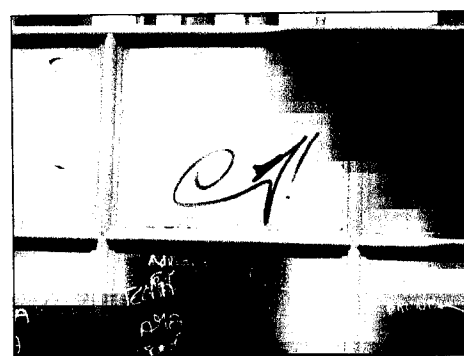


Figura 3.3.18. Tag CG, Rua Com. Rodolfo de Araújo, Porto.



Figura 3.3.19. Tag CG, Rua Pe. António Vieira, Porto.

Foram encontrados vestígios de *bombing*, como os que se podem observar nas **Figuras 3.3.20.** e **3.3.21.**, com a realização compulsiva no mesmo espaço de vários *tags* e um *throw-up*.

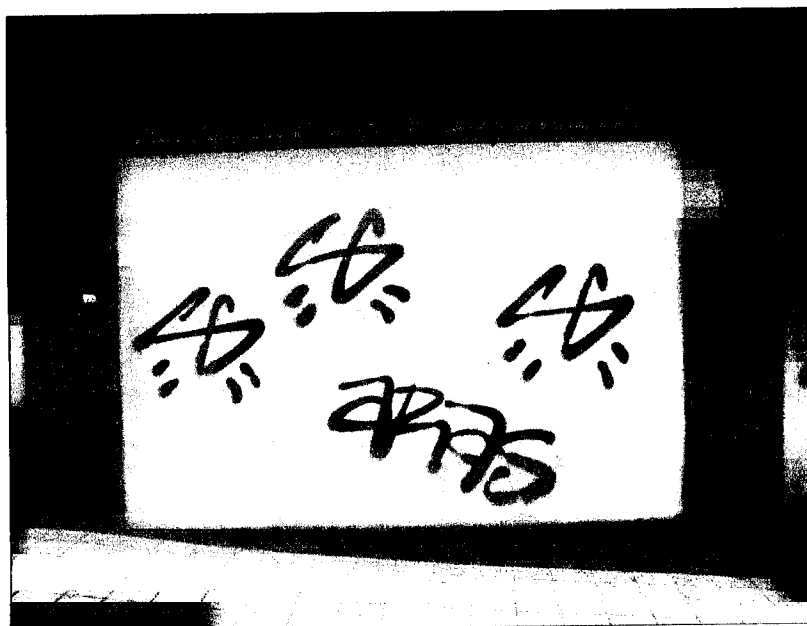


Figura 3.3.20. *Tags* CG. Rua Santos Pousada, Porto.



Figura 3.3.21. *Throw-up* CG, rodeado de *tags*, constituindo uma prática de *bombing*. Rua Santos Pousada, Porto.

3.3.3. | RELAÇÕES ENTRE OS TAGS GMB E CG

A contagem das marcações e a sua disposição cartográfica permitiu, depois de feitos os devidos tratamentos gráficos, se construírem os mapas das **Figuras 3.3.22. e 3.3.23.**, respectivamente das marcações GMB e das marcações CG.

Cada quadrícula do mapa tem 0,42 Km², e as quadrículas que apresentam marcações grupais, estão identificadas com um código de gradação de cor que representa a densidade das marcações, explicitada na legenda de cada mapa.

Estes mapas podem ser também encontrados em anexo (Anexo V), em transparência para permitir a visualização da sobreposição dos mapas.

Da análise dos mapas, são notórias as diferenças entre os dois grupos, quer em quantidade de espaço que ocupam, quer na zona por onde se espalham as marcações. O grupo CG tem uma distribuição mais restrita no espaço e ocupa uma zona mais oriental da cidade, enquanto que o grupo GMB se alonga mais no espaço e prefere uma zona mais central. Ambos os grupos realizam uma grande quantidade de marcações na zona da Baixa, se bem que, mesmo neste espaço restrito, o grupo CG prefira as zonas mais a leste, nomeadamente nas freguesias de Sto. Ildedfonso e Sé, e o grupo GMB mais a oeste, na freguesia de Cedofeita.

Mapa das Marcações GMB

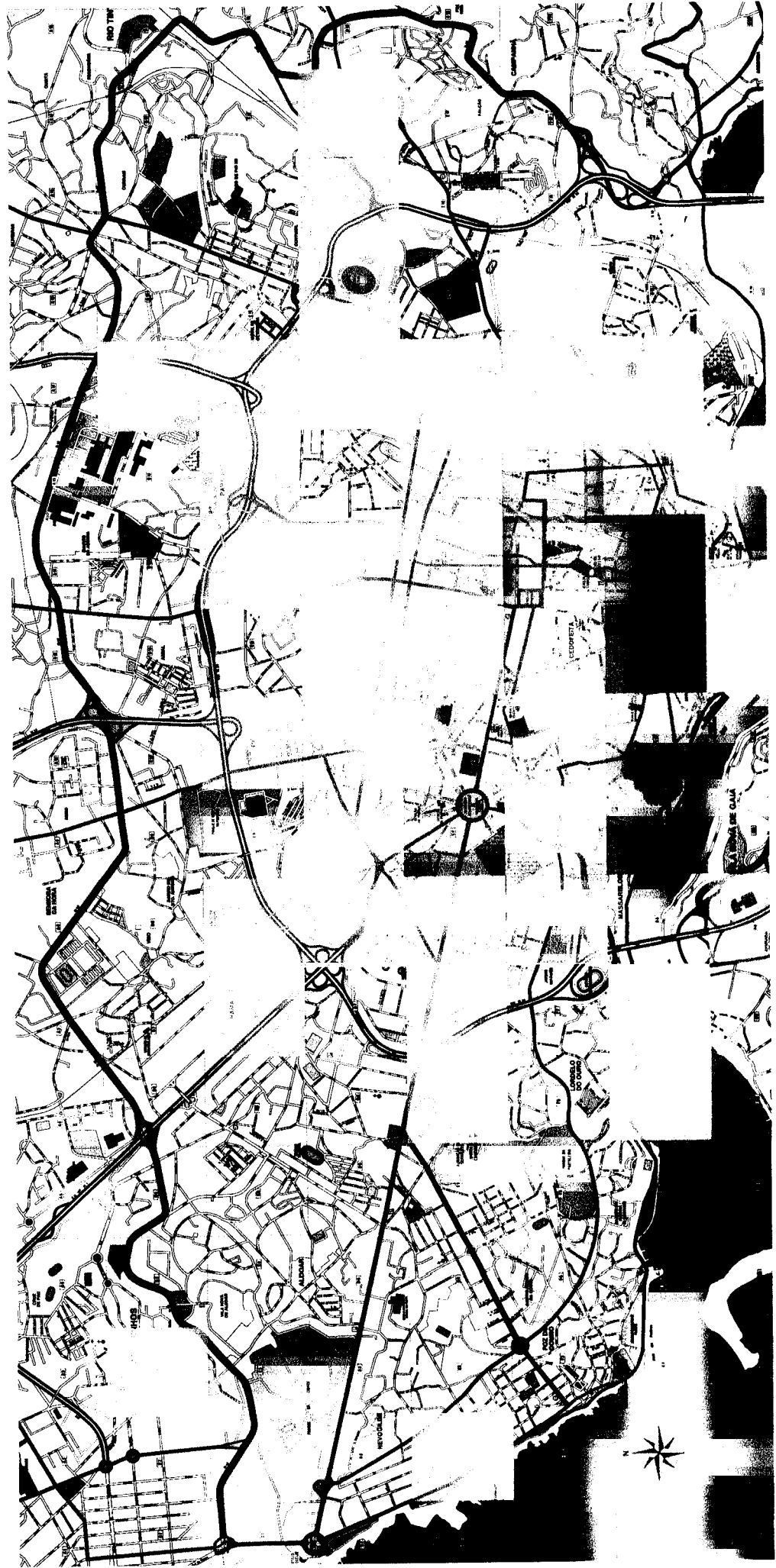


Figura 3.3.22. Mapa das marcações GMB.

Mapa das Marcações CG

Legenda:

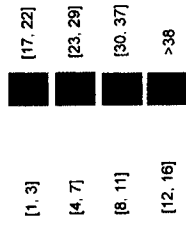


Figura 3.3.23. Mapa das marcações CG.

Apesar de diferentes para os dois grupos, as zonas com maior densidade de *graffiti* de cada grupo encontram-se bastante próximas. Há uma determinada coexistência entre os dois grupos, que partilham parte dos seus territórios um com o outro. No entanto, não são conhecidos sinais de rivalidade ou confrontos agonísticos, nem tão pouco se verificou alguma vez a destruição recíproca ou unilateral de um *tag* grupal.

Observou-se que, nas zonas correspondentes à periferia de cada um dos grupos no mapa, as marcações que surgem são cada vez menos diversificadas, ou seja, as marcações identificativas de um grupo, na periferia, são preferencialmente feitas por um único indivíduo, podendo ser definidas mesmo áreas da influência para cada indivíduo do grupo, de acordo com a morfologia própria da sua marcação. Isto sugere que elementos isolados do grupo deambulem pela periferia, onde possivelmente vivam ou estudem ou exerçam qualquer outra actividade. Nas zonas centrais, com mais densidade, podem-se encontrar marcações com caligrafias diferentes, o que significa que estas zonas constituem locais em que os membros do grupo exerçam a sua actividade em conjunto. Os elementos de um grupo têm, assim, uma dinâmica que pode ser estudada através dos *graffiti*. Reúnem-se numa parte central do território, onde exercem actividade conjunta, deixando lá as suas marcas grupais. Isoladamente, cada elemento deixa as suas marcas em zonas preferenciais que poderão corresponder a espaços que aquele indivíduo utiliza solitariamente.

A distribuição espaciotemporal das marcações grupais parece ser consistente com as definições de território, área nuclear e campo de reconhecimento. Podemos, assim, definir para cada um dos grupos, um espaço central, com uma maior densidade de marcações desse grupo (geralmente maior que 71,4 marcações/Km²), onde a sobreposição de marcações dos dois grupos é rara ou inexistente, correspondendo a este local o conceito de **área nuclear**. As zonas mais periféricas de cada território de grupo, onde há uma menor frequência de marcações, e as que surgem são feitas por indivíduos do grupo isoladamente, correspondem a **campos de reconhecimento**. As marcações do mesmo grupo que são distintas entre si em algumas formas gráficas, nomeadamente na especificidade das formas do traço, como a curvatura preferencial, e no início e terminação de cada traço, identificam

indivíduos diferentes do mesmo grupo. É sabido que cada indivíduo tem uma forma específica de escrever, uma caligrafia muito própria, que se repete sempre com os mesmos componentes (QUEIRÓZ, 1999).

Muitos autores consideram que o território existe apenas quando é activamente defendido contra intrusos (VOLAND, 1999; LEHNER, 1996). Nos grupos CG e GMB não se verificou qualquer sinal de defesa activa, o que não significa que ela não exista de facto. Se existe correspondência entre marcação de um território e existência de intrusos, é porque há o risco de intrusão. Senão, para que mais serviria a enorme profusão de *tags* grupais que se podem encontrar de uma forma tão organizada no terreno?

Apesar de, pela sua tipologia e morfologia, as marcações dos grupos CG e GMB não se considerarem *graffiti* de *gang*, no sentido que o são as marcações grupais de gangs rivais de New York e Los Angeles, não se descarta a possibilidade de haver uma analogia na distribuição destas duas formas distintas de *graffiti*, sendo interessante comparar este estudo a outros com metodologias idênticas ou semelhantes que se possam vir a realizar nas cidades americanas onde predominam gangs rivais. Sendo que o *graffiti* de *gang* é assumidamente territorial (MORRIS, 1996; SOMMER & SOMMER, 1997), semelhanças que fossem encontradas na distribuição das marcações pelo espaço e na sua dinâmica espaciotemporal, viriam a corroborar a tendência territorial destes dois grupos aqui estudados.

3.3.4. | O GRUPO MF

No final das actividades de campo desta investigação, começaram a surgir, na área em estudo, marcações feitas por um grupo diferente, o grupo MF (Figura 3.3.24.). Este grupo não foi estudado em termos de distribuição das suas marcações pela óbvia falta de tempo para aplicação dos procedimentos metodológicos. No entanto, considere importante referir a sua existência e o seu *modus operandi*, que é, em forma e conteúdo, muito diferente dos grupos referidos anteriormente.



Figura 3.3.24. Marcação MF semelhante a um *throw-up* rudimentar.
Fontainhas, Porto.

Em primeiro lugar, MF é uma sigla que significa Milícia das Fontainhas, o que por si só já diz algo sobre o grupo em questão. Milícia reverte para uma postura agressiva e Fontainhas é um nome de uma zona que se situa no extremo Sudoeste da área em estudo. Este facto reflecte uma tendência territorial, pois os membros do grupo, ao marcarem locais com o nome da sua zona estão concretamente a sinalizar qual o seu território.

A forma das marcações não se pode caracterizar como TTP. Não constituem *tags* nem *throw-ups*, sendo muito mais rudimentares e com uma estética extremamente diferente da TTP (Figuras 3.3.25. e 3.3.26.). Como tal, não existem *pieces* realizadas por este grupo.

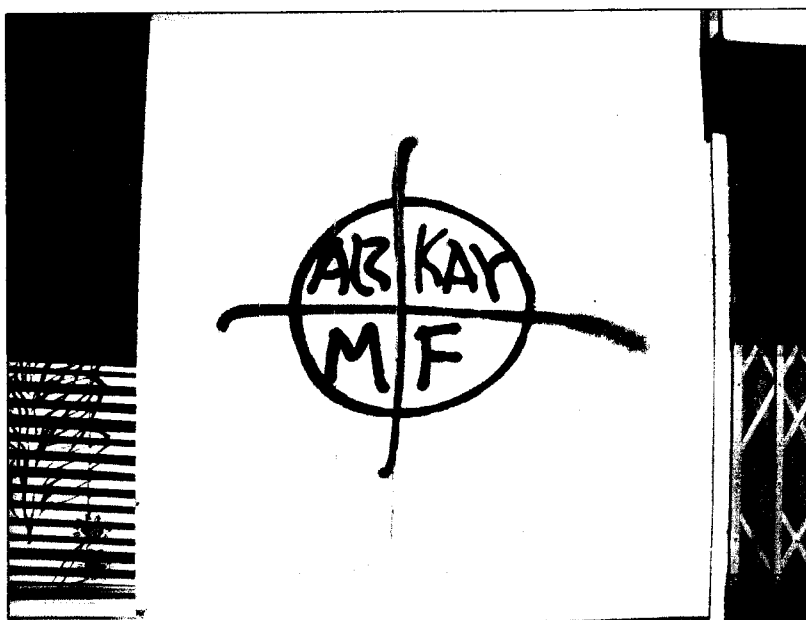


Figura 3.3.25. Marcação MF. Rua Joaquim António Aguiar, Porto.



Figura 3.3.26. Marcação MF. Praça da Alegria, Porto.

Em termos de comportamento, este grupo revela-se assumidamente desafiador da autoridade, como se pode ver nas inscrições feitas próximo das marcas, onde se lê *"fuck police"* (Figuras 3.3.27. e 3.3.28.).

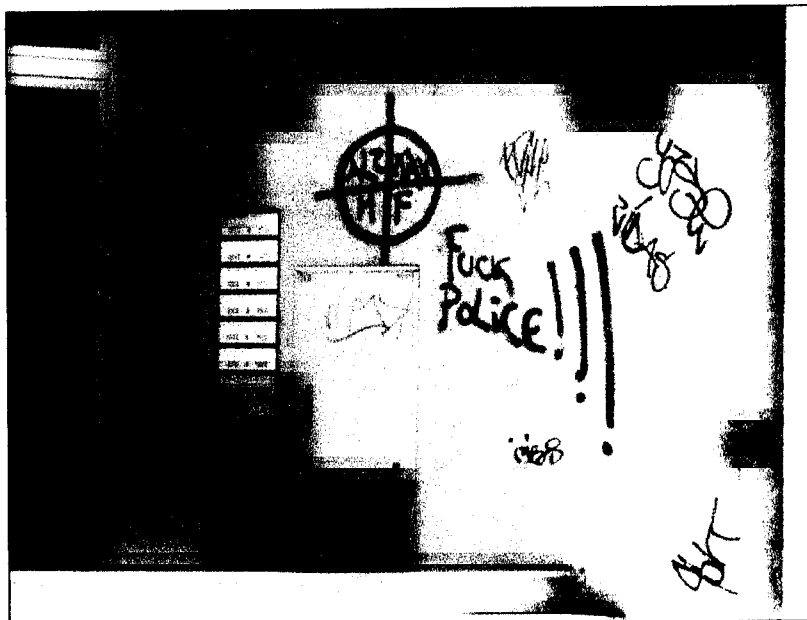


Figura 3.3.27. Marcação MF. Rua Conde Ferreira, Porto.

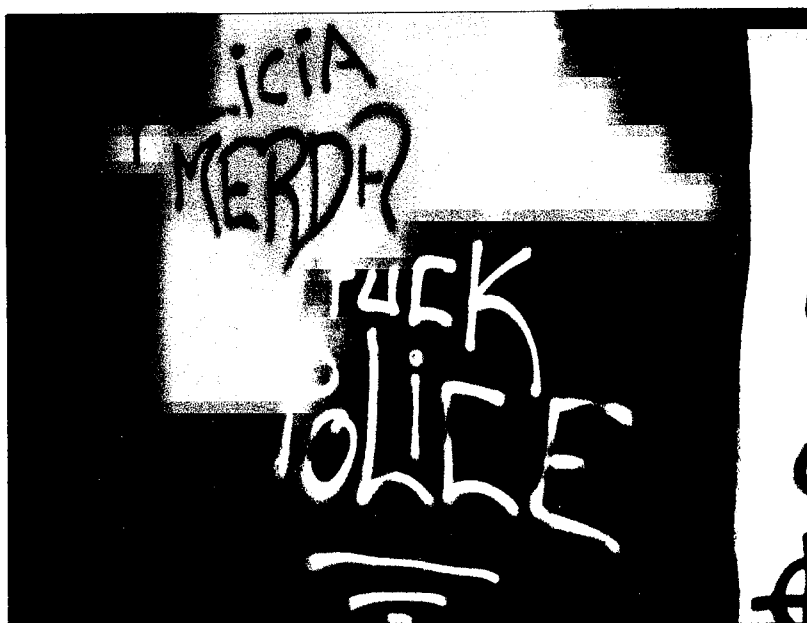


Figura 3.3.28. Inscrição do grupo MF. Fontainhas, Porto.

Este grupo protagonizou também a única acção de destruição de outros *graffiti* a que se assistiu na zona em estudo, com insultos aos *writers* originais (Figuras 3.3.29., 3.3.30. e 3.3.31.), tornando-se claro que não se regem pela mesma conduta ou código de ética dos demais. Como já foi referido, esta postura iconoclasta é muito rara, senão inexistente (BACELAR, 2004), nos

grupos de *writers* que se dedicam ao *graffiti* do tipo TTP, portanto o grupo MF poderá ser enquadrado na dinâmica de um *gang* marginal territorial.



Figura 3.3.29. *Piece* destruída pelo grupo MF. Rua Conde Ferreira, Porto.



Figura 3.3.30. Pormenor da fotografia anterior, revelando a sobreposição da *piece* original com inscrições insultuosas.



Figura 3.3.31. *Idem*.

O símbolo circular dividido em quatro que este grupo inscreve, assemelha-se a uma Cruz Céltica, um símbolo reconhecidamente utilizado por grupos de neo-nazis e de extrema-direita na Europa, e que, originalmente, era um símbolo dos povos Celtas. Não se conhecem relações entre este grupo e qualquer tendência política. No entanto, a utilização desta simbologia poderá, especulativamente, estar ligada a claque de futebol que também usam os mesmos símbolos. A cruz encontra-se, na generalidade das marcações, acompanhado de uma espécie rudimentar de *tags* que identificam os elementos do grupo, como por exemplo, AR, KAY, EL, ALZ, OZA, o que indica que este grupo é composto por, pelo menos, cinco elementos.

Como se pode ver na figura seguinte, este grupo assume frontalmente a sua postura de vandalismo e desafio às autoridades.



Figura 3.3.32. Marcação MF, com a inscrição "Vandals"

A dinâmica deste grupo carece de um estudo mais quantitativo e intensivo, contrastante com a abordagem qualitativa que foi empreendida pela óbvia falta de tempo para aplicar os métodos desenvolvidos a uma marcação que surgiu recentemente. Apenas esse tratamento em igualdade de circunstâncias com os outros grupos poderá inferir sobre as características destes indivíduos que se intitulam Milícia das Fontainhas. Há uma carga agonística no comportamento dos indivíduos do grupo MF, materializada em

destruição de outros *graffiti*, insultos e desafios às autoridades e auto-intitulação como vândalos. No entanto, ao contrário dos outros grupos, as marcações do grupo MF não são do tipo TTP. É o único fenómeno do género na área em estudo. A sua sinalização é consistente com a defesa territorial activa (LEHNER, 1996; VOLAND, 1999; GOODENOUGH *et al.*, 1993), pois identificam o local de onde são provenientes e as marcações parecem ser muito mais frequentes nas Fontainhas. Usam uma simbologia que se poderá considerar agressiva (Cruz Céltica) e que identifica e une os membros do grupo. Deixam mensagens inscritas, ou seja, não são apenas as assinaturas do grupo ou do indivíduo. Assim, possuem um conjunto de características que os poderão qualificar como um *gang* territorial em analogia com os que existem em New York ou Los Angeles (MORRIS, 1996).

Obviamente que trabalhos futuros sobre este tema terão que estudar obrigatoriamente este interessante fenómeno do grupo MF e a sua relação com outros grupos da mesma área.

O aumento das marcações na zona em estudo durante os últimos meses até à data em que se deram por concluídas as observações (Setembro de 2006), sugere que este grupo se encontra em grande actividade e crescimento. É, portanto, um grupo interessante e pertinente de estudar em futuras investigações deste âmbito, quer pelo seu carácter comportamental diferencial relativamente a outros grupos, quer pela sua atitude territorial.

3.4. | ESTUDO DAS MOTIVAÇÕES PESSOAIS DO GRAFFITI

Os inquéritos (Anexo II), aplicados à população escolar são tratados nesta secção. Os resultados, relativos às duas populações, são apresentados na forma textual e gráfica e todos os testes de hipóteses realizados, foram baseados sobre a distribuição de χ^2 (FOWLER & COHEN, 1986).

3.4.1. | CARACTERIZAÇÃO DAS AMOSTRAS

Ponto 1 - Idade

Tabela 3.4.1. Caracterização das idades das amostras das duas zonas.

	Zonas urbanas	Zonas não urbanas
n (n.º de indivíduos)	252	228
Intervalo de idades	[12, 20]	[13, 20]
Média X (anos)	15,07	15,10
Mediana (anos)	15	15
Moda M (anos)	15	15

Cada amostra pode-se considerar simétrica em termos de idade, pois os parâmetros de localização - média e mediana - assumem valores semelhantes.

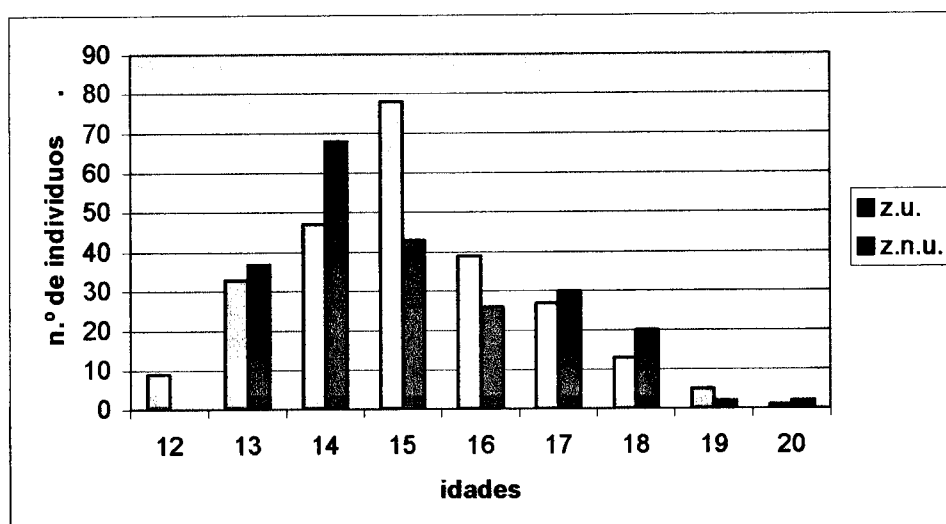


Gráfico 3.4.2. Idade dos indivíduos das duas amostras (z.u.=zonas urbanas; z.n.u.= zonas não urbanas), em função do número de indivíduos.

A diferença entre a distribuição de idades das duas amostras não é estatisticamente significativa ($\chi^2_2 = 1,358$; n.s.).

Ponto 2 - sexo

Nas zonas urbanas, 46% dos indivíduos são do sexo masculino e 54% pertencem ao sexo feminino. Nas zonas não urbanas, este rácio é de 49% para o sexo masculino e 51% para o feminino.

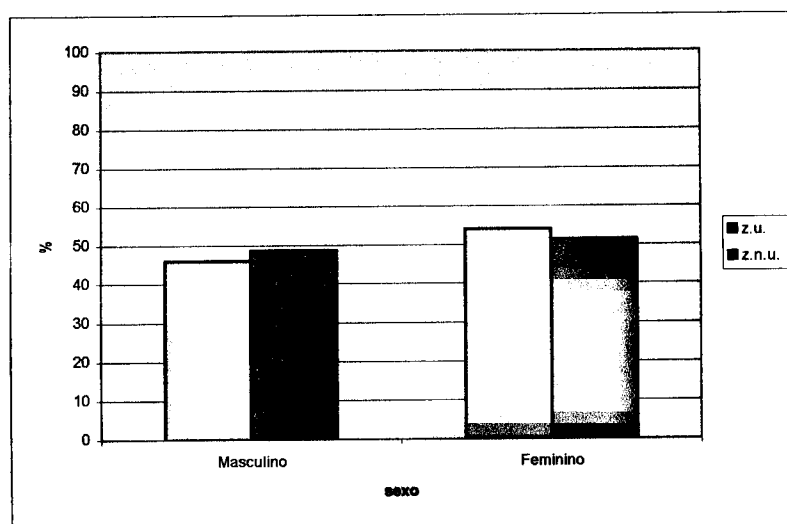


Gráfico 3.4.3. Percentagem dos sexos dos indivíduos das amostras (z.u.=zonas urbanas; z.n.u.= zonas não urbanas).

Para efeitos de teste de hipóteses sobre a distribuição do χ^2 , considerou-se o sexo como característica nominal, ou seja, parte-se do princípio que a frequência de sexos seja de 50% para cada sexo em condições naturais. Os testes realizados mostraram não haver significância estatística na diferença entre sexos em cada amostra, nem nas zonas urbanas ($\chi^2_1 = 1,432$; n.s.), nem em zonas não urbanas ($\chi^2_1 = 0,111$; n.s.), nem também entre as duas amostras ($\chi^2_1 = 0,779$; n.s.).

3.4.2. | ACTO OU INTENÇÃO DE FAZER GRAFFITI

Ponto 3 - Alguma vez escreveste ou pintaste paredes?

Nas zonas urbanas, dos indivíduos inquiridos, 47% admitiram ter escrito ou pintado paredes, contra 53% que o negaram. Nas zonas não urbanas, os indivíduos que admitiram ter escrito ou pintado paredes foi 48% da amostra, enquanto que os restantes 52% negaram tê-lo feito.

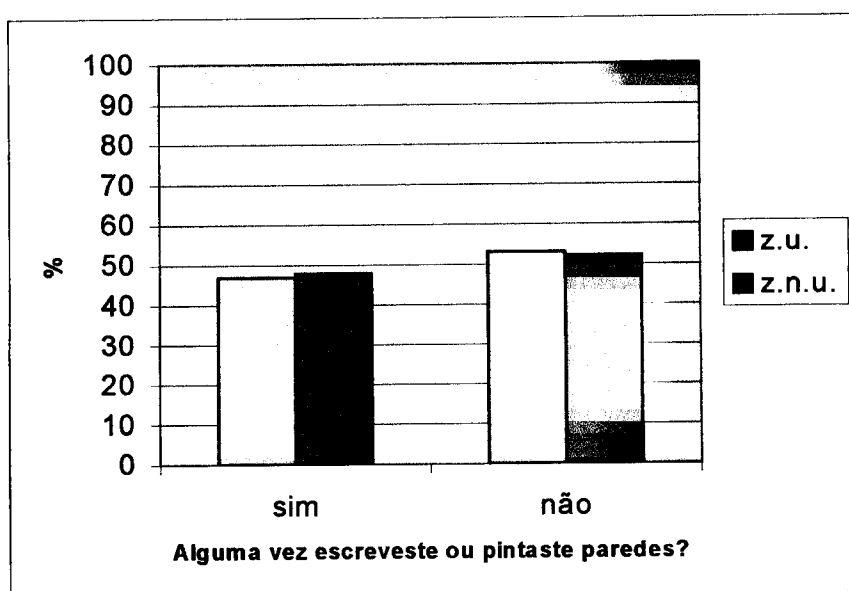


Gráfico 3.4.4. Percentagem dos indivíduos das amostras que admitiram ou não, ter escrito ou pintado paredes (z.u.=zonas urbanas; z.n.u.= zonas não urbanas).

Dos indivíduos que responderam afirmativamente à questão anterior, 48% são do sexo masculino e 52% são do sexo feminino nas zonas urbanas e, nas zonas não urbanas, 55 % são do sexo masculino e 45% do sexo feminino (**Gráfico 3.4.5.**).

O acto de escrever ou pintar paredes não é dependente do sexo, como provam os testes de hipóteses realizados para as zonas urbanas ($\chi^2_1 = 0,076$; n.s.) e para as zonas não urbanas ($\chi^2_1 = 0,918$; n.s.). Da mesma forma, as duas populações não diferem entre si em relação ao sexo no acto de pintar ou escrever paredes ($\chi^2_1 = 0,779$; n.s.).

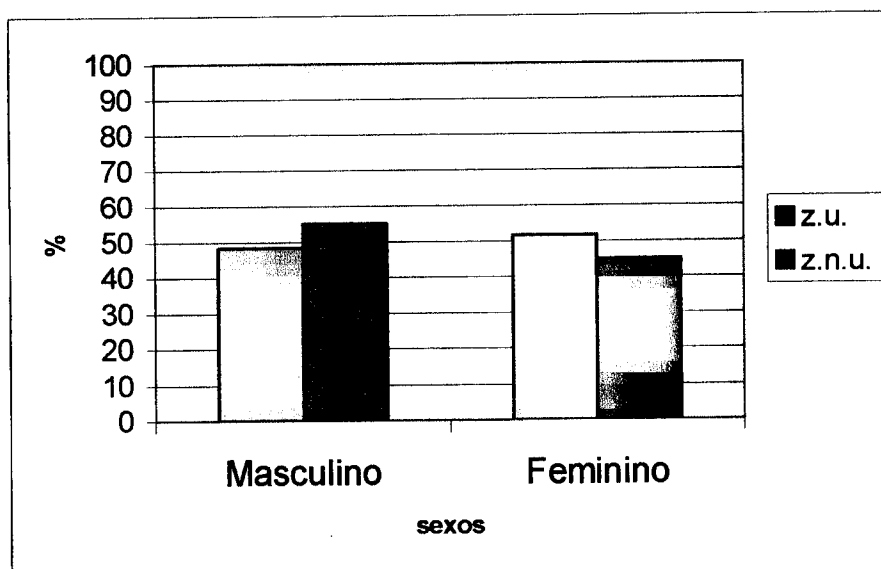


Gráfico 3.4.5. Percentagem dos indivíduos de cada sexo das amostras que admitiram ter escrito ou pintado paredes (z.u.=zonas urbanas; z.n.u.= zonas não urbanas).

Relativamente à idade dos indivíduos que admitiram ter escrito ou pintado paredes, a sua discriminação encontra-se no gráfico seguinte.

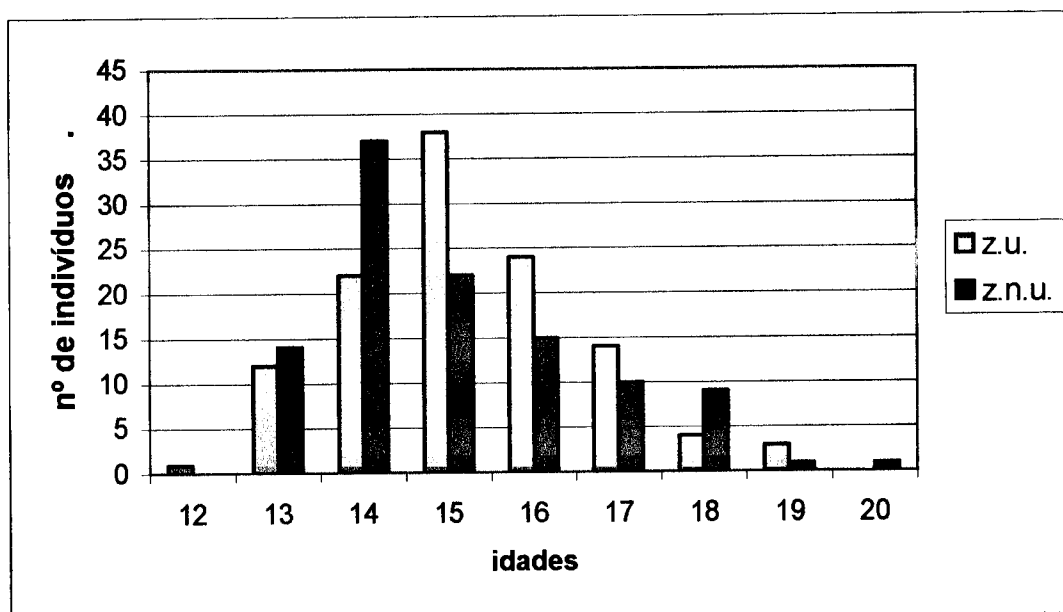


Gráfico 3.4.6. Número de indivíduos de cada idade e de cada zona que admitiram ter escrito ou pintado paredes (z.u.=zonas urbanas; z.n.u.= zonas não urbanas).

O número de indivíduos de cada idade, que fazem *graffiti*, é aproximadamente proporcional ao número de indivíduos de cada idade do total da amostra, não havendo, por isso, uma dependência significativa entre a idade e o acto de escrever ou pintar paredes.

As duas populações também não diferem significativamente entre si em relação à idade dos indivíduos que escrevem ou pintam paredes ($\chi^2_6 = 8,349$; n.s.).

Ponto 4 - Alguma vez tiveste vontade de escrever ou pintar paredes?

Todos os indivíduos que responderam ao ponto 4, responderam **NÃO** no ponto 3. Destes indivíduos, 40% das zonas urbanas e 48% das zonas não urbanas revelaram intenção de escrever ou pintar paredes.

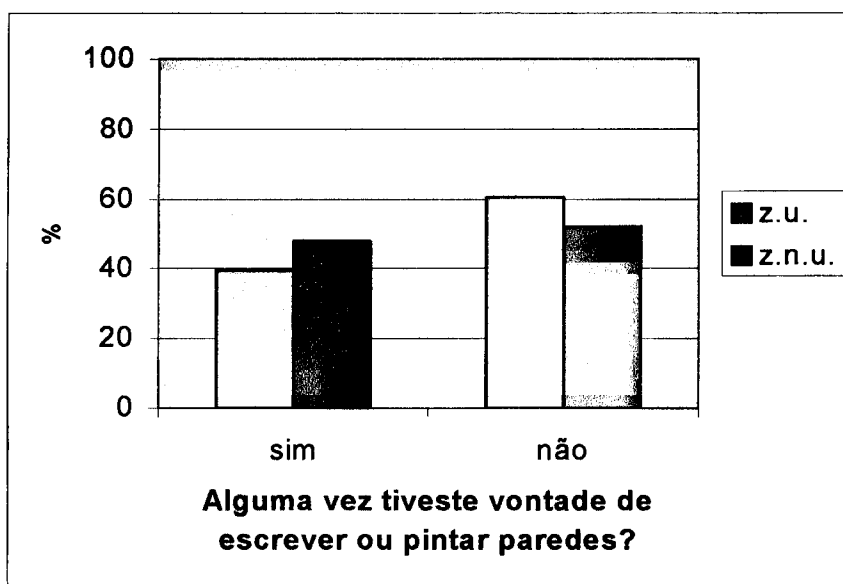


Gráfico 3.4.7. Percentagem dos indivíduos das amostras que demonstraram intenção de escrever ou pintar paredes (z.u.=zonas urbanas; z.n.u.= zonas não urbanas).

Dos indivíduos que responderam afirmativamente à questão anterior, 38% são do sexo masculino e 62% são do sexo feminino nas zonas urbanas e, nas zonas não urbanas, 45% são do sexo masculino e 54% do sexo feminino.

A intenção de escrever ou pintar paredes não é dependente do sexo, como provam os testes de hipóteses realizados para as zonas urbanas ($\chi^2_1 = 2,716$; n.s.) e para as zonas não urbanas ($\chi^2_1 = 0,280$; n.s.). Da mesma forma, as duas populações não diferem em relação ao sexo na intenção de pintar ou escrever paredes ($\chi^2_1 = 0,412$; n.s.).

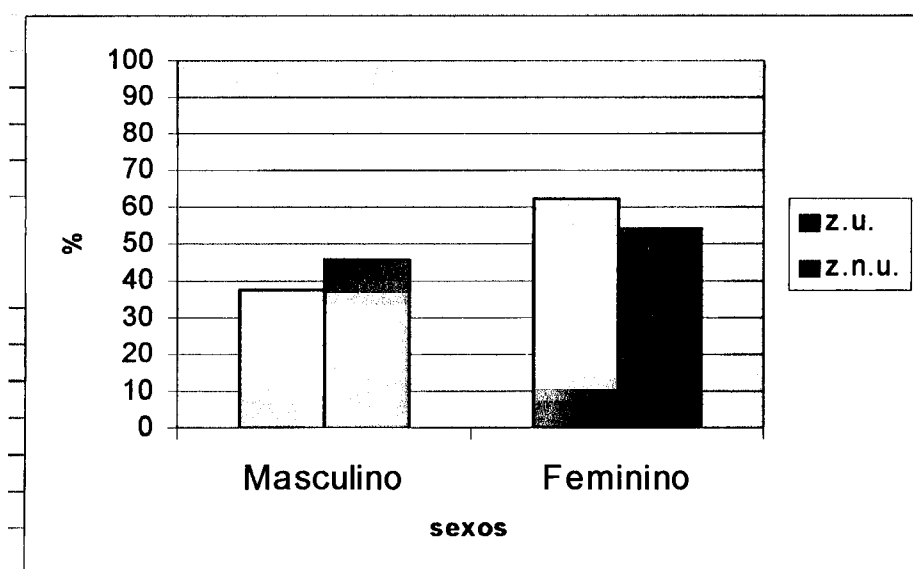


Gráfico 3.4.8. Percentagem dos indivíduos de cada sexo das amostras que demonstraram intenção de escrever ou pintar paredes (z.u.=zonas urbanas; z.n.u.= zonas não urbanas).

Relativamente à idade dos indivíduos que demonstraram vontade de fazer *graffiti*, a sua discriminação encontra-se no gráfico seguinte.

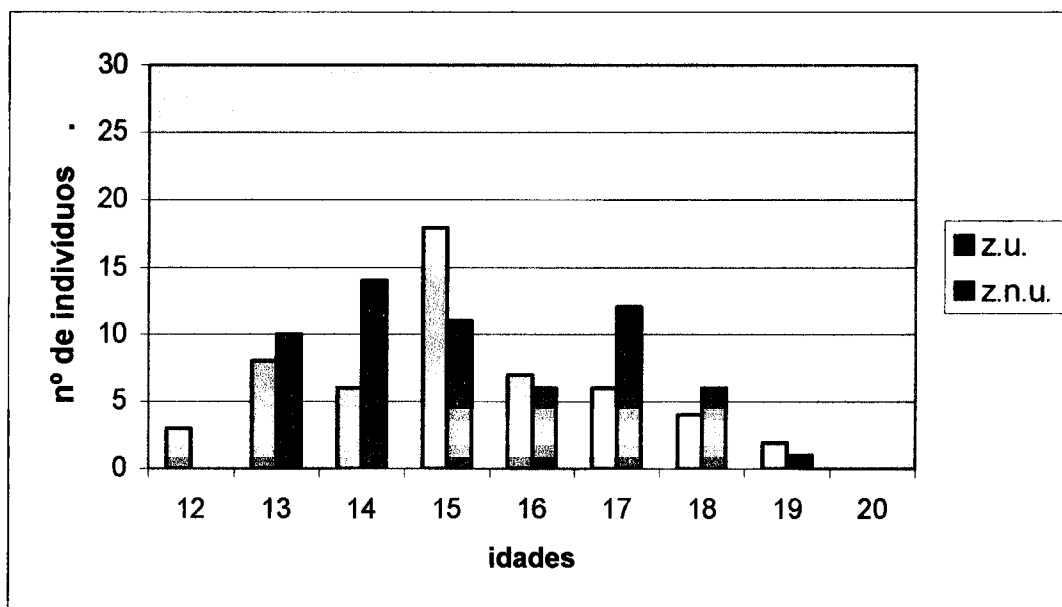


Gráfico 3.4.9. Número de indivíduos de cada idade e de cada zona que demonstraram a intenção de escrever ou pintar paredes (z.u.=zonas urbanas; z.n.u.= zonas não urbanas).

As duas populações também não diferem significativamente entre si em relação à idade dos indivíduos que têm intenção de fazer *graffiti* ($\chi^2_2 = 1,01$; n.s.).

3.4.3. | COMPONENTE MOTIVACIONAL

Ponto 5 - Motivações que levaram os indivíduos a escrever ou pintar paredes ou a ter intenção de o fazer.

Os indivíduos, neste ponto do inquérito, escolheram até um máximo de três opções sobre a motivação que os levou a fazer *graffiti*, ou pelo menos a razão que os poderia ter levado a fazê-lo, visto que mesmo os inquiridos que demonstrassem apenas intenção, respondendo SIM no Ponto 4 do inquérito, eram encaminhados para responder a este ponto.

As opções dadas são as seguintes:

- A) Para expressar a tua capacidade artística;
- B) Para marcar o teu território ou do teu grupo;
- C) Para comunicar, deixando uma mensagem;
- D) Para deixar a tua marca pessoal;
- E) Para desafiar a polícia e as leis da sociedade;
- F) Para identificar o grupo a que pertences;
- G) Porque fazê-lo te dá uma sensação de poder e fama;
- H) Pelo prazer de sujar e destruir os valores da sociedade;
- I) Para ameaçar alguém ou alguma coisa;
- J) Para homenagear alguém ou alguma coisa;
- K) Por outra razão. Diz qual.

O gráfico seguinte traduz a percentagem de respostas de cada opção dadas pelos indivíduos de cada zona.

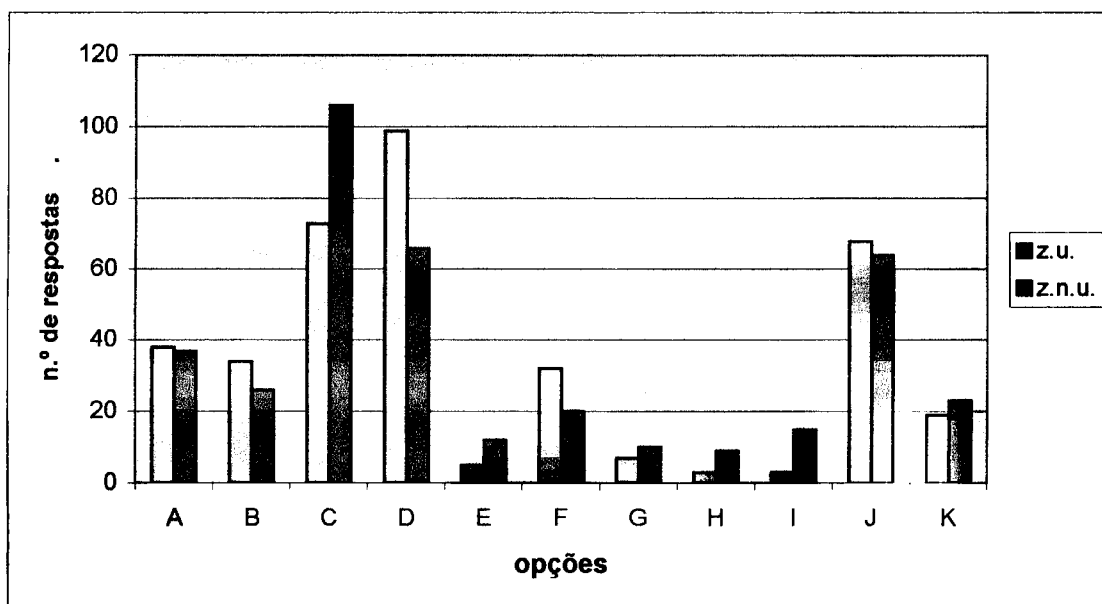


Gráfico 3.4.10. Número de respostas por cada opção escolhidas pelos indivíduos de cada zona que, efectiva ou intencionalmente escreveram ou pintaram paredes (z.u. = zonas urbanas; z.n.u. = zonas não urbanas).

As opções dadas no inquérito, por sua vez, estão interrelacionadas, constituindo **categorias motivacionais**. Como tal, a acumulação de várias opções traduz uma categoria:

- o somatório de respostas B+D+F está relacionado com comportamento territorial e constitui a categoria X;
- o somatório de respostas E+G+H+I está relacionado com a delinquência e o desafio às regras sociais e constitui a categoria Y;
- o somatório de respostas A+C+J está relacionado com a arte e a expressão de ideias e constitui a categoria Z.

O resultado da acumulação de opções em categorias está patente no gráfico seguinte.

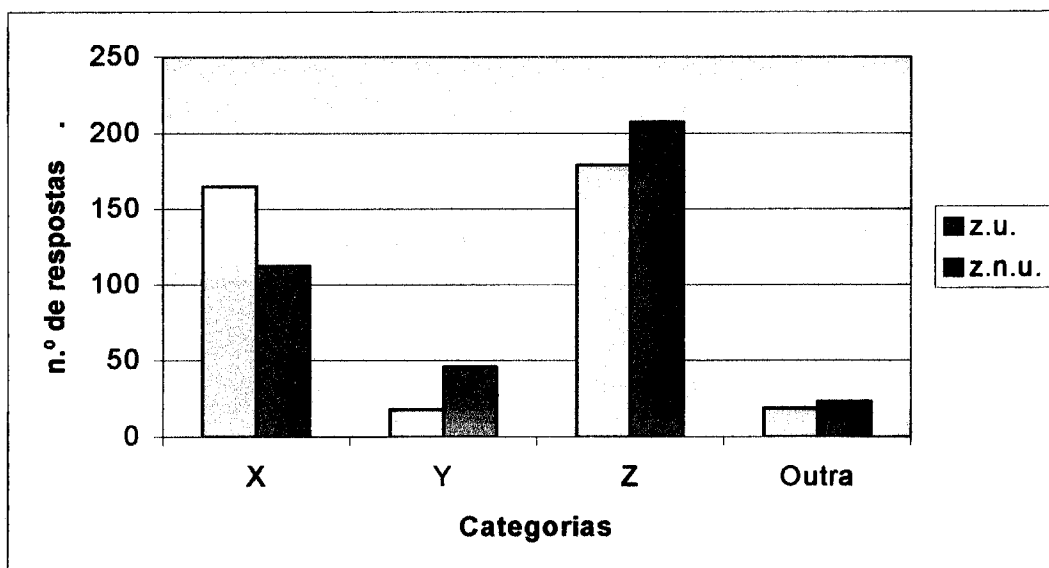


Gráfico 3.4.11. Número de respostas agrupadas em categorias motivacionais, resultantes da acumulação de opções escolhidas pelos indivíduos das duas amostras que, efectiva ou intencionalmente escreveram ou pintaram paredes (z.u. = zonas urbanas; z.n.u. = zonas não urbanas).

As duas amostras diferem muito significativamente uma da outra em termos de motivação para o *graffiti* ($\chi^2_3 = 24,472$; $P < 0,01$). As motivações para a prática de *graffiti* podem, assim, considerar-se extremamente diferentes entre as cidades e os meios não urbanos.

Discutindo todos os resultados evidenciados, de uma forma sucinta, pode dizer-se que as amostras consideradas, dos indivíduos de zonas urbanas e não urbanas, são bastante similares entre si para os parâmetros que relacionam sexo, idade e acto ou intenção de escrever ou pintar paredes. O ponto em que as duas amostras diferem de uma forma altamente significativa é nas motivações para o acto ou intenção de escrever ou pintar paredes. Os resultados apontam para uma muito maior motivação territorial para a prática do *graffiti* nos indivíduos das zonas urbanas. Se considerarmos que as cidades, como meios artificiais radicalmente diferentes daqueles onde evoluímos, exigem do Homem moderno a mesma necessidade de território mas com comportamentos territoriais diferentes, poderemos encontrar aqui uma provável explicação desta grande diferença entre a motivação territorial para o *graffiti* nas zonas urbanas e não urbanas. Nas cidades, o aumento da pressão demográfica, a existência de "estranhos" (MORRIS, 1996), e a vida em geral

atribulada, estarão a criar condições para o reforço da nossa territorialidade. A crescente necessidade de afirmação e de defesa do espaço, num meio que é, à partida, desterritorializado e artificial, serão, assim, uma adaptação ao ambiente, por via da qual os indivíduos que revelam comportamentos de marcação e defesa do território encontraram, logicamente, mais benefícios que riscos nos seus comportamentos.

Outro resultado interessante é o que agrega as opções relacionadas com o desafio às autoridades e o vandalismo na categoria Y. Esta teve um resultado mais elevado nas zonas não urbanas do que nas zonas urbanas, sendo que a discrepância entre os dois resultados é estatisticamente significativa, como provou o teste de hipóteses sobre a distribuição de χ^2 realizado. Apenas um estudo mais cuidado desta situação poderá esclarecer esta estranha opção.

O facto de o acto de escrever ou pintar paredes não ser dependente do sexo nas amostras analisadas, contraria as afirmações de SOEIRO & LOPES (2003), quando afirmam que no mundo do *graffiti* as mulheres são quase inexistentes. De facto, as mulheres não parecem participar tão activamente no *graffiti* como os homens, mas isto não quer dizer que não o façam. São conhecidas diversas *writers* mulheres (COSTA, 2001). No entanto, não se exclui a possibilidade de o inquérito aplicado não ter introduzido este problema da melhor forma. Mais à frente são abordadas algumas das limitações da aplicação de inquéritos.

No que diz respeito à intenção de fazer *graffiti* (Ponto 4), as diferenças encontradas entre os sexos e entre as duas amostras, apesar de não serem estatisticamente significativas, como o teste de χ^2 demonstra, parecem indicar uma determinada tendência que exige uma análise mais detalhada: nas zonas urbanas, os indivíduos revelam uma menor intenção do que nas zonas não urbanas; nestas, parece haver uma maior vontade de fazer *graffiti* que não se materializa no acto, o que sugere que na cidade do Porto, os indivíduos passam mais directamente da intenção à acção. São os indivíduos do sexo feminino que revelam maior intenção de escrever ou pintar paredes, o que poderá significar também aqui que os rapazes passam mais facilmente da intenção ao acto do que as raparigas. Esta ideia parece ser corroborada, nas

zonas não urbanas, pela tendência que existe na diferença entre rapazes e raparigas que efectivamente já fizeram *graffiti*. Esta diferença é de cerca de 10% com predominância para os rapazes.

Todas estas tendências não têm significância estatística e só poderão ser comprovadas com estudos posteriores mais específicos, que se concentrem, por exemplo, nos papéis dos sexos no *graffiti* ou nos tipos de marcações feitos por indivíduos de sexos diferentes. Sobre estes aspectos, é interessante constatar que no Ponto 5, sobre a componente motivacional do *graffiti*, nas zonas não urbanas, cerca de 50% das respostas da classe K (Por outra razão. Diz qual.) dadas pelas raparigas estavam vocacionadas para a expressão de sentimentos e emoções. Ora, marcações do tipo "Amo-te" não são *graffiti*, ou pelo menos não poderão ser classificados na tipologia TTP, logo não constituem objecto deste estudo.

Estas questões estão também relacionadas com as limitações inerentes aos inquéritos. Segundo SOMMER & SOMMER (1997), um inquérito não é a melhor forma de inferir sobre questões motivacionais muito específicas, sendo, no entanto, uma boa ferramenta para dar uma perspectiva geral da questão que se está a estudar. Apenas uma abordagem mais pessoal, com entrevistas individuais e estudos de caso poderão responder definitivamente a estas complexas questões motivacionais.

Outra limitação dos inquéritos está relacionada com a expectativa dos inquiridos sobre as respostas que o investigador pretende obter (SOMMER & SOMMER, 1997). Não havia, no inquérito (Anexo II), nenhuma informação sobre a relação do graffiti com a territorialidade ou com outro qualquer aspecto, logo os inquiridos desconheciam o objecto de estudo e não teriam qualquer expectativa sobre a pretensão do inquérito, além do estudo do *graffiti* no sentido lato. Não se descarta, no entanto, que à falta de outras opções motivacionais, que iriam, aliás, tornar o inquérito moroso de realizar e extremamente complexo de tratar e inferir resultados, os indivíduos tenham feito o compromisso de escolher as opções dadas. O caso das motivações das raparigas, abordadas acima, em que a componente sentimental e emotiva aparece frequentemente, é disso exemplo. Não nos podemos esquecer que estamos, na maior parte dos casos (veja-se a média de idades), a lidar com adolescentes que se encontram numa fase de exploração de sentimentos e

numa maior abertura à problemática da sexualidade (SPRINTHALL & COLLINS, 1999).

A natureza pioneira desta investigação sugere, aliás, que haja mais questões na conclusão dos trabalhos, do que propriamente respostas sobre os problemas levantados. Está, assim, aberta a porta a investigações posteriores sobre este assunto.

4. | CONCLUSÕES

O facto deste trabalho ser pioneiro em termos de aplicação de conhecimentos de Sociobiologia e Etologia ao estudo do *graffiti* como marcação territorial, levantou diversas limitações e dificuldades. A mais marcante foi a inexistência de um conjunto de procedimentos metodológicos, pelo que estes tiveram que ser, na sua esmagadora maioria, delineados de raiz e testados para cada propósito. Este facto levou a que os trabalhos de campo fossem extensos, intensivos e morosos. Por outro lado, a metodologia utilizada carece de simplificação e aperfeiçoamento, de modo que a sua aplicabilidade futura seja mais rápida e menos complexa. Embora acredite que os procedimentos metodológicos sejam fiáveis, a quantidade de dados a amostrar é, de facto, massiva e de resolução lenta.

Os inquéritos utilizados também levantam algumas dificuldades, explicitadas na secção 3.4.. No entanto, considera-se que o inquérito foi a forma possível de angariar uma perspectiva geral da problemática do *graffiti*, perspectiva essa que serviu os seus propósitos de antecâmara para investigações posteriores, ao levantar questões ou expor situações que carecem de uma maior clarificação. Além disso, considera-se que a fiabilidade dos resultados dos inquéritos pode ser garantida pela dimensão da amostra e pelos testes de hipóteses realizados a todas as relações dedutíveis (LEHNER, 1996; FOWLER & COHEN, 1986).

O pioneirismo da investigação também se reflecte no facto de não haver bibliografia anterior que sirva de comparação aos resultados obtidos, e que permitisse assim um melhor enquadramento dos conhecimentos gerados. Como tal, apenas as investigações futuras no mesmo contexto poderão contribuir para as questões que ficam por responder.

Apesar das limitações expostas, os conhecimentos construídos ao longo desta investigação, permitiram delinear algumas conclusões gerais, que se espera poderem contribuir para um melhor conhecimento da territorialidade humana no espaço urbano:

- A distribuição de graffiti na área estudada, não se faz ao acaso; os locais preferenciais para a existência de marcações situam-se, preferencialmente, junto a escolas e a locais de lazer, ou seja, locais onde há uma agregação pontual de jovens; algumas ruas pouco movimentadas e algo conspícuas também constituem locais aprazíveis para a prática de marcações.

- A morfologia do *graffiti*, nomeadamente dos *tags*, reflecte-se mais frequentemente em dadas formas, cores, tamanhos, substratos e alturas comuns; os *tags* sugerem toda uma lógica de riscos e benefícios relacionados com a marcação territorial urbana, e que optimizam uma dada morfologia comum, que se materializa pela elevada frequência de um *tag* típico.

- Os grupos de indivíduos CG e GMB que se dedicam aos *tags* têm uma dinâmica de distribuição no espaço que sugere o estabelecimento de áreas que podem ser relacionadas com territórios e com outros espaços associados, como áreas nucleares e campos de reconhecimento; pode-se afirmar que os dois grupos ocupam espaços diferentes, que poderão ser considerados verdadeiros territórios caso se prove serem defendidos activamente contra intrusos. O grupo MF parece tratar-se de um *gang* territorial marginal, a ser estudado em trabalhos posteriores.

- A motivação para a prática territorial de *graffiti* é significativamente maior na cidade do Porto que nos meios rurais estudados; este facto poderá ser explicado pela natureza do ambiente urbano e a resposta em comportamento territorial dos indivíduos que aí vivem, de forma a aumentar a sua aptidão.

5. | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos 80000 anos desde a grande migração dos humanos de África que repopulou a Terra com uma única espécie humana, o clima e o ambiente moldaram uma multiplicidade de raças adaptadas às condições de qualquer parte do Planeta. No séc. XXI, a tecnologia consegue transpor quase todas as diferenças culturais, globalizando o Mundo e unindo os povos. No entanto, coincidentemente, aumenta a divisão económica e social das populações, causando tensões inter-raciais e inter-culturais que são notórias nas civilizações urbanas (MONTGOMERY, 2005).

A resolução destes problemas não parece passar pela reintegração de raças e de culturas que levaram milénios a divergir. Segundo MONTGOMERY (*idem*), esse esforço seria apenas uma "cruzada contra-evolucionária", que não devemos empreender, muito menos pela força.

Por outro lado, não podemos segregar as raças e as culturas, dado que elas, de facto, têm que coabitar. As experiências Norte-americanas dos anos 1960 e o Apartheid Sul-africano são exemplos históricos do carácter desumano e repudiável da segregação. Exemplos recentes foram dados pelos distúrbios em Paris, em Outubro de 2005, com jovens de origem predominantemente magrebina a protagonizarem cenas de violência e destruição.

A ciência em geral e a Biologia, em particular, podem e devem dar respostas a esses problemas: numa fase analítica, encontrando na evolução social humana e na realidade social urbana as razões das tensões sociais, para depois, numa fase efectora, encontrar as soluções e aplica-las.

Como refere Desmond MORRIS, (1969), os líderes, os estadistas, os grandes responsáveis pelos seus povos, não devem ser apenas os bons mediadores e negociadores sócio-económicos que são. Devem também tentar ser melhores "biólogos", dado que é a forma mais directa de compreender o humano em toda a sua complexidade.

Os problemas das sociedades urbanas, que já vimos serem devidos a tensões sociais diversas, quer sejam inter-pessoais ou inter-grupais, radicam sobretudo na nossa inadaptação à artificialidade evolutiva das grandes urbes. A nossa natureza ancestral de caçadores lava-nos a buscar uma vida mais

activa, com objectivos ambiciosos que, quer na sua empresa – o próprio acto de caça simbólica, quer na finalidade – a aquisição da presa simbólica, nos aportem satisfação. Necessitamos, também, do conforto e protecção da aldeia primordial e do seu grupo restrito de familiares e conhecidos.

Quando a cidade não oferece alternativas à caça simbólica e quando não as conseguimos encontrar pelos nossos próprios meios, a insatisfação criada pode levar-nos a traduzir a tensão não resolvida em comportamentos anti-sociais. Da mesma forma, a sensação de insegurança provocada pela enorme quantidade de estranhos de uma cidade, amplifica ainda mais essa mesma tensão.

Nas tribos urbanas, cada vez mais segregadas em consequência dos grandes contrastes sociais, económicos e culturais, cresce então uma tensão muito própria do séc. XXI: os territórios de grupo surgem como um factor preponderante, dado que o humano, como animal territorial que é, em confronto com essa tensão, encontra mais vantagens em defender um território como garante da sobrevivência e reprodução de cada um dos indivíduos do grupo, que cooperam entre si.

Resumindo, o aumento da tensão urbana provoca subsequente reforço do comportamento territorial.

O *graffiti* é um fenómeno marginalizado quer por opção própria dos *writers*, quer pelos sectores da sociedade que não o compreendem. Associa-se, muitas vezes correctamente, o *graffiti* a jovens de classes sociais desfavorecidas, que vivem em bairros sociais. A falta de verdadeiras políticas de integração social, o preconceito em relação à origem (raça, local, etnia, classe económica), a ociosidade a que estes jovens são sujeitos, a falência do sistema educativo e a escassez de oportunidades que lhes são concedidas, parecem ser os principais factores na base do misantropismo destes jovens. Por outro lado, esse misantropismo tem vindo a tornar-se, em determinados sectores sociais e económicos, num modelo a seguir, principalmente pela natureza apelativa da sua estética e modo de ser rebelde. Determinadas sub-culturas como o hip-hop ou o *graffiti*, passaram a representar imagens de marca que pervertem, muitas vezes, o sentido original da sub-cultura que lhes serviu de modelo, passando a integrar o imaginário e estilo de vida da generalidade dos jovens.

Importa, por isso, distinguir a linha ténue que separa a verdadeira sub-cultura e suas manifestações naturais ou aspectos mais ou menos marginais, da generalidade da população, sendo que esse estudo poderá estar mais relacionado com a Sociologia.

As cidades do presente são meios extremamente complexos, comparáveis a um caldeirão em que se funde um grande conjunto de culturas, raças, etnias e estratos sociais. No entanto, estruturalmente, o traçado das cidades, na generalidade, continua a ser o mesmo da Revolução Industrial. O Porto é bem exemplo dessa desadequação da cidade-espço à cidade-sociedade, com zonas completamente centrais à cidade mas, no entanto, profundamente desintegradas em termos sociais, onde os seus habitantes têm cada vez menos oportunidade de qualidade de vida. Existe ainda a agravante da desertificação do centro da cidade por via do êxodo dos habitantes para a periferia, causando além dos visíveis problemas de transporte e mobilidade diários, um ambiente de carácter inseguro e marginal, principalmente à noite.

Os *graffiti* parecem, pela sua profusão e localização, querer assinalar a presença de uma dada tribo ou indivíduo, quer se tratem de marcações grupais ou individuais, respectivamente. Se a cidade apresenta divisões territoriais mais ou menos definidas entre grupos dominantes e grupos marginalizados, e que estes, em particular, têm mais necessidade de defesa territorial, torna-se claro que há uma evidência territorial no fenómeno do *graffiti*, independentemente da sua identificação cultural.

Com isto, não pretendo generalizar o fenómeno do *graffiti*, colando-o às actividades anti-sociais. Este erro de incompreensão social resulta num preconceito irresponsável que pode causar dificuldades a muitos jovens que perspectivam o *graffiti* num patamar artístico, estético e cultural, fazendo deste, mais do que uma actividade, um modo de vida. Esses mesmos jovens são os primeiros a reprovar a actividade dos *taggers* e a olhar para as suas marcas como poluição visual. Aliás, o *tagger* que não faz mais que rabiscos é ostracizado pelos *graffiters* que se dedicam exclusivamente às *pieces*. Esta distinção é essencial na compreensão do fenómeno do *graffiti*.

Emerge desta investigação que a Escola é central ao fenómeno do *graffiti* e ao seu enquadramento territorial. Essa centralidade da Escola e, nomeadamente, da população estudantil, reflecte-se, essencialmente, em dois

aspectos da investigação, a saber: as escolas e os espaços envolventes na sua relação com a densidade e distribuição do *graffiti* e o estudo da componente motivacional dos *graffiti* através de inquéritos realizados a estudantes das escolas da área em estudo e, como controlo, a estudantes de zonas não urbanas. Os novos paradigmas educacionais enfatizam o papel do contexto social dos alunos. Nomeadamente, a perspectiva de Ensino Por Pesquisa (EPP) preconiza o conhecimento que os professores devem ter sobre os saberes pessoais, culturais, sociais e académicos que os alunos já possuem, e de como estes aspectos devem ser um dos pontos de partida para a construção das aprendizagens (CACHAPUZ, 2001). Trata-se, assim, não só de basear a aprendizagem nos conhecimentos que o aluno já possui, como também de aproveitar o *background* sócio cultural específico do aluno como impulsionador do processo educativo. Neste sentido, sendo que o *graffiti* é já um fenómeno com uma grande influência no seio dos jovens, é de todo vantajoso considera-lo, também, como parte integrante de todo o ambiente que assiste ao desenvolvimento cognitivo e afectivo do aluno. Assim sendo, o *graffiti* deve encontrar na dinâmica social escolar a sua racionalização, sendo que os membros da Comunidade Escolar responsáveis pela educação dos jovens devem estar a par deste fenómeno, preparando-os também nesta perspectiva, para um Futuro que se pretende construído pelos ideais de uma liberdade responsável e na senda de uma Sociedade do Conhecimento.

A aplicação dos procedimentos metodológicos desenvolvidos nesta dissertação, surtiram efeito na área em estudo, produzindo dados e gerando conhecimento. Estou convicto que a mesma metodologia resulte noutras áreas e mesmo noutras cidades, quaisquer que sejam. Considero, no entanto, que apenas essa aplicação futura possa validar de forma inequívoca os métodos que desenvolvi, e até mesmo adaptá-los de acordo com as exigências de futuras investigações, sejam ou não da área de Biologia. Sectores mais técnicos como o Urbanismo, poderão também beneficiar dos mesmos procedimentos no sentido de conhecerem mais profundamente a dinâmica do *graffiti* numa dada área ou numa cidade inteira. Aliás, acredito que a forma como uma cidade é construída, alterada ou aumentada, pode contribuir para uma distribuição diferente dos tipos de *graffiti*, ajudando a diluir o efeito nocivo dos *tags* e incentivando o desenvolvimento de tipos de *graffiti* de menor ou

inexistente significado territorial, como as *pieces*, valorizando-as como forma de arte urbana e decoração do espaço público. Para tal, é necessário um maior esforço de compreensão sobre o fenómeno TTP, principalmente sobre o seu significado como método de aprendizagem para o *graffiti*. JACOBSON (1997), refere, aludindo á sua realidade social sueca, que nos seus estudos concluiu que a maior parte dos indivíduos que se dedicam ao graffiti seguiram o método de evolução da lógica TTP, começando por *tags* e aperfeiçoando as suas técnicas até à *piece*. A maioria destes jovens que foram estudados, não tem qualquer problema com drogas ou com as autoridades, pertencem a classes sociais estáveis e têm uma forte vocação artística. Quando nos reportamos á realidade portuguesas, as questões que surgem são óbvias: uma melhor sensibilização dos jovens em idade escolar para a arte e a expressão visual em particular, surtiriam efeito no sentido de diminuir a frequência de *tags*? Talvez, mas para isso era preciso, também, diluir a componente territorial dos *tags*, por via de uma maior harmonização do espaço urbano, criando condições para que os jovens vivam, realmente, *para lá da sobrevivência*, utilizando a expressão de MORRIS (1996), ou seja, que não estejam dispostos a pressões de génese urbana e que aproveitem a criatividade que uma cidade tem para oferecer, de forma a explorarem e a aumentarem as suas potencialidades artísticas. Caso contrário, acredito que os rabiscos vão continuar a ser feitos no futuro, como já o eram desde os tempos da Roma antiga, como testemunho da nossa passagem pelo território e como chamada de atenção para a natureza artificial das cidades.

Esta investigação centrou-se principalmente no estudo das marcações e das suas características morfológicas e distribuição no espaço, sendo que o indivíduo que se dedica ao *graffiti* foi, desta forma, estudado indirectamente. Apenas os inquéritos pretenderam inferir as características pessoais e motivacionais dos indivíduos que se dedicam ao *graffiti* dentro de uma determinada população escolar. Estudada que está, do ponto de vista funcional, a obra, e abordados superficialmente os sujeitos, o estudo da territorialidade urbana através dos *graffiti* carece de métodos de aproximação aos indivíduos, nomeadamente de entrevistas e *case studies*. Seria interessante do ponto de vista etológico, partir das questões que esta investigação levantou e observar de perto os *writers*, a sua dinâmica pessoal e grupal, as suas ideias e modo de

vida. Trata-se de transitar do estudo do *graffiti* (objecto) para o estudo do *writer* (sujeito), de compreender de uma forma mais profunda a existência e a persistência dos comportamentos subjacentes à actividade de marcação do espaço urbano.

O estudo da Biologia do comportamento humano em ambientes urbanos começa a dar passos seguros, vindo de uma fase descritiva que encontra o seu corolário no livro *The Human Zoo* de Desmond Morris, para uma fase analítica da qual se destaca o trabalho de Karl Grammer e da sua equipa no Ludwig Boltzmann Institute for Urban Ethology, em Viena. O objecto de investigação desta área da Biologia, o humano que vive nas grandes cidades, constitui uma população cada vez maior e mais diversificada, sujeita no entanto, a um ambiente que não experimentou grandes alterações nos últimos séculos. A generalidade das cidades actuais não oferece alternativas a uma vida com qualidade e sem tensões sociais prejudiciais. Estas, por sua vez, impelem os cidadãos cada vez mais para um caminho onde a agressão natural e evolutivamente estável, fruto de não encontrar uma resposta eficaz ao ambiente social, vai dando origem a acessos de violência. Onde os instintos humanos naturais, ao não encontrarem uma satisfação plena, acabam por ser fonte de frustração quando deviam ser um meio de realização pessoal. Torna-se, assim, urgente que os conhecimentos desenvolvidos pela Biologia sejam aplicados em resposta aos grandes problemas urbanos, empreendendo o caminho vaticinado por Desmond MORRIS (1969), de transformar os jardins zoológicos humanos que são as cidades, em reservas naturais onde se viva feliz.

6. | BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER, R. D. (1975): The search for a general theory of behavior. *Behavioral Science*. **20**: 77-100.
- ALCOCK, J. (1998): *Animal Behavior: An Evolutionary Approach*. Sinauer Associates.
- AVITAL, E., JABLONKA, E. (2000). *Animal Traditions, Behavioural Inheritance in Evolution*. Cambridge University Press.
- BEATY, J.; GRAY, D. (1990): Zap! You've Been Tagged. *Time*. September 10, 1990: **43**.
- BACELAR, J. (2004): *Notas sobre a mais velha arte do mundo*. Universidade da Beira Interior. URL: bocc.ubi.pt/pag/bacelar-jorge-notas-mais-velha-arte-mundo.html
- BREWER, D. D. (1992): Hip Hop Graffiti Writer's Evaluation of Strategies to Control Illegal Graffiti. *Human Organization*. **2**: 188-9.
- BREWER, D. D.; MILLER, M. L. (1990): Bombing and Burning: The Social Organization and Values of Hip Hop Graffiti Writers. *Deviant Behaviour*. **11**: 345-369.
- CACHAPUZ, A.F. (org.) (2001): *Perspectivas de Ensino das Ciências. Textos de Apoio*. Porto: Centro de Estudos em Educação em Ciência. **1**: 45-72.
- CHALFANT, H. (1987): *Spraycan Art*. New York: Thames & Hudson Inc.
- CHARLES, D. H. (1971): TAKI 183 Spawns Pen Pals. *New York Times*. July 10, 1971: **37**.

- CLARKE, R. (1989): *O Homem Mutante*. Bertrand Editora.
- COSTA, H. M. (2000) *Padrão de utilização de latrinas e sua relação com a estrutura da paisagem por geneta, Genetta genetta L., na Serra de Grândola*. Tese de Licenciatura. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- COSTA, R. J. (2001): Graffiti: um crime de arte? *A Página da Educação*. Ano 10, Outubro 2001. **106**: 16.
- CUNHA, S. (2003). *Graffiti, Arte ou Vandalismo? Processos de legitimação*. ISCTE. URL: <http://maracuja.homeip.net/doc/soc/graffiti-cult>
- DAWKINS, R. (2003): *O Gene Egoísta*. 3ª edição. Lisboa: Gradiva.
- DIEGO, J. (1997): *La Estética del Graffiti en la Sociodinámica del Espacio Urbano*. Ed. Universidad de Zaragoza.
- EIBL-EIBESFELDT, I. (1989): *Human Ethology*. New York: Aldine de Gruyter, Inc.
- ELEMENT, Kevin. (1996): *Hard Hitting Modern Perspectives on Hip Hop Graffiti*. Art Crimes. Toronto: URL: <http://www.graffiti.org/faq/element.html>.
- FAST, J. (2001): *A Linguagem do Corpo*. Lisboa: Edições 70.
- FOWLER, J. & COHEN, L. (1986): *Statistics for Ornithologists*. BTO Guides.
- GASTMAN, R.; ROWLAND, D.; SATTler, I. (2006): *Freight Train Graffiti*. London: Thames and Hudson Inc.
- GLOCK, N. (2004): Arte de Rua. *Notícias Magazine*. **646**: 36-42.

- GOODENOUGH, J., MCGUIRE, B., WALLACE, R. (1993): *Perspectives in Animal Behaviour*. John Willey & Sons.
- GRUBB, P., JEWELL, P. A. (1966). Social Grouping and Home Range in Feral Soay Sheep. In: *Play, Exploration and Territory in Mammals*. Zoological Society of London. London: Academic Press.
- GUIMARÃES, B. (2005): Graffitis e civismo. *Jornal de Notícias*, 22 de Fevereiro de 2005.
- GUYOMARC'H, J.-C. (1995). *Éthologie*. Masson. 2ª edição. 241 pp.
- HAVILAND, W. A. (2003): *Human Evolution and Prehistory*. Sixth Edition. Belmont: Wadsworth/Thomson Learning.
- JACOBSON, S., (1997): *The Spray-Painted Image, Graffiti Painting as Type of Image, Art Movement and Learning Process*. Department of Art History and Center of Youth Research. Lund University, Sweden. URL: <http://www.hiphop-network.com/articles/graffiti-articles/staffanjacobson.asp>
- JACOBSON, S. (2001): *A Brief History of Graffiti Research*. © Staffan Jacobson. URL: <http://www.rooke.se/rocketime26.html>.
- LEHNER, P. N. (1996): *Handbook of Ethological Methods*. Second Edition. Cambridge University Press.
- LEY, D. & CYBRIVSKY, R. (1974): Urban Graffiti as Territorial Markers. *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 64. 4: 491-505.
- LORENZ, K. (1960): Methods and Approach to the Problems of Behaviour. *The Harvey Lectures*. 60-103.

- LUNA, J. (1995): Erradicating the Stain: Graffiti and Advertising in Our Public Spaces. *Bad Subjects*. April 2005: 20.
- MOLLER, D. (2005): Isso põe-me forma de mim! *Seleções do Reader's Digest*. Ed. Portuguesa. Julho de 2005.
- MONTGOMERY, D. (2005): *A Search for the Origins and Evolution of Humankind in Africa. Book One: The Aquatic Ape and African Eve*. Suffolk: DSC Montgomery.
- MORRIS, D. (1956). The feather postures of birds and the problem of the origin of social signals. *Behaviour*, 9: 75-113.
- MORRIS, D. (1969): *The Human Zoo*. Jonathan Cape, Ltd.
- MORRIS, D. (1996): *O Animal Humano. Uma Perspectiva Pessoal da Espécie Humana*. Lisboa: Gradiva.
- ODUM, E. P. (2001): *Fundamentos de Ecologia*. 6ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- OPPENHEIMER, S. (2003): *Out of Eden, The Peopling of the World*. Constable.
- ORIAN, G. (1971): Ecological aspects of behaviour. In: *Avian Biology*. Farner & King. I: 513-546.
- PADWE, S. (1971): The Aerosol Autographers - Why They Do It. *Philadelphia Inquirer Magazine*. May 2, 1971: 8-10, 12, 44.
- PITÉ, M. T. R. & AVELAR, T. (1996): *Ecologia das Populações e das Comunidades. Uma abordagem evolutiva do estudo da biodiversidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- PUBLICO, 14 de Setembro de 2004. "Mais de metade da população será urbana até 2030". 25.
- QUEIRÓZ, F. (1999): *Introdução à Psicologia da Escrita*. Porto: Campo das Letras.
- RAE, J. (2004): The Newspaper of the Street. National Alliance of Gang Investigators Associations. URL: <http://www.nagia.org/graffiti.htm>.
- RAVEN, P. & JOHNSON, G. (2002): *Biology*. 6th. Edition. Boston: McGraw-Hill.
- RIDLEY, M. (2004): *A Rainha de Copas: o Sexo e a Evolução da Natureza Humana*. Lisboa: Gradiva.
- SKYUM-NIELSEN, A. (1987): *Graffiti - en kriminologisk undersøgelse*.
- SOEIRO, J.; LOPES, J. T. (2003): A palavra no muro: Graffitis e esquerda. *A Comuna*. 1.
- SOMMER, B. & SOMMER, R. (1997): *A Practical Guide to Behavioural Research. Tools and Techniques*. Fourth Ed. Oxford University Press.
- SPRINTHALL, N. A., COLLINS, W. A. (1999). *Psicologia do Adolescente, Uma Abordagem Desenvolvimentalista*, 2^a edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- TRIVERS, R. L. & HARE, H. (1976): Haplodiploidy and the Evolution of Social Insects. *Science*, **191**: 249-263.
- VERHAEGEN, M.J.M. (1987): Aquatic ape theory and speech origins: a hypothesis. *Speculations in Science and Technology*, **11**: 165-171. URL: http://allserv.rug.ac.be/~mvaneech/Fil/Verhaegen_Language_SpeculationsScienceTechnology.html

VERÍSSIMO, A. (2006): O Homem e a sociedade artificial. *O Primeiro de Janeiro*, 22 de Janeiro, 2006.

VOLAND, E. (1999): *Elementos de Sociobiologia*. Lisboa: Coleção "Epigénese e Desenvolvimento", Instituto Piaget.

WATSON, A. (1970): *Animal Population in Relation to their Food Resources*. Oxford: Blackwell Science Publications.

WILSON, E.O. (1975): *Sociobiology: The New Synthesis*. Cambridge: Harvard University Press.

7. | WEBGRAFIA

The Legends of "Kilroy was here":

<http://www.kilroywashere.org/001-Pages/01-0KilroyLegends.html>

At 149 Street - New York City Cyber Bench:

www.at149st.com

Art Crimes - the writing on the wall:

www.graffiti.org

Research randomizer:

<http://www.randomizer.org>

Social Psychology Network:

<http://www.socialpsychology.org>

8. | ANEXOS

ANEXO I - FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DE GRAFFITI

Ficha de Caracterização de Graffiti		
Graffiti n.º _____		
Localização: _____ n.º. ____ Sector: _____		
Suporte:		
☐ parede/muro pintado	☐ outro: _____	
☐ parede/muro de pedra	_____	
☐ azulejo	_____	
☐ pedra polida	Cor do suporte: _____	
☐ vidro	_____	
☐ madeira	_____	
Tipo de edifício: _____		
Altura do solo (cm):		
☐ [0, 50[	☐ [100, 150[	☐ outra: _____
☐ [50, 100[	☐ [150, 200[	_____
Material:		
☐ spray	☐ outro: _____	
☐ marcador	_____	
☐ pincel	_____	
Cor: _____ Largura do traço: _____		
Esquema / Imagens: _____		
Observações:		

ANEXO II - INQUÉRITO

INQUÉRITO

Os grafitos (*graffiti*) são pinturas ou palavras escritas nas paredes, geralmente efectuadas por jovens, sós ou em grupos. Pretendemos estudar as razões que levam a que esta actividade, causadora de grandes prejuízos e, por isso, ilegal, tenha cada vez mais seguidores. Trata-se de um assunto sério. Por isso te pedimos que respondas honestamente ao inquérito que se segue. Não precisas de o assinar. O teu anonimato será integralmente garantido.

1. Qual é a tua idade? ____ anos;

2. Qual é o teu sexo? M ☐ ; F ☐ ;

3. Alguma vez escreveste ou pintaste paredes?

SIM ☐ ;

NÃO ☐ .

➤ Se respondeste SIM, passa para a pergunta 5.

4. Já alguma vez tiveste vontade de escrever ou pintar paredes?

SIM ☐ ;

NÃO ☐ .

➤ Se respondeste NÃO, o teu inquérito terminou. Muito obrigado pela colaboração.

➤ Se respondeste SIM, passa para a pergunta 5.

5. Indica a razão ou razões (assinala as mais importantes até um máximo de 3) que te motivaram a escrever e pintar nas paredes ou a ter vontade para o fazer:

A) Para expressar a tua capacidade artística ☐ ;

B) Para marcar o teu território ou do teu grupo ☐ ;

C) Para comunicar, deixando uma mensagem ☐ ;

D) Para deixar a tua marca pessoal ☐ ;

E) Para desafiar a polícia e as leis da sociedade ☐ ;

F) Para identificar o grupo a que pertences ☐ ;

G) Porque fazê-lo te dá uma sensação de poder e fama ☐ ;

H) Pelo prazer de sujar e destruir os valores da sociedade ☐ ;

I) Para ameaçar alguém ou alguma coisa ☐ ;

J) Para homenagear alguém ou alguma coisa ☐ ;

K) Por outra razão. Diz qual:

O teu inquérito está concluído. Muito obrigado pela colaboração!

ANEXO III - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO À DREN PARA REALIZAÇÃO DE INQUÉRITOS EM ESCOLAS DA ZONA DE ESTUDO

Exmo. Senhor
Director Regional de Educação do Norte
Porto

Assunto: autorização para realização de um inquérito.

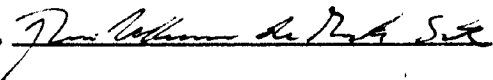
Rui Valdiviesso de Miranda Santa, portador do Bilhete de Identidade n.º 11493005, emitido pelo arquivo do Porto em 16/07/2004, residente no Largo Soares dos Reis, 8 - 4º Esq., 4300 - 486 Porto, telefones n.º 225362508 / 936381317, requer a V. Ex.ª autorização para a realização de um inquérito, no âmbito da Dissertação de Mestrado em Biologia para o Ensino, pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

O tema da dissertação é "Contribuição para o Conhecimento da Natureza Territorial em *Homo sapiens*: possíveis implicações para o grupo escolar", sendo orientada pelo Professor Doutor Paulo Fontoura, do Departamento de Zoologia e Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.

O inquérito visa estudar o comportamento dos alunos relativamente aos *graffiti* como evidência de marcações territoriais, sendo que a área em estudo se situa na envolvência dos seguintes estabelecimentos de ensino, objecto deste pedido de autorização: Escola Secundária/3 Alexandre Herculano, Escola EB 2/3 Augusto César Pires de Lima e Escola EB 2/3 Ramalho Ortigão.

O inquérito destina-se a ser respondido por alunos dos 9º e/ou 10º anos de escolaridade dos estabelecimentos de ensino referidos, e é anónimo, de pequenas dimensões, sendo o mínimo possível interferente com a normalidade das actividades lectivas.

Com os meus melhores cumprimentos,

Porto, 06 de Abril de 2005, 

Em anexo: cópia do inquérito.

ANEXO IV - RESPOSTA DA DREN AO PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA INQUÉRITOS

 Ministério da Educação

DREN

C/Conhecimento:

Exmo Senhor
Rui Valdiviesso de Miranda Santa
Largo Soares dos Reis, nº8 - 4º
Esq.
4300-486 PORTO

Sua referência
carta

Sua comunicação / Data
2005.04.06

Nossa referência / Data
DSP-E2

019764 18-APR-05

ASSUNTO: Pedido de autorização para a realização de um questionário a alunos da Escola Secundária/3 Alexandre Herculano e Básicas c/2º e 3º ciclos Ramalho Ortigão e Augusto Pires de Lima

Relativamente ao assunto mencionado em epígrafe, informa-se Vª Exª de que esta DRE não vê qualquer inconveniente na aplicação dos questionários desde que:

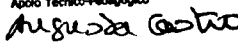
- não sejam prejudicadas as actividades lectivas;
- haja consentimento expresso do Órgão de Gestão do estabelecimento de ensino;
- seja feita a apresentação das conclusões gerais do estudo junto de cada comunidade educativa;
- seja dado cumprimento aos procedimentos legais de acordo com o Ofício-Circular DREN nº 12/2004, de 12 de Fevereiro.

Com os melhores cumprimentos,

 Director de Serviços

(Zeferino Lemos)
Equipe Multidisciplinar
Apoio Técnico-Pedagógico

IPL


Augusta Castro
Coordenadora

DIRECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO NORTE

1/1

Rua António Carneiro • 4349-003 • Porto • PORTUGAL
Tel.: (351) 225 191 100 • Fax: (351) 225 103 151
Website: www.dren.min-edu.pt
E-mail: dren@dren.min-edu.pt

ANEXO V - SOBREPOSIÇÃO DOS MAPAS CG E GMB

(VER AS DUAS PÁGINAS SEGUINTE)

Mapa das Marcações CG

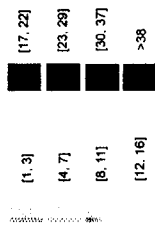
Legenda:

[1, 3]	[17, 22]
[4, 7]	[23, 29]
[8, 11]	[30, 37]
[12, 16]	>38



Mapa das Marcações GMB

Legenda:



9. | GLOSSÁRIO DE TERMOS RELACIONADOS COM GRAFFITI

Beb - personagem que adorna uma composição ou piece; o mesmo que Character.

Bite - imitar o estilo de outro writer.

Biting - imitação do estilo de outro writer.

Bomber - writer que faz bombing.

Bombing - fazer throw-ups e tags compulsivamente num local e num curto espaço de tempo.

Bubble - estilo de letras grandes e redondas, com o formato de bolhas.

Buff - remoção do graffiti por via de qualquer meio que sirva para o efeito.

Burn - o mesmo que piece.

Cap - aspersor de uma lata de aerossol, que pode ter diferentes grossuras de traço de tinta.

Character - o mesmo que beb.

Cross - pintar por cima de outro tag ou graffiti.

Detonado - local ou parede cheio de bombing. Esta expressão é usada principalmente no Brasil.

Fade - misturar cores.

Fake - indivíduo que adota o estilo de vestir e a maneira de estar dos writers, mas que não é um deles.

Fat cap - cap que asperge um traço grosso. O mesmo que phatcap.

Fill-in - preenchimento do interior das letras de um throw-up ou piece.

Graffitar - acto de fazer um graffiti. Resulta da conjugação da palavra "graffiti" com a terminação verbal portuguesa do infinitivo, "ar".

Graffiti - (TTP) uma assinatura estilizada de uma pessoa ou grupo de pessoas, que pode assumir formas, tamanhos ou tipologias diversas.

Graffiter - indivíduo que faz graffiti. O mesmo que writer.

Heavens - locais de difícil acesso para fazer graffiti, tais como pontes, auto-estradas ou topos de edifícios.

HHP - sigla para Hip Hop Graffiti; classificação do graffiti proposta por Devon BREWER (1992).

Hot - zona privilegiada para fazer graffiti, quer pela grande visibilidade, quer pelo risco de grafitar nessa zona.

King - writer experiente, admirado e/ou reconhecido pelos seus pares.

Masterpiece - obra prima; o mesmo que piece.

Outline - Contorno das letras num throw-up ou piece.

Phatcap - o mesmo que fat cap.

Piece - tipo de graffiti mais complexo, que exige um aprimoramento técnico e estético. É muitas vezes complementado com characters.

Piece book - livro ou caderno de resenhos de um writer que se dedica à pintura de pieces.

Props - cumprimentos ou dedicatórias de um writer ou crew.

Queimar spots - encher um bom local para graffiti com tags e throw-ups, e que, conseqüentemente, fica com menor disponibilidade para trabalhos de writers que se dedicam às pieces.

Scratch - riscar ou passar por cima de outro graffiti.

Sketch Book - o mesmo que piece book.

Skills - conjunto de competências técnicas dominadas por um writer.

Skinny cap - cap que asperge um traço fino.

Tag - tipo de graffiti mais rudimentar, que consiste apenas numa assinatura estilizada, feita numa única cor.

Throw-up - tipo de graffiti rudimentar que consiste em letras grandes, geralmente em estilo Bubble, preenchidas por uma cor (fill-in) e contornadas por outra (outline) e cuja execução é rápida.

Toy - writer inexperiente, que se dedica principalmente a tags e throw-ups

TTP - sigla para Tags/Throw-ups/Pieces; classificação do graffiti proposta por Staffan JACOBSON (1997).

Wall of Fame - mural ou parede cheio de pieces de elevada qualidade

Writer - aquele que faz graffiti. O mesmo que graffiter.

Writing - o mesmo que graffiti.

Referências do glossário:

BACELAR, J. (2004): *Notas sobre a mais velha arte do mundo*. Universidade da Beira Interior. URL: [bocc.ubi.pt/pag/ bacelar-jorge-notas-mais-velha-arte-mundo.html](http://bocc.ubi.pt/pag/bacelar-jorge-notas-mais-velha-arte-mundo.html)

BREWER, D. D. (1992): Hip Hop Graffiti Writer's Evaluation of Strategies to Control Illegal Graffiti. *Human Organization*. 2: 188-9.

GASTMAN, R.; ROWLAND, D.; SATTler, I. (2006): *Freight Train Graffiti*. London: Thames and Hudson Inc.

JACOBSON, S. (1997): *The Spray-Painted Image, Graffiti Painting as Type of Image, Art Movement and Learning Process*. Department of Art History and Center of Youth Research. Lund University, Sweden. URL: <http://www.hiphop-network.com/articles/graffiti-articles/staffanjacobson.asp>

RAE, J. (2004): *The Newspaper of the Street*. National Alliance of Gang Investigators Associations. URL: <http://www.nagia.org/graffiti.htm>.